

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Do Património ao Parque: Olivais Sul em Renovação

Elisabete Alexandra de Vasconcelos Ventura

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Maria Rosália da Palma Guerreiro, Professora Auxiliar,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Orientador:

Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Associado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2025



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Do Património ao Parque: Olivais Sul em Renovação

Elisabete Alexandra de Vasconcelos Ventura

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Maria Rosália da Palma Guerreiro, Professora Auxiliar,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Orientador:

Doutor José Luís Possolo de Saldanha, Professor Associado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2025

*Ao meu marido e às minhas filhas, Laura e Clara,
dedico este trabalho, em reconhecimento pelo amor,
pelo apoio incondicional e pela inspiração
que tornaram possível esta caminhada.*

Agradecimentos

Expresso o meu mais sincero agradecimento a todos aqueles que, de diferentes formas, me acompanharam e demonstraram o seu apoio ao longo deste percurso.

Aos meus orientadores, Professora Doutora Rosália Guerreiro, Professor Doutor Arquiteto José Luís Saldanha e Professora Doutora Paula André, manifesto um especial reconhecimento pela confiança, incentivo e orientação fundamentais no desenvolvimento deste trabalho.

À minha família, e em particular ao meu marido e às minhas duas filhas, agradeço profundamente todo o apoio, incentivo e compreensão, sem os quais a concretização deste trabalho não teria sido possível.

Resumo

O presente ensaio tem como objeto de estudo a projeção de um parque urbano em parte da Célula E nos Olivais Sul, reabilitando e refuncionalizando um exemplar importante do património industrial têxtil, a Fábrica Barros.

Um parque similar foi previsto na célula C do Plano dos Olivais Sul, mas nunca executado, sendo hoje ainda mais imperativo que na altura, com o objetivo de criar uma ligação, atualmente inexistente, entre terrenos marginais e a malha urbana da restante Célula.

Visando o conforto ambiental, bem-estar físico e emocional, para garantir um desenvolvimento sustentável e equilibrado da região, pretende-se usar o espaço de três fábricas, integrando um complexo desportivo na paisagem, de forma a criar uma zona verde. Destes três equipamentos fabris, apenas a Fábrica Barros será reabilitada.

Esta intervenção insere-se na evolução natural das cidades, em que zonas industriais outrora periféricas, passaram a integrar zonas centrais, dinâmicas, com bastante para oferecer à cidade e aos seus habitantes.

A proposta pretende integrar na Fábrica Barros um núcleo artístico, que irá estabelecer uma continuidade entre a arquitetura, a natureza e a comunidade, promovendo uma vivência integrada e abrangente do espaço público.

Esta proposta responde ainda às atuais pressões urbanas, que sublinham a importância de planejar novos espaços verdes sustentáveis, que preservem a biodiversidade, regulem o clima e o ruído, e contribuam para uma cidade mais equilibrada.

Palavras-chave: Fabrica Barros, Olivais Sul, desenho urbano, parque urbano, refuncionalização

Abstract

This essay focuses on the design of an urban park in part of Cell E in Olivais Sul, through the rehabilitation and refunctionalization of a significant example of industrial heritage: the Barros Factory.

A similar park was originally planned in cell C, in the Olivais South Master Plan but was never implemented. Today, its development is even more urgent, aiming to create a currently non-existent connection between marginal lands and the urban fabric of the remaining cell.

With a focus on environmental comfort and physical and emotional well-being, essential for sustainable and balanced regional development, the proposal envisions using the space of three former factories, integrating a sports complex into the landscape to establish a new green area. Among these three industrial buildings, only the Barros Factory will be rehabilitated.

This intervention reflects the natural evolution of cities, where once-peripheral industrial zones have become part of central, dynamic areas with much to offer the city and its inhabitants.

The proposal includes the creation of an artistic hub within the Barros Factory, aiming to establish continuity between architecture, nature, and community, and to promote a fully integrated and inclusive experience of the public space.

It also responds to current urban pressures, emphasizing the importance of planning new sustainable green spaces that preserve biodiversity, regulate climate and noise, and contribute to a more balanced city.

Keywords: Barros Factory, Olivais Sul, urban design, urban park, refunctionalization

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	v
Índice de Figuras	ix
Índice de Quadros	xi
Lista de siglas	xiii
Introdução	1
Metodologia	2
1. Abordagem Territorial	5
1.1 Dos Campos aos Blocos: a Revolução Urbana dos Olivais	6
1.2. O decreto-lei 42.454 e o Gabinete Técnico de Habitação (GTH)	9
1.3. Os parques dos Olivais Sul e o contexto biofísico.....	13
1.4. A Unidade de Vizinhança	17
1.5. Panorama atual	18
2. Análise SWOT – Célula E dos Olivais Sul	23
2.1 Identificação do Problema — Célula E	24
2.2. Resgatar a história e o património industrial	25
3. Moldura conceptual aplicada aos Olivais	31
3.1 Diálogo entre o Contínuo Natural e a Terceira Paisagem	31
3.2 Diálogo entre a Paisagem Global e o Jardim da Metrópole em contexto de Unidade de Vizinhança	35
3.3 Património Industrial e Conservação Crítica: responsabilidade social e ética	38
3.4 Da ferrugem à cultura: exemplos de transformação industrial e patrimonial	42
3.5 Fabrica Barros: laboratório espontâneo da Terceira Paisagem	47
4. Estratégia – Célula E	49
4.1 Plano de Pormenor do Parque Urbano da Fábrica Barros.....	50
Conclusão	71
Referências Bibliográficas	73

Índice de Figuras

1.1	Desenho dos Olivais datado do século XVI.....	5
1.2	Mapa do Termo de Lisboa em 1527.....	6
1.3	Mapa da primitiva área da freguesia dos Olivais.....	7
1.4	Plano de Urbanização de Lisboa. E. Gröer, 1948.....	9
1.5	Planta de localização dos Olivais Norte e dos Olivais Sul.....	12
1.6	Planta com a Estrutura Celular dos Olivais Sul, 1959.....	13
1.7	Hipsometria dos Olivais Sul com os valores de altimetria.....	14
1.8	Mapa com as exposições solares.....	15
1.9	Mapa com a estrutura celular dos Olivais Sul, com indicação dos 2 parques existentes na célula C, no plano inicial.....	16
1.10	Mapa com a localização das escolas e centros cívicos, nas várias células dos Olivais Sul. Realizado pela autora.....	17
1.11	Mapa dos corredores verdes e áreas verdes dos Olivais Sul. Realizado no Qgis pela autora.....	20
1.12	Mapa com o tipo de solos e com a localização dos festos e talvegues, nos Olivais Sul.....	21
2.1	Planta Geral do projeto original da Fábrica Barros.....	25
2.2	Alçado Nascente da Fábrica Barros, Avenida Infante D. Henrique.....	27
2.3	Alçado Norte da Fábrica Barros, Avenida de Pádua.....	27
2.4	Alçado Poente da Fábrica Barros.....	27
2.5	Alçado Sul da Fábrica Barros.....	27
2.6	Corte da Fábrica Barros, interior Nascente.....	28
2.7	Corte da Fábrica Barros, interior Nascente.....	28
2.8	Alçado interior da Fábrica Barros Sul.....	28
2.9	Alçado interior da Fábrica Barros, Norte.....	28
3.1	Os Olivais na intersecção do Contínuo Natural, Terceira Paisagem, Paisagem Global, Jardim da Metrópole, Unidade de Vizinhança e Conservação Crítica.....	31
3.2	Parque Dora em Turim, antiga área industrial.....	39
3.3	Sinterbeckenplatz antigo complexo industrial, no Luxemburgo.....	40
3.4	Parque Paisagístico a Norte de Duisburg, antiga fábrica de aço e carvão.....	41
3.5	Vista aérea do Parc de La Villete em Paris, antigo matadouro.....	42
3.6	Fotografia aérea do Parc des Ateliers em Arles, antigo complexo industrial ferroviário.....	43
3.7	Kraftwerk em Berlim, antiga central elétrica.....	43
3.8	Zeche Zollverein em Essen, antiga mina de carvão.....	44
3.9	Centro cultural, antiga fábrica têxtil ASA.....	44
3.10	Oliva Creative Factory em São João da Madeira, antiga fábrica metalúrgica.....	45
3.11	Lx Factory em Lisboa, antiga fábrica de tipografia e material de guerra.....	45
3.12	Museu da Eletricidade em Lisboa, antiga Central Elétrica.....	46
4.1	Eixos de intervenção que derivam da requalificação da Fábrica Barros.....	49
4.2	PDM da zona dos Olivais.....	51
4.3	Mapa da zona oriental, destaque dos 3 parques existentes: Vale do Silencio, Vale Fundão, Cabeço das Rolas.....	51

4.4	Mapa da célula E, com destaque da zona de intervenção do projeto.....	53
4.5	Mesquita-Catedral de Córdoba	54
4.6	Matadero em Madrid, antigo matadouro.....	54
4.7	Matadero em Madrid, antigo matadouro.....	55
4.8	Planta do piso térreo da Fábrica Barros.	56
4.9	Planta do piso 1 da Fábrica Barros.	57
4.10	Planta da Cobertura da Fábrica Barros.	57
4.11	Perfil / Corte longitudinal Sul, da Fábrica Barros.	58
4.12	Perfil / Alçado longitudinal Sul, da Fábrica Barros.....	58
4.13	Corte transversal Poente, da Fábrica Barros.	58
4.14	Alçados exterior Nascente da Fábrica Barros, Avenida D. Infante Henrique.....	59
4.15	Alçado exterior Sul da Fábrica Barros.....	59
4.16	Alçados exterior Poente da Fábrica Barros.....	59
4.17	Alçados exterior Norte da Fábrica Barros, Avenida de Pádua.....	59
4.18	Alçado interior Nascente da Fábrica Barros.	60
4.19	Alçado interior Sul da Fábrica Barros.....	60
4.20	Perfil longitudinal do terreno, com alçado do estádio.	61
4.21	Corte longitudinal do terreno, e do estádio.	61
4.22	Planta do piso -1 do estádio. Realizado em CAD pela autora.....	61
4.23	Planta do piso térreo do estádio. Realizado em CAD pela autora.....	62
4.24	Planta da Cobertura do estádio. Realizado em CAD pela autora.....	62
4.25	Mapa representativo da drenagem da água da cota 84 até à cota 36, onde está localizado o depósito de água.....	65
4.26	Esquema representativo do uso da água armazenada no reservatório.....	66
4.27	Área de recreio pavimentada com o padrão característico dos Olivais, da autoria do Arquiteto Paisagista Álvaro Dentinho.....	66
4.28	Passeio em calçada portuguesa com padrão característico dos Olivais, da autoria do Arquiteto Paisagista Álvaro Dentinho.....	67
4.29	Caminho pedonal na proximidade do centro cívico-comercial principal, nunca construído.	67
4.30	Pavimento na proximidade do centro cívico-comercial principal com desenho característico em círculos.....	68
4.31	Maquete da praça Cidade do Luso situada nos Olivais Norte, da autoria de António Alfredo.....	69

Índice de Quadros

1.1	Parque fabril nos Olivais em 1875.....	8
1.2	Cronologia de intervenções urbanísticas realizadas nos Olivais, na 2.ª metade do século XX.	18
2.1	Análise SWOT da Célula E dos Olivais Sul.	23
3.1	O Contínuo Natural nas Leis de Bases do Ambiente	32
3.2	Evolução do papel dos espaços verdes internos nos Olivais.....	34
3.3	Análise da antiga Fábrica Barros na Célula E nos Olivais articulada com o conceito de Terceira Paisagem.	47
4.1	Quadro com as espécies arbóreas plantadas nos anos 60 nos Olivais Sul e as espécies a replantar no atual parque.	64

Lista de siglas

- TICCIH, The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage
(Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial)
- DOCOMOMO – Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods
of the Modern Movement (Documentação e Conservação de Edifícios, Sítios e Bairros
do Movimento Moderno)
- CML – Câmara Municipal de Lisboa
- DL – Decreto-lei
- GEU – Gabinete de Estudo de Urbanização
- GTH Gabinete Técnico de Habitação
- PDM – Plano Diretor Municipal
- EEM – Estrutura Ecológica Municipal
- REN – Reserva Ecológica Nacional
- PP – Plano de Pormenor
- PUO – Plano de Urbanização dos Olivais
- SWOT – Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats = Forças, Fraquezas,
Oportunidades e Ameaças.

Introdução

O Plano dos Olivais rompeu com os paradigmas arquitetónicos então vigentes em Portugal, tendo sido concebido sob certos princípios da Carta de Atenas de 1933, e com influência das *New Towns*, um programa de construção realizado no Reino Unido entre 1946 e 1970¹.

Afastando-se da lógica conhecida e usada das ruas direitas emolduradas por prédios, as unidades residenciais organizam-se em torno de um centro com comércio, serviços e zonas ajardinadas, estruturando a vida do bairro em torno deste núcleo. O espaço público, generoso e densamente arborizado, proporciona aos moradores uma vivência ao ar livre invulgar, compensando a dimensão reduzida dos apartamentos de habitação social.

Nos planos originais do Plano de Olivais Sul «o maior e mais ambicioso conjunto habitacional realizado por nós»², constava a realização, na célula C de um segundo Parque nunca executado, ao qual agora regressamos, considerando que é hoje ainda mais imperativo que na altura, com o objetivo de criar uma ligação, atualmente inexistente, entre terrenos marginais e a malha urbana da restante Célula.

A proposta de criação de um parque urbano nesta célula, terá um conjunto significativo de mais-valias: recuperar e utilizar a Fábrica Barros, marco histórico industrial assinado por Cottinelli Telmo e Veloso Camelo, valorizar a envolvente, requalificar o complexo desportivo, possibilitar novos usos, promover benefícios para a saúde, bem-estar e a coesão social, bem como reforçar a identidade paisagística do lugar.

Assim, este projeto intersecta a arquitetura e o urbanismo, mas também o património industrial, tal como é abordado na *Carta de Nizhny Tagil Sobre o Património Industrial*, emitida em 2003 pela TICCIH, The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage /Comissão Internacional para a Conservação do Património Industrial³.

Além da sua relevância histórica e arquitetónica, a reutilização adaptativa deste património pode responder a novas necessidades sociais e ambientais, desde equipamentos culturais, atividades artísticas, espaços de *coworking*, ou áreas verdes, promovendo uma cidade mais inclusiva e resiliente.

A antiga fábrica de lanifícios Barros, riscada por dois grandes nomes da arquitetura portuguesa, está descrita no DOCOMOMO, *Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement*, a organização internacional que se dedica à documentação e conservação do património arquitetónico do Movimento Moderno, sendo «Parte

1 OPEN HOUSE LISBOA, **Olivais Sul: Plano Urbano** [em linha], Lisboa: Trienal de Arquitetura de Lisboa, [s.d.], [consult. 24 ago. 2025], disponível em: <https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/olivais-sul-plano-urbano/>

2 DIAS, F. Silva, ALMEIDA, Leopoldo – Olivais Sul em Discussão. **arquitectura – Arquitetura Planeamento Design Artes Plásticas**. Nº 127-128 (1973), p. 57-64 p. 57

3 THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE – **Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial** [Em Linha]. Nizhny Tagil: TICCIH. 2003. Tradução da responsabilidade da Associação Portuguesa para o Património Industrial. [Consult. 9 jul. 2025]. Disponível em <https://ticcih.org/wpcontent/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>

integrante da lógica de industrialização da Lisboa oriental, a Fábrica Barros impõe-se pela sua grandeza no tecido urbano, adaptando-se à morfologia do terreno e explorando a construção em curva»⁴.

É importante realçar que a Camara Municipal de Lisboa tem planos para dispersar o turismo pela cidade, como já acontece em Marvila e no Beato, concedendo-se um protagonismo a freguesias como a Ajuda ou os Olivais «o que ajudaria a aliviar a excessiva concentração de visitantes que se tem intensificado, nos últimos anos, no coração da cidade (...) para a redução da pressão sobre os «centros históricos» e a valorização de zonas negligenciadas da cidade»⁵ passos importantes para uma nova abordagem ao fenómeno do turismo.

Metodologia

Procurámos conhecer o edifício da Fábrica Barros e zona envolvente baseados em elementos históricos e técnicos, o que levou a um levantamento de plantas do edificado, planos e projetos de intervenção urbanos, pontos de partida para a programação na área de intervenção.

Passámos para uma fase de investigação teórica através de pesquisa bibliográfica, durante a qual elegemos conceitos que se articulam com as problemáticas do projeto, como o Contínuo Natural, defendido por Francisco Caldeira Cabral, cruzado com o conceito de Terceira Paisagem, formulado por Gilles Clément, que assim ganha uma nova densidade. Se o Contínuo Natural remete para a estrutura ecológica fundamental que deve articular o território urbano e rural, assegurando conectividade e resiliência, a Terceira Paisagem aponta para aqueles espaços residuais, marginais ou intersticiais, frequentemente desconsiderados, mas que acumulam um potencial inesperado de biodiversidade e regeneração. O diálogo entre estes dois conceitos mostra que a sustentabilidade urbana não depende apenas das grandes áreas protegidas ou dos parques planeados, mas também da rede de fragmentos e intervalos verdes que se insinuam nos vazios da cidade.

A estes dois interlocutores devem ainda ser acrescentadas a perspetiva da Conservação Crítica, na visão de Laurajane Smith, do Jardim da Metrópole, de Enric Batlle e da Paisagem Global de Gonçalo Ribeiro Telles.

4 DOCOMOMO_Iberico – **Fábrica Barros** [Em linha]. (s.l.): Docomomo_Iberico [Consult. 24 jul. 2025] Disponível em <https://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/fabrica-barros/>.

5 ALEMÃO, Samuel – **Marvila, Beato, Ajuda e Olivais podem ajudar a desviar turistas do centro de Lisboa** [Em linha]. Público (28 jul. 2025). [Consult. 30 Julho 2025]. Disponível em <https://www.publico.pt/2025/07/28/local/noticia/marvila-beato-ajuda-olivais-podem-ajudar-desviar-turistas-centro-lisboa-2141682>.

Esta leitura cruzada abre caminho para pensar os Olivais não apenas como um projeto modernista com uma estrutura verde planeada, mas também como um território vivo onde se cruzam planeamento e espontaneidade ecológica.

A recuperação do património industrial representa uma oportunidade estratégica para valorizar a memória urbana e reconverter espaços obsoletos em infraestruturas úteis, sustentáveis e identitárias. Os antigos complexos fabris, armazéns ou oficinas, são frequentemente subutilizados ou degradados, embora possuam um forte potencial simbólico e estrutural para a regeneração de zonas urbanas, sobretudo em áreas periféricas ou em transição.

Por último, elaborou-se uma proposta de solução arquitetónica integrando os conceitos teóricos numa análise prática.

Ao longo do texto surgem várias citações de autores estrangeiros, devidamente assinaladas com aspas, cuja tradução para português é nossa.

1. Abordagem Territorial

O bairro dos Olivais Sul é um dos modelos mais significativos da expansão urbana de Lisboa, na segunda metade do século XX.

As opções do desenho urbanístico mostram uma visão moderna da cidade, estruturada em unidades de vizinhança, articulando habitação, comércio e serviços, equipamentos coletivos e espaços verdes. A abordagem territorial permite compreender o bairro não apenas como um conjunto de Células residenciais, mas como parte integrante de uma estratégia de ordenamento metropolitano. Nesse sentido, o bairro funciona como ponte entre o planeamento urbano e a dimensão paisagística, revelando a tensão constante entre a cidade construída, os vazios e o contínuo natural, que segundo Francisco Caldeira Cabral nunca se pode dissociar do contínuo cultural⁶.



Figura 1.1 – Desenho dos Olivais datado do século XVI. Fonte: DELGADO, Ralph – *A Antiga Freguesia dos Olivais*. Lisboa: Imprensa Municipal, 1969 p.14

6 CABRAL, Francisco Caldeira – *O «Continuum Naturale» e a conservação da natureza* [Em linha]. Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente, 1980, p.35-54. [Consult. 25 março 2025]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.5/9238> p.37.

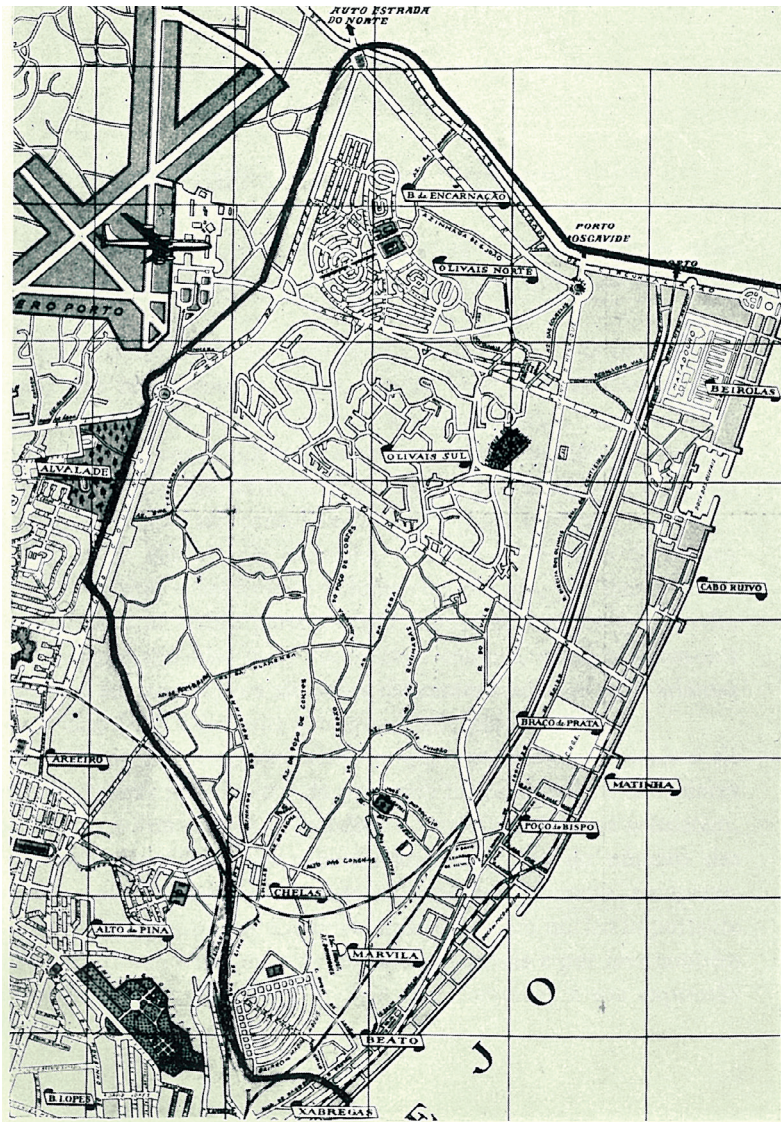


Figura 1.3 – Mapa da primitiva área da freguesia dos Olivais. Fonte: DELGADO, Ralph – *A Antiga Freguesia dos Olivais*. Lisboa: Imprensa Municipal, 1969. p.6.

A inauguração do caminho de ferro, em 1856, com uma estação localizada na vila, estimulou o desenvolvimento da indústria, a ponto de, em 1875, já existirem 43 fábricas na zona, para além de minas de carvão, cobre, ferro e enxofre¹⁰ conforme ilustrado no quadro da página seguinte.

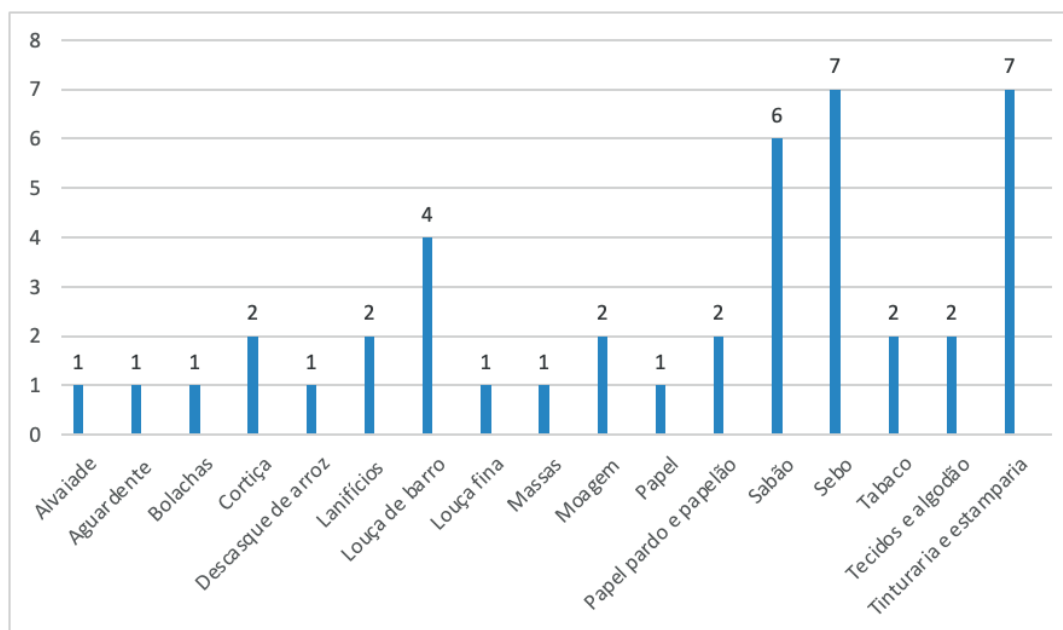
Este dinamismo foi ajudado pelo aparecimento de uma burguesia enriquecida compostas por industriais e comerciantes que durante o século XIX usaram o local também como zona de recreio, veraneio e descanso¹¹.

Data dos anos 30 do século XX o compromisso do Estado em criar uma política de habitação, que resolvesse o problema dos bairros de lata, com protagonismo do Engenheiro Duarte Pacheco, como ministro das Obras Públicas e Comunicações (cargo que exerceu de 1932 a 1936 e de 1938 a 1943) que criou medidas que permitiram desenvolver o planeamento de bairros de

10 DELGADO, Ralph – *A Antiga Freguesia dos Olivais*. Lisboa: Imprensa Municipal, 1969. p. 72.

11 CONSIGLIERI, Carlos [et al] – *Pelas Freguesias de Lisboa: São João, Beato, Marvila, Santa Maria dos Olivais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993. p. 140.

Quadro 1.1 – Parque fabril nos Olivais em 1875 – Realizado pela autora, com base em DELGADO, Ralph – *A Antiga Freguesia dos Olivais*. Lisboa: Imprensa Municipal, 1969. p.72.



renda económica, renda resolúvel e habitação social, com realce para o decreto-lei 23 052 de 23 de setembro de 1933, que visava a construção de grupos habitacionais de casas económicas¹².

Os planos dos bairros dos Olivais Norte e Sul, realizados nos anos 60, surgem numa conjuntura muito distinta do anterior Bairro da Encarnação (anos 40). Perante o esgotamento do modelo de casa económicas e com o problema do número de desalojados a crescer, originando um aumento da população, era necessário repensar e planear a capital, como um espaço urbano mais alargado, fornecendo alternativas de habitação num sistema de casas de renda económica, empréstimos a beneficiários da previdência e outras entidades interessadas em construir habitação económica e equipamentos coletivos, tendo o estado como regulador, e o município como executor do programa urbanístico¹³. Cerca de 60% dos trabalhadores das indústrias existentes na zona oriental de Lisboa, residiam na mesma zona em que trabalhavam, grande parte em casas sem condições de habitabilidade¹⁴.

Duarte Pacheco contratou o arquiteto e urbanista francês Étienne de Groer, que se destacou pela introdução de princípios do urbanismo moderno adaptados ao contexto português, elaborando um plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa: «Em 1948 o plano estava concluído e foi aprovado pela CML, embora nunca tivesse tido aprovação governamental»¹⁵. Não obstante,

12 INÁCIO, Carlos; BARREIROS, Fernando – *O bairro da Encarnação e as antigas quintas dos Olivais*. Lisboa: Junta da Freguesia de Santa Maria dos Olivais, 2012. p.16 e 20.

13 CARVALHO, Francisco – Santa Maria dos Olivais: uma freguesia património de Lisboa. *Ubimuseum. Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior* [Em linha]. (jan. 2012), p. 75-88. [Consult. 15 mar. 2025]. Disponível em <https://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/artigos.html> p.80.

14 MESQUITA, Jorge – Olivais-Sul. *Revista Municipal*, ano 24, nº. 97 (1963), p.70-98. p.75

15 CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA – *Evolução do planeamento urbano de Lisboa* [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal, [s.d.], [Consult. 24 Julho. 2025]. Disponível em <https://www.lisboa.pt/temas/urbanismo/planeamento-urbano/evolucao>.

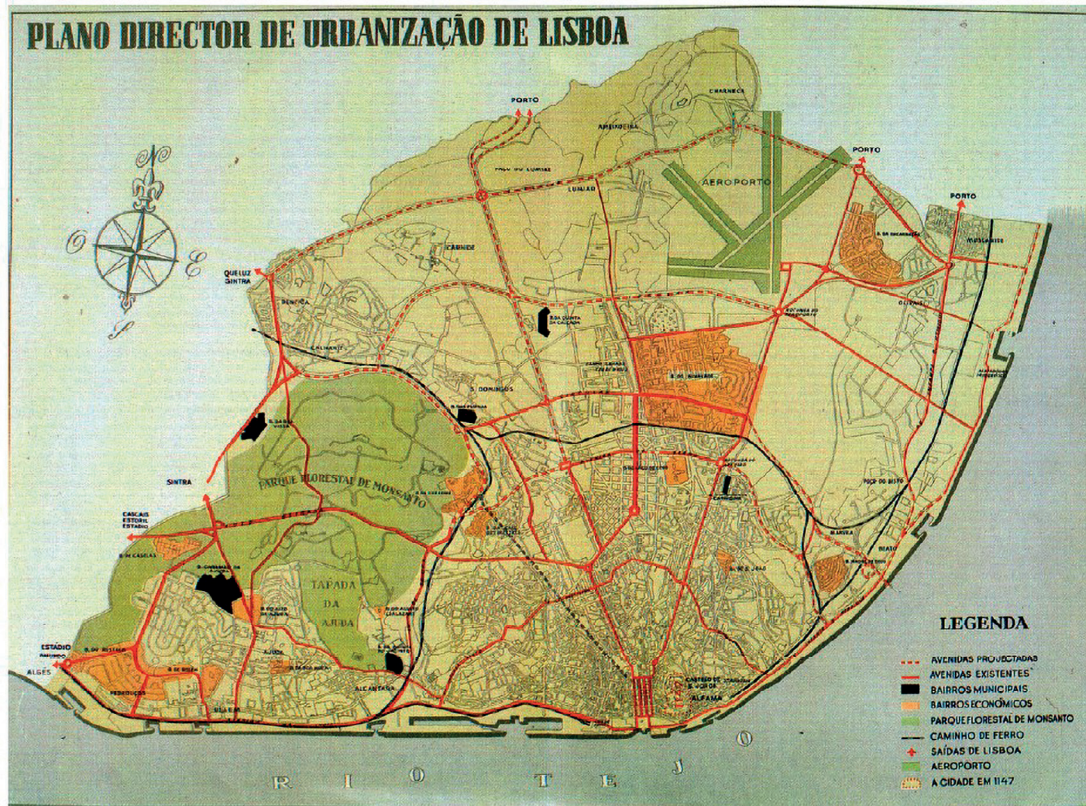


Figura 1.4 – Plano de Urbanização de Lisboa. E. Gröer, 1948 – Fonte: CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA – **Evolução do planeamento urbano de Lisboa** [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal, [s.d.], [Consult. 24 Julho. 2025]. Disponível em <https://www.lisboa.pt/temas/urbanismo/planeamento-urbano/evolucao>.

serviu de base ao processo de expansão urbana, orientando tanto a consolidação da zona ocidental da capital, como a antecipação das transformações previstas para a zona oriental¹⁶, que tiveram início nos Olivais Norte, a primeira etapa do grande conjunto habitacional a realizar na zona oriental da cidade¹⁷.

1.2. O decreto-lei 42.454 e o Gabinete Técnico de Habitação (GTH)

O decreto-lei 42.142 de 7 de fevereiro de 1959 comprometia o município com a realização de um plano de construções económicas, repartido em planos de entregas anuais¹⁸ e elogiava o trabalho do GEU, Gabinete de Estudos de Urbanização da Câmara Municipal de Lisboa¹⁹. Porém, o grande protagonista foi o sucessor do GEU, o Gabinete Técnico de Habitação, GTH, criado na sequência do decreto-lei 42.545, de 18 de agosto de 1959, que dará continuidade e

16 CHAVES, Carolina – Olivais Norte e Olivais Sul: Desafios para uma conservação urbana integrada. **XII Seminário Internacional de Investigacion en Urbanismo** [em linha]. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, (2020), (s.p.) [Consult. 15 mar. 2025]. Disponível em <https://upcommons.upc.edu/handle/2117/336603>.

17 ALMEIDA, Leopoldo – Olivais Norte: Nota Crítica. **Arquitetura**. Serie 3, nº 81 (1967), p.12-28. p.12.

18 ALMEIDA, Leopoldo – Olivais Norte: Nota Crítica. **Arquitetura**. Serie 3, nº 81 (1967), p.12-28. p.12.

19 DIÁRIO DA REPÚBLICA – **Decreto-lei nº 42142, de 7 de Fevereiro** (art.º 5) [Em linha]. Diário do Governo s.1, n. 32 (7 fev. 1959). [Consult. 30 Julho 2025]. Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/42142-1959-590886>

assegurará o cumprimento do plano, nomeadamente a nível da preparação dos trabalhos, elaboração de projetos, direção/fiscalização de obra, controlo de custos e avaliação dos resultados²⁰.

Com condições de trabalho que não mais se verificaram, o GTH vai ter uma ação multidisciplinar integradora: «O Gabinete procedia não só ao estudo dos terrenos, como à sua compra ou expropriação, caso necessário, distribuía os terrenos, os lotes e fogos para a habitação, estudava os futuros arruamentos, elaborava os concursos e as empreitadas de construção, punha em prática o projeto e a execução da urbanização, revia os cadernos de encargos e os projetos, recolhia os elementos e inquéritos socioeconómicos, estatística indispensável para a elaboração dos vários estudos, entregava a algumas entidades beneficiárias os edifícios prontos a habitar e procedia ao controlo financeiro de todas as operações descritas. O Gabinete funcionou até 1990, e permitiu a habitação a muitos lisboetas que não tinham recursos para investir numa casa pondo em prática os princípios da Carta de Atenas no bairro dos Olivais Norte, uma nova política e uma nova conceção de habitação social, o desenvolvimento da arquitetura paisagística e a integração com a arte pública»²¹.

Compreende-se assim a enorme extensão do GTH, estrutura cuja atuação foi celebrada pelo município em 2009, para «festejar os 50 anos da criação do Gabinete Técnico de Habitação e homenagear desta forma alguns dos arquitetos e engenheiros que integraram a vasta equipa do mesmo Gabinete»²².

Desta forma, o objetivo do plano era criar uma estrutura de habitação dotada das condições necessárias a uma vida socialmente semiautónoma, oferecendo uma conjuntura que satisfizesse as necessidades essenciais – note-se que entre as décadas de 60 e 70 viveram cerca de 40 mil pessoas nos Olivais-Sul²³ – junto do seu local de trabalho, em casas com boas condições de habitabilidade, e com rendas que as famílias consigam suportar. O plano contemplava também interferir e amenizar os problemas existentes a nível de salubridade do ambiente, devido à existência das fábricas, como por exemplo os cheiros e fumos, através da criação e manutenção das faixas verdes existentes²⁴.

Os arquitetos envolvidos nos projetos dos Olivais Norte, pertenciam a uma geração nascida em 1920, que partilhava as crenças propostas pelo Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, e embora muitos já pusessem em causa a ideia abstrata do destinatário da arquitetura, os seus projetos foram fiéis à carta de Atenas. A multidisciplinaridade do GTH encontra-se também no conjunto dos «conceituados paisagistas, artistas plásticos, engenheiros e arquitetos

20 OLIVEIRA, Tiago – A modernidade complexa dos bairros dos Olivais. **Cadernos do Arquivo Municipal** [Em linha]. s.2, n. 12 (jul.-dez. 2019), p.161-181. [Consult. 20 mar. 2025]. Disponível em <https://cadernosarquivo.cm-lisboa.pt/index.php/am/article/view/127/98> p.164.

21 ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA – **Camara Municipal de Lisboa. Gabinete Técnico de Habitação, 1960-1990** [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. [s.d]. [Consult. 25 jul. 2025]. Disponível em <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=799&type=Autoridade>

22 *Idem*.

23 NUNES, João – **À Escala Humana: planeamento urbano e arquitetura de habitação em Olivais Sul: Lisboa**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 2007. p. 23.

24 MESQUITA, Jorge – Olivais-Sul. **Revista Municipal**, ano 24, nº. 97 (2º trim.1963), p.70-98 p. 76.

que foram convidados a integrar este novo urbanismo e, pela primeira vez, o Prémio Valmor foi atribuído a um edifício de habitação com tipologia social, da autoria dos arquitetos Nuno Teotónio Pereira e António Pinto de Freitas, em 1967»²⁵.

A geração de arquitetos que estiveram envolvidos nos Olivais Sul, eram de uma década posterior à geração que realizou os Olivais Norte, com diferentes preocupações, mais relacionadas com temáticas do pós-guerra, que colocavam em causa e questionavam os ideais da carta de Atenas. Esta atitude vai refletir-se nas preocupações de ordem cultural e social, que vão ter um grande impacto nos Olivais Sul, como bem aponta Teresa Bettencourt da Câmara, para as décadas de 1950-1970, no seu trabalho *Espaço público de Lisboa: plano, projeto e obra de arquitetos paisagistas*²⁶, ou as tabelas detalhadas com a identificação exata do contributo de cada arquiteto, célula a célula, no estudo de Carolina Galvão.²⁷ Segundo a autora o desenho urbano dos Olivais não reflete a busca por uma uniformidade, mas revela as experiências e teorias dos arquitetos envolvidos. O plano urbano era visto como uma ferramenta para organizar as zonas e aplicar as regras urbanísticas do novo diploma, mas permitia aos arquitetos a liberdade para testar as suas ideias e princípios teóricos, ao definir da forma urbana²⁸.

Os Olivais têm sido alvo de grande interesse académico a vários níveis, com destaque para o trabalho de Jorge Mesquita²⁹ no âmbito da variedade de formas e altimetrias no terreno, e de Tiago Oliveira que aborda detalhadamente o número de habitantes, grupos residenciais, unidade de vizinhança, célula e malha, abordando as características dos espaços livres, espaço público e de convívio, emoldurados por quatro níveis de hierarquia de arruamentos: os que ligam as grandes artérias; os arruamentos de serviço que desviam o trânsito das vias principais, que fornecem caminhos alternativos e permitem aceder a todos os locais da Célula. Também os arruamentos que fazem o acesso aos edifícios; e as vias pedonais, que assumem o lugar de convergência da população, e permitem aos moradores chegar rapidamente ao centro cívico e comercial³⁰.

Do ponto de vista territorial, os Olivais ocupam uma posição estratégica, localizado entre o Aeroporto Humberto Delgado, a Segunda Circular e a zona ribeirinha, com boa acessibilidade viária e ferroviária.

Nos Olivais é evidente a valorização dos espaços livres e dos espaços verdes, que funcionam como um logradouro para toda a população. O arvoredo está distribuído de acordo com a ecologia, e tendo em conta a sua função, que passa por separar as zonas de edifícios das vias

25 JUNTA DE FREGUESIA DOS OLIVAIS – **A urbanização dos Olivais-Norte** [Em linha]. Lisboa: Junta de Freguesia dos Olivais, 2024, (s.p). [Consult. 31. ago. 2025]. Disponível em <https://olivais.pt/freguesia/historia/>

26 CÂMARA, Teresa Bettencourt – **Espaço público de Lisboa: plano, projeto e obra da primeira geração de arquitetos paisagistas (1950-1970)**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2021. p. 252-270.

27 GALVÃO, Carolina – **Olivais Norte e Sul: produto e testemunho de uma Lisboa em transformação (1954-1964)**. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2024. Tese de Doutoramento, p. 424-425.

28 *Idem*, p. 426.

29 MESQUITA, Jorge – Olivais-Sul. **Revista Municipal**, ano 24, n.º. 97 (2º trim.1963), p.70-98, p.74.

30 OLIVEIRA, Tiago – A modernidade complexa dos bairros dos Olivais. **Cadernos do Arquivo Municipal** [Em linha]. s. 2, n.º 12 (jul.-dez. 2019), p.161-181. [Consult. 20 mar. 2025]. Disponível em <https://cadernosarquivo.cm-lisboa.pt/index.php/am/article/view/127/98> p.164



Figura 1.5 – Planta de localização dos Olivais Norte (verde-escuro) e dos Olivais Sul (verde-claro). Realizado no Qgis pela autora

principais, tem também o objetivo de proteção dos ventos do quadrante norte, ocultação da zona industrial e do cemitério e também, o enquadramento dos edifícios em geral³¹.

Os espaços livres são diferentes consoante o escalão de habitação: nos grupos habitacionais, junto das habitações, existem parques infantis para crianças até aos 10 anos e espaços de convívio para adultos com algum equipamento básico. No escalão das unidades de vizinhança o espaço livre mais importante são os campos de jogos das escolas, tanto primárias como pré-primárias, onde os alunos podem jogar e a população pode conviver fora do horário escolar. No escalão das Células o equipamento dos espaços livre, abrange os terrenos de jogos e as instalações de atividades culturais. Os espaços livres e as zonas verdes têm um papel fundamental para a população tanto do ponto de vista higiénico, sanitário, mas muito importante também a nível recreativo e psicológico. No bairro dos Olivais Sul, há uma tentativa sem detrimento do desenho urbano, de facilitar o contacto com a natureza através de uma paisagem tranquila e revigorante³².

A malha urbana mostra uma lógica de Células autónomas, cada uma com serviços e equipamentos próprios, o que favorece a vivência de proximidade.

31 Olivais – Norte. **Arquitetura: Revista de Arte e Construção**. Serie 3. nº 81 (março 1964), p.5-11, p.11.

32 DIAS, F. Silva, ALMEIDA, Leopoldo – Olivais Sul em Discussão. **Arquitetura – Arquitetura Planeamento Design Artes Plásticas**. s.3, nº 127-128 (abril-jul.1973), p. 57-64, p. 64

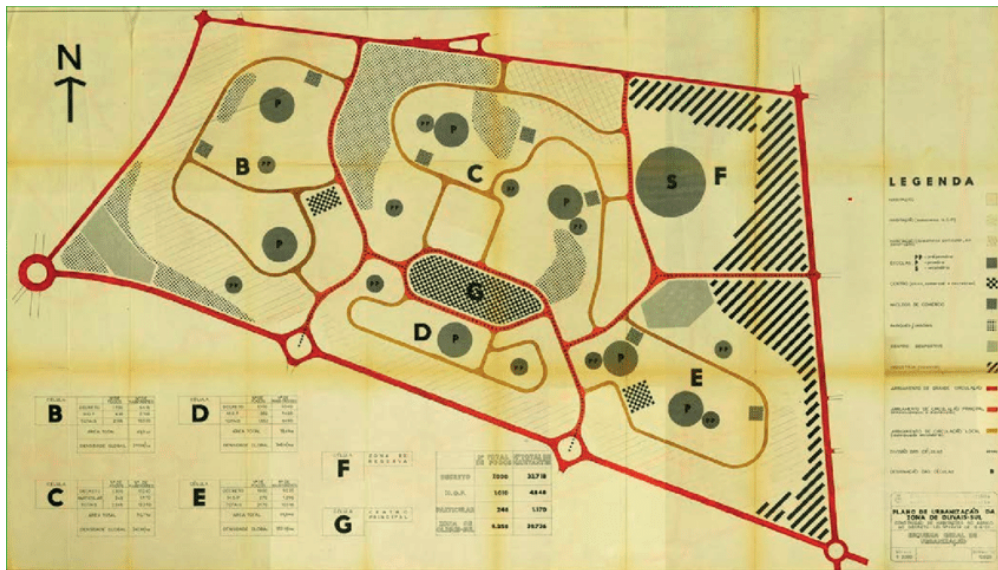


Figura 1.6 – Planta com a Estrutura Celular dos Olivais Sul, 1959. Retirado de: OLIVEIRA, Tiago – A modernidade complexa dos bairros dos Olivais. *Cadernos do Arquivo Municipal* [Em linha]. Série 2, nº 12 (Jul.-Dez. 2019), [Consultado a 20 de março] Disponível em <https://cadernosarquivo.cm-lisboa.pt/index.php/am/article/view/127/98> p.172

Assim, a análise territorial dos Olivais revela um bairro com forte identidade urbanística e ambiental, marcado por desafios de requalificação, reconexão e adaptação às novas necessidades de mobilidade, sustentabilidade e vida urbana.

Não obstante apesar de ter inúmeros desafios a conquistar, aqui não se verifica «aquele desejo espontâneo e intenso de êxodo semanal em busca de um ilusório contacto com a natureza»³³, pois está muito presente.

1.3. Os parques dos Olivais Sul e o contexto biofísico

O território dos Olivais Sul, é delimitado por quatro artérias principais: a norte pela avenida de Berlim, onde passa uma linha de talvegue; a sul, a segunda circular, que corresponde a uma linha de festo, a nascente, a avenida Infante D. Henrique, e a poente a estrada de Sacavém.

O terreno dos Olivais Sul tem um formato de um quadrilátero trapezoidal com declives no relevo de sul para norte, e de poente para nascente, de acordo com a bacia geral do Tejo. O facto de ser um terreno com bastantes declives, bem como a orientação das vertentes a Norte, vai determinar não só a configuração do edificado, como condicionar a própria construção, uma vez que a máxima pendente possível para se construir de forma económica é 15%; desta forma só 76,51% do terreno está disponível para construção, e somente 54,71% tem condições ótimas para uma boa implantação (pendente inferior a 10%)³⁴. O maior declive corresponde à linha diagonal de sudoeste para nordeste com cotas a oscilar entre 105m e 15m.

33 MENESES URBINA, David – Pasado, presente y futuro de las ciudades. *Revista de la Universidad de La Salle* [em linha]. Vol. 1, nº 57 (jan. 2012), p. 59-76. [Consult. 20 mar. 2025]. Disponível em <https://revistauls.lasalle.edu.co/issue/view/202> p.70.

34 DIAS, F. Silva, ALMEIDA, Leopoldo – Olivais Sul em Discussão. *Arquitectura – Arquitetura Planeamento Design Artes Plásticas*. s.3, nº 127-128 (abril-jul.1973), p. 57-64 p. 59.

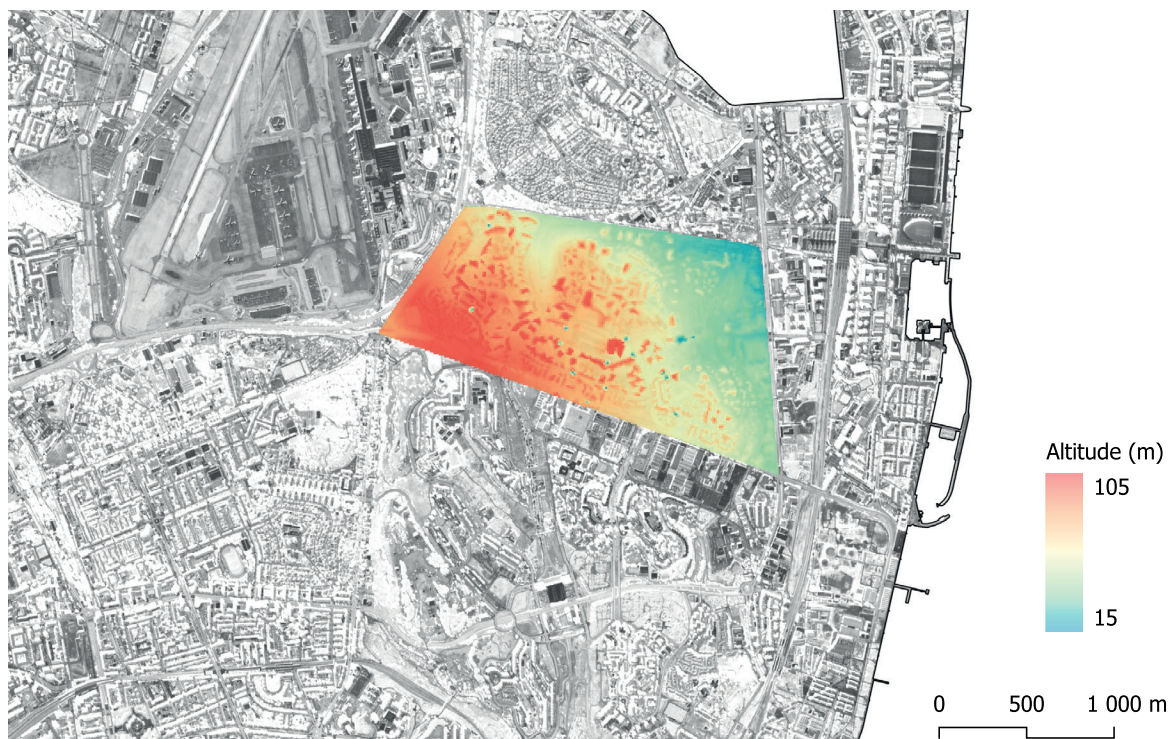


Figura 1.7 – Hipsometria dos Olivais Sul com os valores de altimetria. Realizado no Qgis pela autora.

Na parte central do terreno existe um planalto com uma faixa de calcários, que provoca declives acentuados. A variedade de formas e altimetrias no terreno vai originar uma grande variedade de exposições solares³⁵, a que no planeamento urbanístico foi dada muita importância: as tipologias habitacionais foram desenhadas para maximizar a luz natural, com edifícios afastados uns dos outros com entradas de luz.

Nas cidades, o planeamento das zonas verdes é essencial, pois estas têm a capacidade de purificar e melhorar a qualidade do ar, regular a temperatura urbana e promover a biodiversidade, além de desempenharem uma função social importante, ao proporcionarem atividades culturais, desportivas e educativas. Os parques urbanos também ajudam a combater o isolamento da comunidade, nomeadamente a mais idosa, incentivam estilos de vida mais saudáveis e tornam as cidades mais inclusivas, sustentáveis e humanizadas³⁶.

O plano urbanístico dos Olivais Sul detalhava os objetivos e ambições dos espaços verdes, organizados segundo escalões habitacionais, e baseados num esquema que visava responder às necessidades da população, relativamente ao usufruto de vida ao ar livre, de acordo com as várias idades. O objetivo era que existissem em todas as células, jardins semelhantes ao tradicional jardim público lisboeta, que permitiria não só criar pontos de atração importantes, como manter as tradicionais particularidades paisagísticas da cidade de Lisboa³⁷.

35 MESQUITA, Jorge – Olivais-Sul. *Revista Municipal*, ano 24, n.º. 97 (2º trim.1963), p.70-98 p.74.

36 *Idem*, p. 60.

37 FERREIRA, Maria João – *Evolução das Zonas Verdes do Bairro de Olivais Sul*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1984. Relatório Final de Curso, p. 58-59.



Figura 1.8 – Mapa com as exposições solares. Realizado no Qgis por Elisabete Ventura, Juliana Banha, Afonso Martins e Alycie Silva.

Inicialmente, os planos para os Olivais previam a criação de dois parques na malha da Célula C. Um deles, o Vale do Silêncio, com 9,78 hectares, localizava-se num vale secundário entre as encostas das células B e C, funcionando como faixa de separação entre ambas e estendendo-se pela encosta norte-nascente da Célula C, de forma a servir a população da metade ocidental dos Olivais Sul³⁸. A construção do Parque do Vale do Silêncio respondeu a vários objetivos, todos eles relevantes para a qualidade de vida das populações, ao proporcionar espaços de lazer, convívio e contacto com a natureza, inseridos numa paisagem serena e repousante, que contribui para o bem-estar físico e mental dos habitantes. O segundo parque localizava-se no centro da malha, na Quinta do Contador-Mor, destinava-se à população do território oriental, e desenvolvia-se numa frente do centro comercial principal, na célula G³⁹.

O projeto contemplava instalações culturais e recreativas que incluíam biblioteca, anfiteatro, esplanadas e espaços para festas tradicionais e atividades ao ar livre. O palacete da quinta seria aproveitado para a construção da biblioteca e museu e o seu jardim recuperado, mantendo a traça original⁴⁰. Nesta quinta foi preparada uma área de cerca de 7.000 m² de terreno, através de terraplanagem, estrumação e construção de canteiros, para servir de viveiro a árvores e vegetação, que iriam ser plantadas no território dos Olivais Sul. Entre 1966 e 1970 cerca de

38 MESQUITA, Jorge – Olivais-Sul. *Revista Municipal*, ano 24, n.º. 97 (2º trim.1963), p.70-98, p.92.

39 FERREIRA, Maria João – *Evolução das Zonas Verdes do Bairro de Olivais Sul*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1984. Relatório Final de Curso, p. 59-60.

40 *Idem*, p. 59-60.

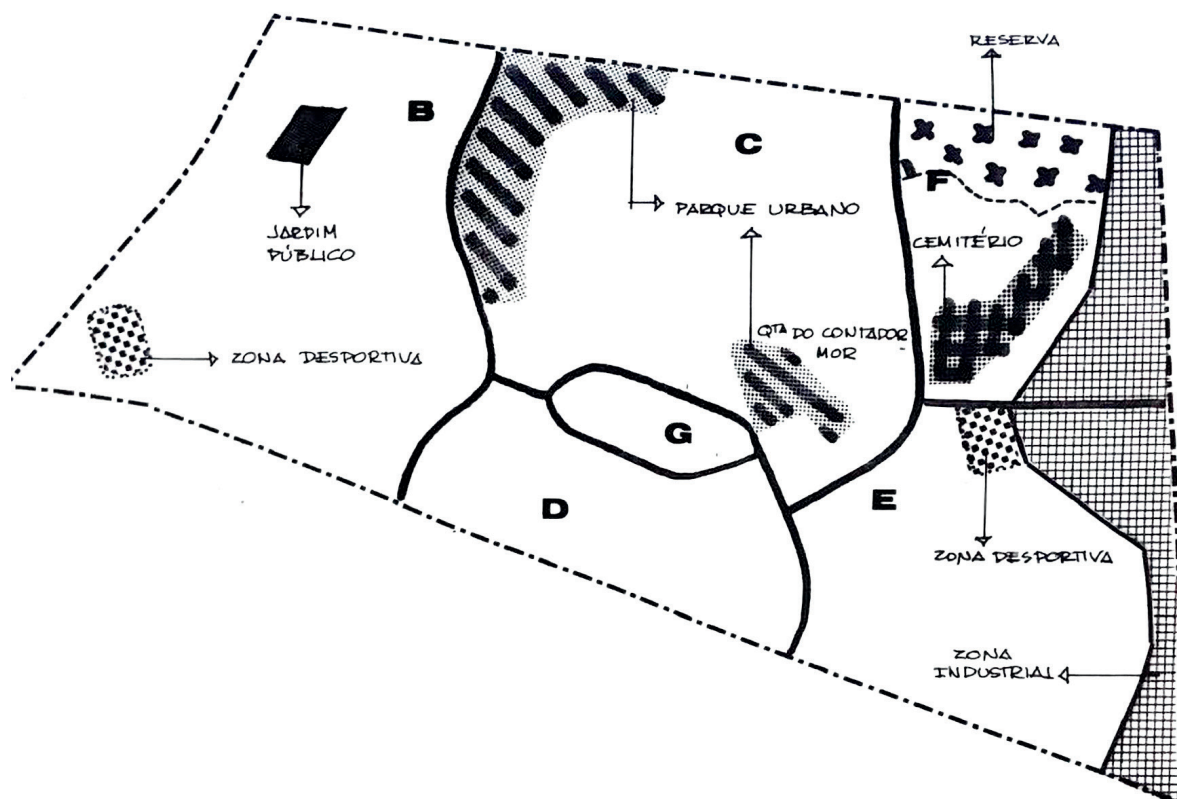


Figura 1.9 – Mapa com a estrutura celular dos Olivais Sul, com indicação dos 2 parques planeados para a célula C. – Retirado de: FERREIRA, Maria João – **Evolução das Zonas Verdes do Bairro de Olivais Sul**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1984. Relatório Final de Curso, planta 23.

416.856 árvores e arbustos e 2.241 herbáceas, foram produzidas no viveiro da quinta e replantadas em vários locais dos Olivais⁴¹.

O Parque do Vale do Silêncio foi construído, sendo ainda a principal zona verde dos Olivais, mas o parque da Quinta do Contador-Mor, embora tenha sido identificada como uma área com potencial para o efeito, nunca chegou a ser realizado, provavelmente devido a fatores urbanísticos, políticos e administrativos. É possível especular várias razões que poderão ter levado à não construção deste parque: provavelmente a construção do Vale do Silêncio, reduziu a urgência política, económica e social de criar outro parque de dimensão semelhante; também as pressões imobiliárias poderão ter tido influência, levando a que parte da Quinta, em vez de ser reservada exclusivamente para uso público, tenha sido urbanizada e integrada em projetos de habitação. No final dos anos 90 o palacete da Quinta passou a acolher a biblioteca dos Olivais, sendo também inaugurada a Quinta Pedagógica em terrenos adjacentes.

O plano original que previa dois parques verdes nos Olivais Sul, pode de certa forma ser recuperado com a criação, agora proposta, do parque urbano da Fábrica Barros; retoma-se assim a ambição original de integrar grandes áreas verdes, de carácter público, como era o caso do parque da Quinta do Contador-Mor.

41 *Idem*, p. 64.

A criação deste um novo parque na célula E, irá promover benefícios para a saúde, bem-estar e coesão social, como também reforçar a identidade paisagística lisboeta e responder a pressões urbanísticas contemporâneas, que reforçam a necessidade de planejar parques sustentáveis, que conservem a biodiversidade, regulem o clima e o ruído. O Parque da Fábrica Barros, tal como o anterior projeto da Quinta do Contador-Mor, propõe a integração de um núcleo artístico, que estabelece a ligação entre a paisagem construída, a comunidade e o meio ambiente, promovendo uma vivência integrada e abrangente do espaço público.

1.4. A Unidade de Vizinhança

O bairro que encontramos hoje foi originalmente concebido como uma resposta moderna ao problema habitacional da cidade: os Olivais foram pensados como um bairro funcionalista, com amplas zonas verdes, baixa densidade e forte presença de habitação coletiva integrada em espaços públicos qualificados⁴².

O bairro dos Olivais foi planeado sob o conceito de unidade de vizinhança, e embora esta teoria já tenha sido formulada nos anos 1920, pelo urbanista norte americano Clarence Perry, à época era uma ideia muito inovadora para Portugal. Segundo este autor, cada Célula urbana do bairro corresponde a uma unidade de vizinhança, com cerca de 5.000 a 7.000 habitantes, organizada de forma a garantir autonomia relativa. No seu estudo *The Neighbourhood Unit*, transporta-nos para um desenho que distribui escolas, comércio local, equipamentos sociais e espaços verdes de proximidade, reduzindo a necessidade de deslocações longas. A unidade de vizinhança é constituída por uma natureza celular que é bastante eficiente em períodos de rápida expansão residencial⁴³.

Esta lógica permitia equilibrar densidade habitacional e qualidade de vida, em contraste com bairros espontâneos ou meramente funcionais. Assim, os Olivais não são apenas um conjunto de blocos residenciais, mas uma experiência urbanística que tentou materializar a unidade de vizinhança no contexto português, conciliando modernidade arquitetónica com princípios de coesão comunitária e integração paisagística.

No conceito de unidade de vizinhança, é imprescindível que exista uma escola primária localizada no centro do bairro, garantindo que as crianças não caminhem mais de 400 metros. Normalmente, junto à escola primária existe um centro cívico, que reforça o papel social e comunitário do espaço. No centro da unidade de vizinhança há comércio, destinado a colmatar as necessidades básicas da população, uma biblioteca e, por vezes, uma igreja. Uma Célula pode

42 SILVA, Mariana – **Retrofitting da Cidade Moderna: O espaço público nos Olivais Sul**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2021. Dissertação de mestrado em Ordenamento do Território e Urbanism, p.25-26.

43 MEENAKSHI, Singhal – Neighborhood unit and its conceptualization in the contemporary urban context. **India Journal** [Em linha], vol. 8, nº 3 (jul-sept. 2011), p. 81-87. [Consult. 10 jan. 2025]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/340887219_Neighborhood_Unit_and_its_Conceptualization_in_the_Contemporary_Urban_Context_in_the_ITPI_Journal_Vol_8_No_3_July-Sept_2011_pp_81-87. p.84

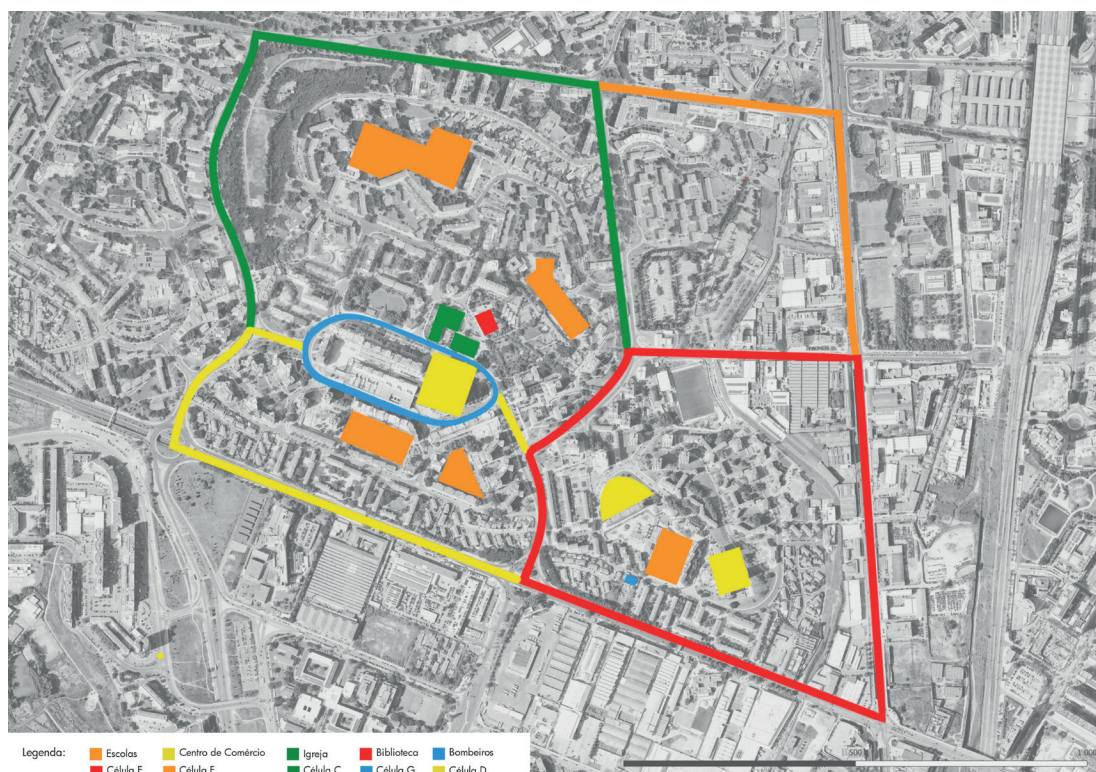


Fig. 1.10 – Mapa com a localização das escolas e dos centros cívicos, nas várias células dos Olivais Sul. Realizado pela autora.

incluir mais do que uma unidade de vizinhança. Em relação às escolas secundárias, costumam servir duas ou três Células e situam-se, idealmente, a uma distância percorrida a pé, não superior a 1.500 metros⁴⁴.

1.5. Panorama atual

Com origens fundamentalmente rurais, a zona dos Olivais assiste a um processo de transformação no século XX, ainda em processo, para o qual concorreu um conjunto de projetos de planeamento urbano, que permitiram o crescimento exponencial da zona oriental da cidade.

Ao longo de meio século, estes projetos funcionaram como uma alavanca para a criação de novas infraestruturas, equipamentos e transportes na zona oriental de Lisboa, representando um território urbano com características singulares, resultantes de várias fases de planeamento e ocupação.

Entre a década de 1980 e o início de 2000 a população dos Olivais entrou em declínio: os dados dos censos indicam que houve uma redução de 24% de habitantes⁴⁵, ligada a desafios significativos relacionados com a desigualdade social e a deterioração de infraestruturas, devido a um crescimento urbano rápido e pouco planeado. Contudo, nos anos que se seguiram a situação

44 *Idem*, p. 83.

45 CHAVES, Carolina – Olivais Norte e Olivais Sul: Desafios para uma conservação urbana integrada. **XII Seminário Internacional de Investigacion en Urbanismo** [em linha]. Barcelona: Universitat Politecnica de Catalunya, (2020), (s.p.) [Consult. 15 mar. 2025]. Disponível em <https://upcommons.upc.edu/handle/2117/336603>. [p.3].

Quadro 1.2 – Cronologia das intervenções urbanísticas impactantes, realizadas nos Olivais, na 2.ª metade do século XX. Realizado pela autora

Data	Ação
1942	construção do Aeroporto da Portela (hoje Humberto Delgado)
1946	construção do Bairro da Encarnação
1959	plano dos Olivais Norte
1963	plano dos Olivais Sul
1989	plano de urbanização de Olivais Velho
1995	aprovação do Centro Cívico e Comercial dos Olivais
1998	exposição Internacional EXPO 98

começou a inverter-se, com o início do projeto do Parque Expo (1993), a construção da ponte Vasco da Gama (1995) e uma série de iniciativas de revitalização urbana e investimentos públicos nos Olivais, como o Plano de Requalificação Urbana dos Olivais, 2000-2010; Revitalização do Parque dos Olivais, 2000; Programa Polis – Requalificação de Espaços Públicos, 1990-2000.

Verificaram-se então efetivas melhorias nas condições de vida dos habitantes, como por exemplo a construção de edifícios residenciais e comerciais, a criação de infraestruturas de transportes públicos, como a construção da linha vermelha do metro, com a estação dos Olivais, valorizando a zona oriental da cidade.

É uma zona de Lisboa que experimenta uma crescente diversificação de atividades, inicialmente marcada por uma estrutura residencial de classe média e baixa, hoje é uma das áreas mais valorizadas da cidade, devido à proximidade com o Aeroporto Humberto Delgado, ao Parque das Nações, bem como ao acesso a uma grande área de parques e zonas verdes e à boa acessibilidade ao centro da cidade através do metro e principais vias rodoviárias.

A economia local é essencialmente orientada para o setor terciário, com destaque para o comércio e serviços. A região beneficia da proximidade com zonas de negócios, com grandes áreas comerciais e de serviços, tais como empresas de telecomunicações, tecnologia e consultoria. Embora a industrialização tenha diminuído bastante na zona, ainda existem pequenos polos industriais, que contribuem para a dinâmica económica da área. Existem também alguns espaços industriais desativados e abandonados que poderão ter um grande potencial de reabilitação, recuperação e refuncionalização, como a Fábrica Barros. Veja-se o caso do Mercado dos Olivais Sul na Célula B que em 2026 se transformará, aliando o mercado tradicional com oferta cultural, com detalhes como «O desenho das bancas também foi pensado da maneira flexível, apostando em elementos fixos e móveis, o que irá permitir um uso versátil do espaço»⁴⁶.

A Célula E, pelo conjunto de pontos fortes que evidencia é uma área com grande potencial urbanístico, social e ambiental. Apresenta várias possibilidades de desenvolvimento que podem

46 ORDEM DOS ARQUITECTOS SECÇÃO REGIONAL SUL, Encomenda – Mercado dos Olivais – Célula B, Lisboa [Em linha]. Lisboa: Ordem dos Arquitetos. 2025. [Consult. 20 mar. 2025]. Disponível em <https://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/vZBCJk/mercado-dos-olivais-celula-b-lisboa>

contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos moradores, e aumentar a identidade do bairro. No entanto, também existem fraquezas e ameaças, que necessitam ser repensadas e trabalhadas, para se garantir um crescimento sustentável e equilibrado da região.

Embora exista uma rede de ciclovias nos Olivais Sul, estas estão maioritariamente junto das vias principais e fora da Célula E, pelo que seria uma excelente oportunidade de aumentar a rede de ciclovias e requalificar as existentes, para garantir maior acessibilidade e segurança, promovendo alternativas mais sustentáveis ao uso do automóvel, e incentivando o uso da bicicleta como meio de transporte diário, com especial atenção aos cruzamentos das grandes avenidas, que podem dificultar a circulação e aumentar o risco de acidentes, principalmente para pedestres e ciclistas.

Devido à sua alta densidade populacional a Célula E é um local com uma boa procura de serviços e equipamentos urbanos. Um desses equipamentos é a escola básica, recurso fundamental convenientemente localizado no centro da Célula. Entre outros serviços importantes para a comunidade, destaca-se o quartel dos bombeiros, algum comércio local e equipamentos de saúde, que garantem o atendimento às necessidades básicas dos moradores.



Figura 1.11 – Mapa dos corredores verdes e áreas verdes dos Olivais Sul. Realizado no Qgis pela autora.

Embora a presença do mercado no centro da Célula E possa ser considerado um ponto forte, é possível constatar a existência de vários espaços encerrados, e a pouca dinâmica do comércio, possivelmente porque a população opta por fazer as suas compras nas grandes superfícies comerciais. À imagem do programado para a Célula B seria positivo desenvolver um projeto, que dinamizasse o mercado, atraísse a população e impulsionasse a economia local. A existência de pouco comércio local, que faça frente às necessidades básicas da população, poderá reduzir a dinâmica económica, limitar as escolhas dos moradores, tornando a região mais dependente de áreas vizinhas.

A Célula E destaca-se pelos generosos espaços livres, que incluem áreas públicas e espaços verdes, com ambientes tranquilos de descanso, e miradouros que permitem a contemplação da vista privilegiadas sobre o Tejo. Possui também um arvoredo diversificado, que contribui para a melhoria da qualidade do ar e proporciona sombra aos pedestres, sendo este território, dos Olivais, a área com maior percentagem de espaço verde por habitante da Europa, que se traduz em qualidade de vida para os seus habitantes.

É importante salientar os atributos do terreno que favorecem a drenagem das águas; como a presença de um solo arenoso e calcário, e as características topográficas do terreno, que minimizam os riscos de inundações e garantem um melhor aproveitamento das águas pluviais, em bacias subterrâneas. Por essa razão, é pertinente considerar o aproveitamento e transformação, de algumas áreas pavimentadas, em zonas permeáveis, aumentando a capacidade de absorção de água pelo solo, mitigando o efeito de ilhas urbanas de calor e reduzindo o impacto ambiental.

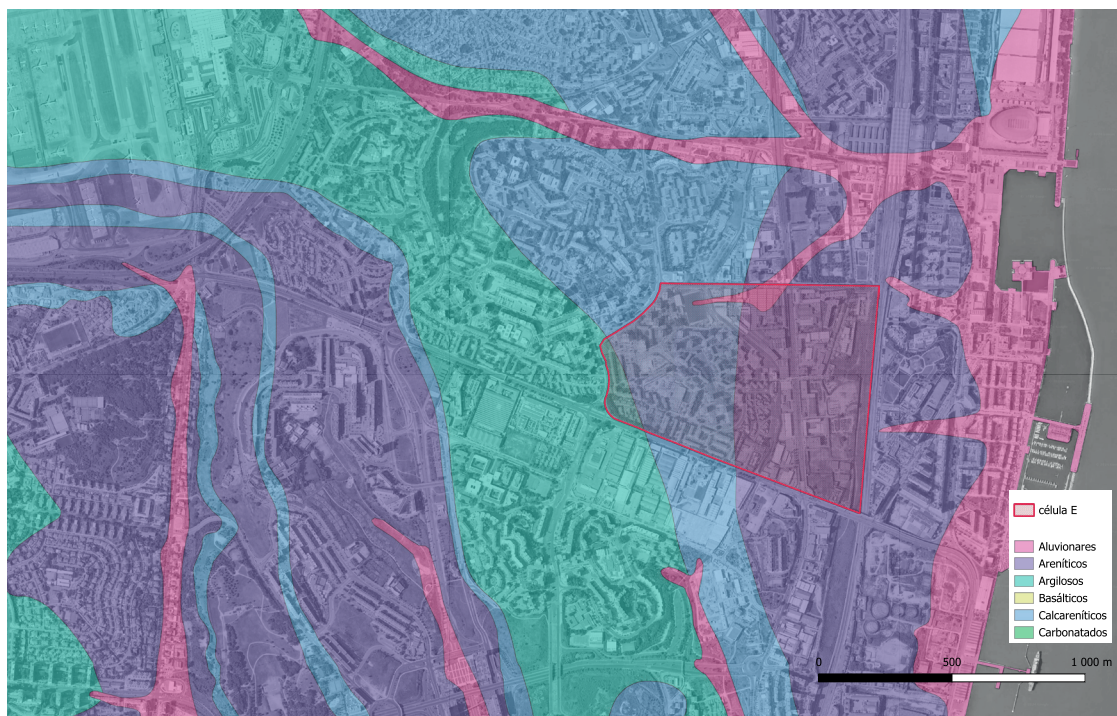


Figura 1.12 – Mapa com o tipo de solos e com a localização dos festos e talvegues, nos Olivais Sul. Realizado no Qgis por Elisabete Ventura, Juliana Banha, Afonso Martins, Alycie Silva.

2. Análise SWOT – Célula E dos Olivais Sul

A análise SWOT da Célula E constitui um instrumento fundamental para compreender de forma integrada as potencialidades e fragilidades do local.

Ao identificar forças e oportunidades, bem como fraquezas e ameaças, torna-se possível construir uma leitura crítica que ultrapassa a mera descrição urbanística, permitindo delinear estratégias de valorização. No caso da Célula E, onde a presença do património industrial da antiga Fábrica Barros se cruza com os princípios urbanísticos do bairro dos Olivais, a análise SWOT oferece uma moldura clara para refletir sobre a relação entre memória, espaço público, ecologia urbana e dinâmicas contemporâneas de requalificação.

A Célula E está rodeada por grandes avenidas, como a Avenida Infante D. Henrique, Marechal Gomes da Costa, de Berlim, e Cidade de Lourenço Marques. Embora as conexões estejam asseguradas, as grandes vias podem ser uma ameaça ao equilíbrio urbano da região, uma vez que criam barreiras físicas para pedestres e ciclistas.

Também se verifica a escassez de pontes pedonais, que façam a ligação ao Parque Expo, melhorando a acessibilidade e a segurança dos transeuntes. A boa mobilidade e conectividade,

Quadro 2.1 – Análise SWOT da Célula E dos Olivais Sul. Realizado pela autora

Forças	Oportunidades
<ul style="list-style-type: none"> • Encosta com boa exposição solar, proteção aos ventos e aproveitamento das brisas do Tejo • Espaço intercetado por Corredores verdes ou corredores ecológicos da cidade onde abundam espaços verdes, arvoredo, etc. • Tipo de solo favorável (arenito) • A presença de linhas de água no subsolo assegura a disponibilidade de água nos solos (existência de uma cabeceira de linha de água, na zona de intervenção) • Boa drenagem • Boa rede de transpores • Boa rede viária • Circulação fluida de trânsito dentro da Célula • Variedade arquitetónica dos edifícios • Boa oferta de equipamentos e serviços públicos, (escolas, mercado, Bombeiros etc.) • Baixa densidade populacional • Bairros pensados para favorecer a integração social entre pessoas de diferentes condições económicas 	<ul style="list-style-type: none"> • Património industrial inativo • Aproveitamento de espaços vagos (abandonados) para parques, hortas etc. • Transformação de áreas pavimentadas em áreas permeáveis • Reconectar corredores verdes • Criar uma rede de caminhos para peões e bicicletas (mobilidade suave) • Promover uma mobilidade mais sustentável • Recuperação de espaços públicos
Fraquezas	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • Rede viária – barreira física • Património industrial abandonado • Terrenos vagos e subaproveitados • Espaços verdes desfragmentados • Áreas pavimentadas • Ausência de ciclovias no interior da Célula • Ciclovias desqualificadas no exterior da – Célula • Falta de comércio local para bens essenciais 	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de consolidação das áreas envolventes • Falta de espaços públicos de referência • Falta de recursos para gerir os espaços verdes • Falta de alguns serviços básicos • Risco de ser tornar numa zona sem vida própria

principalmente em relação a pessoas com dificuldades locomotoras, também pode estar ameaçada, devido à existência de declives no território, por isso é importante a criação de soluções como elevadores urbanos, passagens acessíveis e melhorias no pavimento, para tornar o espaço mais inclusivo.

Na perspetiva patrimonial, como afirma Amado Mendes, «Nem sempre será possível adaptar antigas estruturas ao funcionamento de instituições eminentemente culturais. Caso essa adaptação se torne inexecutável, poderão viabilizar-se outras soluções, relacionadas com o turismo, a indústria hoteleira/restauração, o comércio ou o aproveitamento de tempos livres (por exemplo, através do cinema ou do teatro)»⁴⁷, ou seja, há sempre uma solução possível.

2.1. Identificação do Problema – Célula E

A Célula E nos Olivais Sul apresenta bastantes pontos fortes e oportunidades que podem ser explorados, no entanto tem também algumas fraquezas e ameaças, que precisam de intervenção de forma a evitar o seu agravamento no futuro. Este projeto vai intervir em três áreas distintas e prementes de melhoramento.

A primeira é a reabilitação e a reconversão da Fábrica Barros que, constituindo Património Industrial e estando situado numa zona privilegiada, encontra-se completamente degradada, abandonada e isolada da restante massa urbana.

A segunda área de intervenção é a zona envolvente da fábrica, atualmente negligenciada, e destruída, mas com grande potencial de ser transformada e reaproveitada. Esta zona por se tratar de uma área industrial, encontra-se desconectada do restante tecido urbano, exigindo uma reintegração cuidadosa no contexto da Célula E. O plano prevê, para este território, a criação de um parque urbano.

A terceira zona que merece a nossa atenção é a integração do complexo desportivo Sport Lisboa e Olivais na paisagem envolvente, de forma a envolvê-lo com o edificado existente a Oeste, com o novo Parque Urbano e também com a Fábrica Barros a Sul.

É importante identificar estas problemáticas, transformá-las em pontos fortes e vantagens para a Célula E, garantir um desenvolvimento sustentável e equilibrado da região.

A proposta do parque urbano da Fábrica Barros pretende reabilitar a zona industrial da Célula E, criando ligações entre a malha urbana e a zona industrial, entre a cultura e a ecologia, e entre o passado e o presente. A criação de um parque articulado com a Fábrica Barros e com o complexo desportivo, fará desta zona, um elemento de conexão entre a escala local e a escala metropolitana, respeitando a memória do espaço. Esta estrutura vai integrar áreas verdes, zonas de água, espaços públicos, locais para produção cultural, caminhos pedestres, ciclovias, e áreas de descanso, evidenciando um território em que os sistemas naturais e culturais coexistem e se fortalecem de forma mútua.

47 MENDES, José Amado – A Arqueologia Industrial: uma nova vertente de conservação do património cultural. *Revista Portuguesa de História* [Em linha]. n.º 26 (1991), p. 111-124. [Consult. 24 Mar. 2025]. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/12792> p. 122.

2.2. Resgatar a história e o património industrial

A história da Fábrica Barros foi detalhadamente estudada por Deolinda Folgado⁴⁸, razão pela qual, neste capítulo, nos iremos socorrer frequentemente do trabalho da autora.

A nova zona industrial de Lisboa, dotada das infraestruturas necessárias, permitiu a deslocação de complexos fabris da área dos lanifícios, dos centros tradicionais – Covilhã, Portalegre ou Castanheira de Pera – proporcionando a criação de um marco na modernização do sector têxtil dos lanifícios na cidade de Lisboa, para o que contribuiu a longa experiência dos proprietários da fábrica⁴⁹.

O anteprojecto da Fábrica Barros apresentado à CML em 1947, foi da autoria do arquiteto Cottinelli Telmo (1897-1948), cuja morte prematura levou à continuidade do projeto por Veloso Camelo que respeitou o projeto original. O programa industrial era organizado principalmente

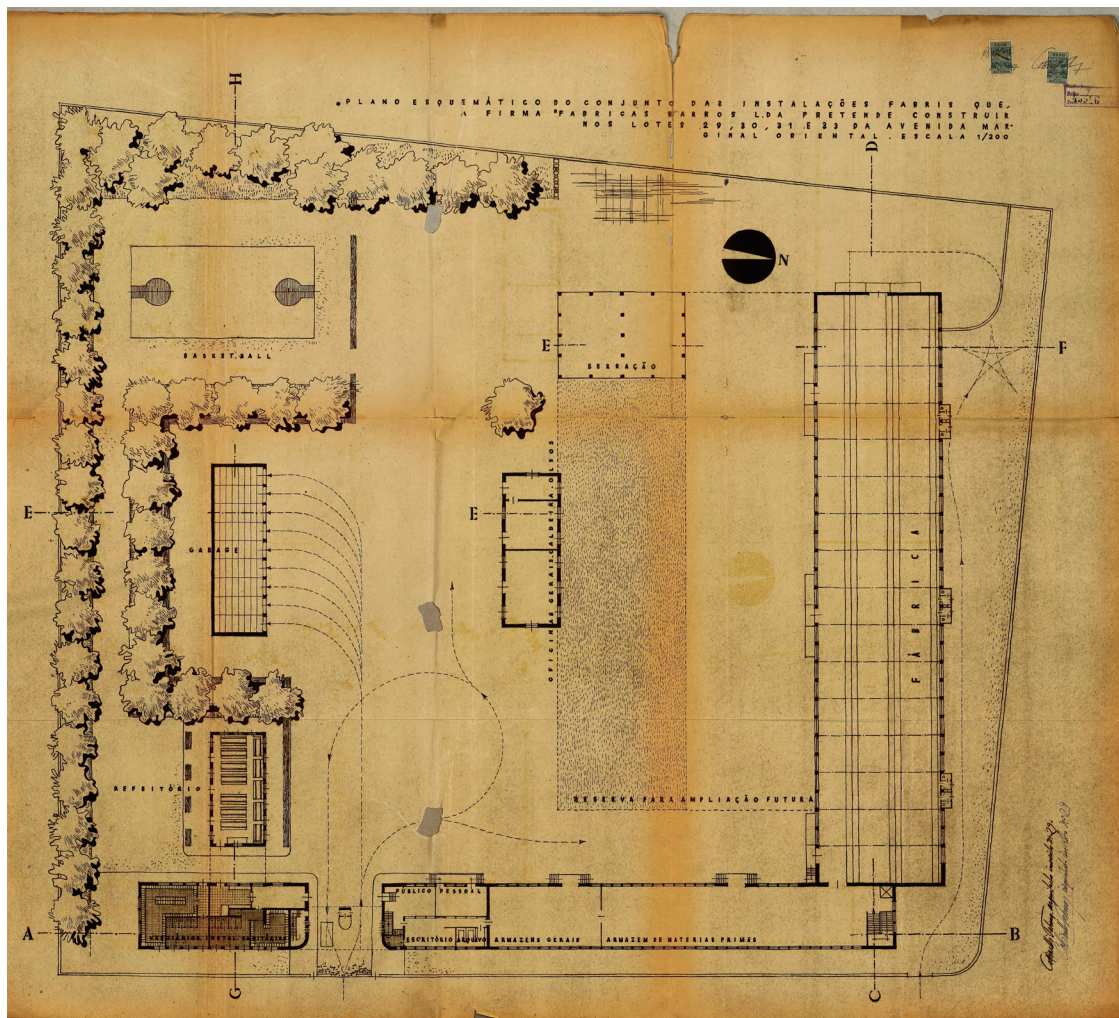


Figura 2.1 – Planta Geral do projeto original da Fábrica Barros Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, obra 927 processo nº 45986/DSC/PG/1947, folha: 10

48 FOLGADO, Deolinda – **A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de Lisboa. 1933-1968.** Lisboa: Universidade de Lisboa Faculdade de Letras, 2009. Tese de doutoramento.

49 *Idem*, p.335.

em três lados do lote originando um pátio central, aproveitado para descanso e lazer, e que permitia separar as diferentes atividades ao longo do dia de trabalho, realçando assim a preocupação em proporcionar aos trabalhadores um bom ambiente, qualidade de vida e bem-estar no trabalho⁵⁰.

É evidente a preocupação do projetista em valorizar arquitetonicamente a fachada principal voltada para a Avenida Infante D. Henrique, esta é organizada em dois corpos semelhantes, ligados por uma laje côncava em betão armado com a função de cobertura, que contrasta com as linhas horizontais das fachadas. Do lado direito no primeiro andar localizavam-se os escritórios com funções administrativas e de armazém, no segundo piso encontrava-se localizada a direção, e a habitação do guarda. Do lado esquerdo da mesma fachada, situavam-se as áreas sociais que incluíam um refeitório com capacidade para 150 pessoas, com espaço de armazéns. Estes dois blocos, eram os únicos que tinha na sua composição uma cobertura de quatro águas. Na continuidade da fachada estavam localizadas funções relacionadas com a produção fabril, como zonas de armazenagem e secções de acabamento. A fachada continha grandes vãos e era uniformizada através da platibanda. O edifício das oficinas de fiação e tecelagem, ou seja, de fabrico, desenvolvia-se perpendicularmente à Av. Infante D. Henrique, e paralelamente à Av. de Pádua, a fachada era também composta por grandes vãos voltados a norte, que permitiam a entrada de luz natural na fábrica⁵¹.

A estrutura dos edifícios é em betão armado, composta por pilares e vigas, que sustentam lajes maciças do mesmo material, na zona do armazém de produção, a estrutura é composta por pilares e vigas em betão armado e asnas e treliças metálicas, que suportam uma cobertura do tipo shed, uma solução particularmente interessante e amplamente utilizada nos espaços industriais da época⁵²

Deolinda Folgado, menciona ainda em relação ao complexo: «Articulando vários volumes interligados, esta construção apresenta-se como um bloco unitário, marcado por uma lógica de funcionamento racional, (...). A Fábrica Barros distingue-se pelo tratamento formal do remate do edifício que, como um friso, percorre toda a sua extensão, integrando o movimento da moderna marquise e transmitindo-o aos remates da pala do telhado, ou conformando as molduras horizontais dos vãos das janelas. É nesta linearidade horizontal que se concentram os elementos compositivos que conferem identidade ao conjunto, garantindo-lhe, assim, uma unidade formal»⁵³.

50 *Idem*, p. 336 e 337.

51 FOLGADO, Deolinda – **A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de Lisboa. 1933-1968**. Lisboa: Universidade de Lisboa Faculdade de Letras, 2009. Tese de doutoramento, p.336-337

52 *Idem*, p. 337.

53 DOCOMOMO_Iberico – **Fábrica Barros** [Em linha]. (s.l.): Docomomo_Iberico [Consult. 24 jul. 2025] Disponível em <https://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/fabrica-barros/>.

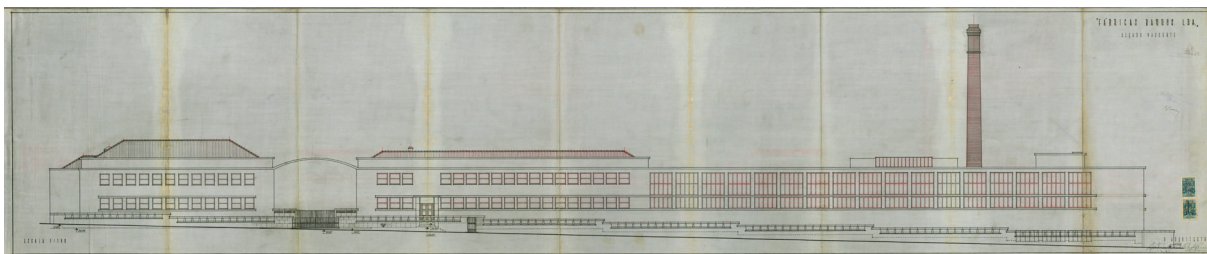


Figura 2.2 – Alçado Nascente da Fábrica Barros, Avenida Infante D. Henrique.
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, obra 927 processo nº 36400/DSCC/PG/1952, folha: 10.

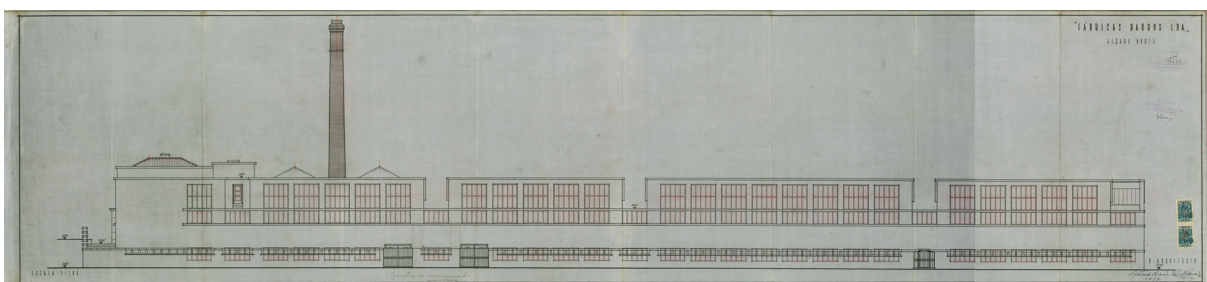


Figura 2.3 – Alçado Norte da Fábrica Barros, Avenida de Pádua.
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, obra 927 processo nº 36400/DSCC/PG/1952, folha: 12.

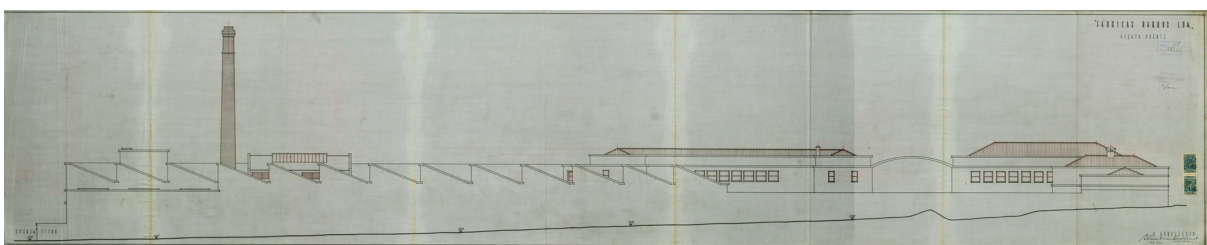


Figura 2.4 – Alçado Poente da Fábrica Barros.
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, obra 927 processo nº 36400/DSCC/PG/1952, folha: 11

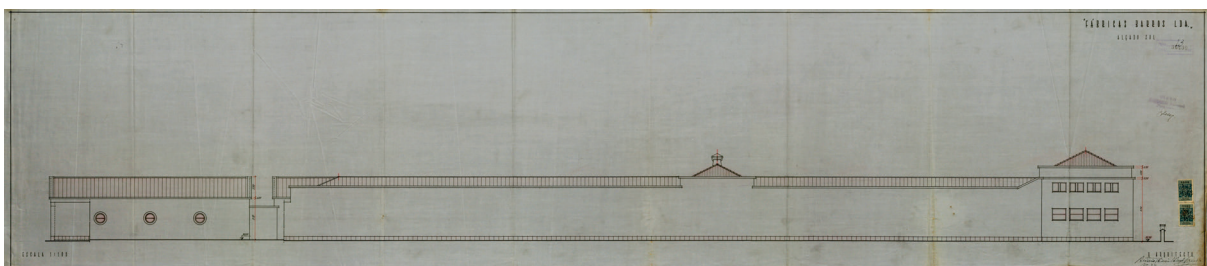


Figura 2.5 – Alçado Sul da Fábrica Barros.
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, obra 927 processo nº 36400/DSCC/PG/1952, folha: 13

Os alçados interiores da Fábrica Barros revelam-se igualmente interessantes e ricos, mantendo a linguagem arquitetónica e os detalhes construtivos característicos do conjunto.

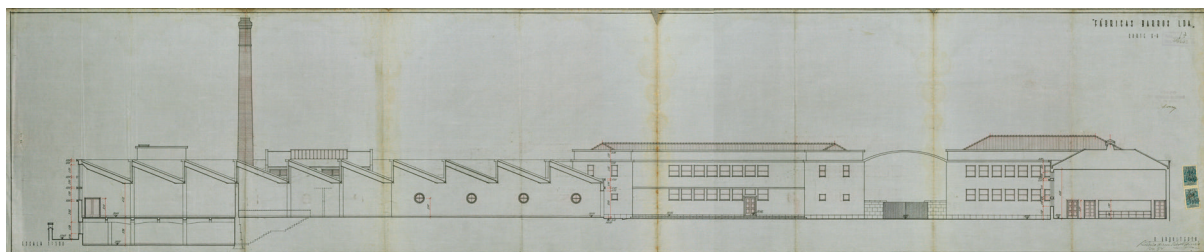


Figura 2.6 – Corte da Fábrica Barros, interior Nascente. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, obra 927 processo nº 36400/DSCC/PG/1952, folha: 17

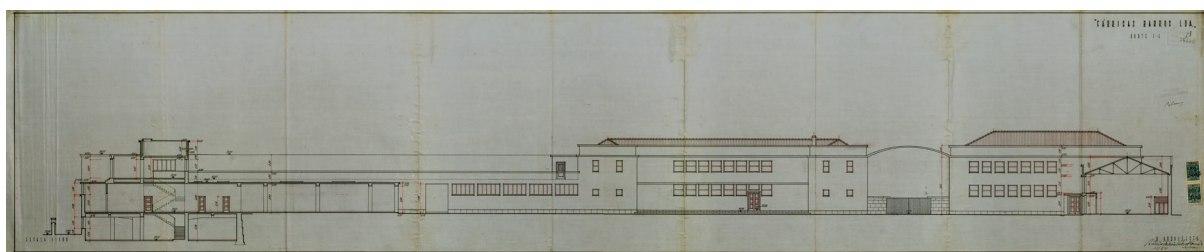


Figura 2.7 – Corte da Fábrica Barros, interior Nascente. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, obra 927 processo nº 36400/DSCC/PG/1952, folha: 18.

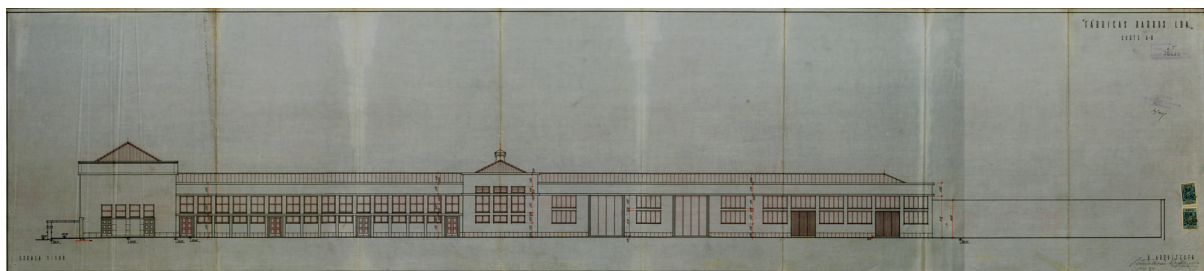


Figura 2.8 – Alçado interior da Fábrica Barros, Sul. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, obra 927 processo nº 36400/DSCC/PG/1952, folha: 14.

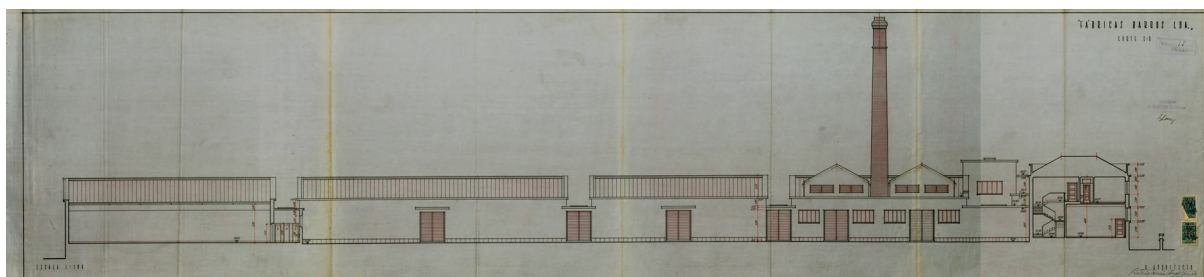


Figura 2.9 – Alçado interior da Fábrica Barros, Norte. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, obra 927 processo nº 36400/DSCC/PG/1952, folha: 15

A reabilitação e refuncionalização da Fábrica Barros é de grande importância, não apenas pela sua carga simbólica, ou pelo facto de ser um marco da modernidade industrial em Lisboa, mas também pelo valor arquitetónico e patrimonial que representa. Foi projetada por dois pioneiros da arquitetura moderna portuguesa, é testemunho de uma época, em que o país procurava alinhar-se com os ideais de progresso industrial e simboliza um período crucial na transformação da estrutura económica da zona oriental da cidade⁵⁴.

Acompanhando a Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial verifica-se que «Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento económico sustentado. O património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades...»⁵⁵. Assim, ao reabilitar este edifício no contexto de um novo parque urbano com dimensão cultural e artística, pretende-se valorizar a história do trabalho e da indústria em Portugal, recuperar a memória coletiva, e reforçar a identidade da população com o lugar, permitindo à fábrica uma nova vida e utilidade, adaptada às exigências da cidade e da sociedade, com base em princípios de integração patrimonial e valores de sustentabilidade.

54 FOLGADO, Deolinda – **A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de Lisboa. 1933-1968**. Lisboa: Universidade de Lisboa Faculdade de Letras, 2009. Tese de doutoramento, p.335-336.

55 THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE – **Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial** [Em Linha]. Nizhny Tagil: TICCIH. 2003. Tradução da responsabilidade da Associação Portuguesa para o Património Industrial. [Consult. 9 jul. 2025]. Disponível em <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>

3. Moldura conceptual aplicada aos Olivais

Nesta secção vamos cruzar vários conceitos e perspetivas, articulando-as num enquadramento que sustenta a nossa proposta, abrindo caminho a novas leituras do território. A figura 3.1 revela o local, a verde, na intersecção entre diferentes conceitos, que se mesclam, sem prejuízo da identidade própria de cada um.

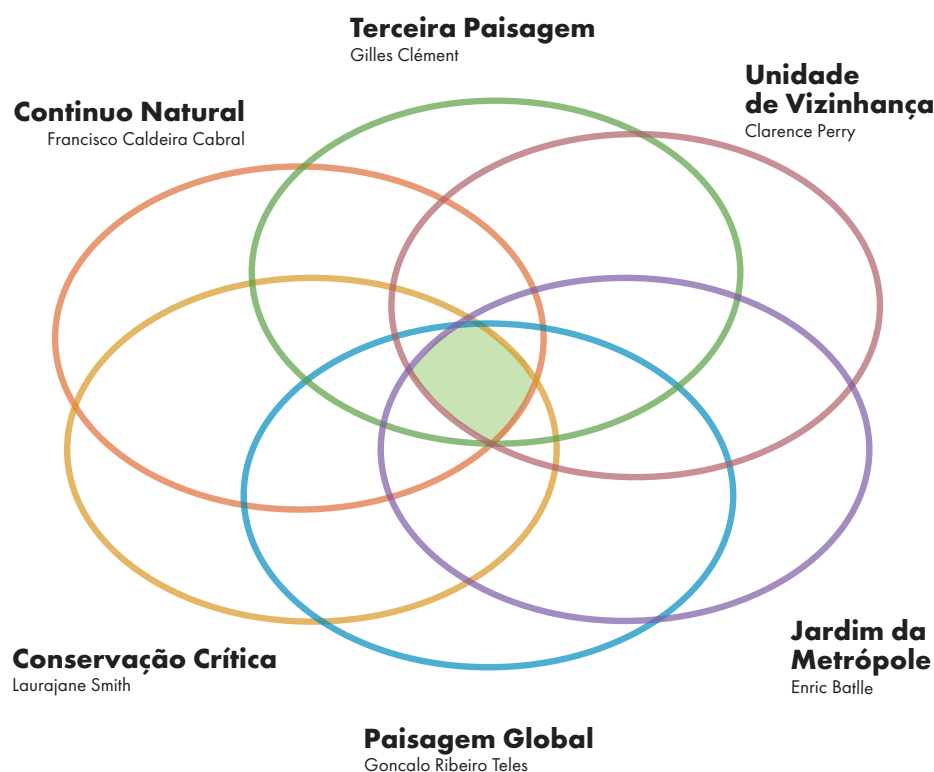


Figura 3.1 – Os Olivais na intersecção do Contínuo Natural, Terceira Paisagem, Paisagem Global, Jardim da Metrópole, Unidade de Vizinhança e Conservação Crítica. Realizado pela autora.

3.1. Diálogo entre o Contínuo Natural e a Terceira Paisagem

O diálogo entre o Contínuo Natural e a Terceira Paisagem permite reler os Olivais para além da sua matriz modernista.

Francisco Caldeira Cabral (1908–1992), introduziu a noção de Continuum Naturale na década de 1970, este conceito surgiu da necessidade de fazer a integração da natureza aquando da planificação do território, formulando uma visão ecológica integrada do território, que articulasse o Continuum Naturale com os usos humanos. Cabral defende que a conservação da natureza não se limita somente à proteção de espécies ou locais, mas deve fazer a ligação ecológica entre os sistemas vivos (solo, água, flora, fauna e ar) e a sua integração com o território humano.⁵⁶

56 CABRAL, Francisco Caldeira – O «Continuum Naturale» e a conservação da natureza [Em linha]. Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente, 1980, p. 35-54. [Consult. 25 Mar. 2025] Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.5/9238>. p.37

O Contínuo Natural evidencia a inserção dos espaços verdes, desde os jardins de vizinhança até ao Vale do Silêncio, numa ampla rede ecológica que liga o bairro ao Parque da Bela Vista e à frente ribeirinha. Em Portugal, o Contínuo Natural é mencionado formalmente na Lei de Bases de 1987, começando a legitimar a ideia de que os jardins e corredores não eram apenas acessórios estéticos, mas também constituíam parte de uma rede ecológica maior, tendo evoluído de acordo com o quadro abaixo.

Em síntese, em 1987 o Contínuo Natural era visto sobretudo como um património a preservar (um limite à expansão urbana) e em 2014 ganha uma dimensão ativa e estratégica: não só se protege, mas integra-se no planeamento territorial, como rede ecológica essencial para ligar áreas naturais, suportar biodiversidade e melhorar a qualidade ambiental.

A par desta estrutura planeada, emergem também áreas residuais, terrenos que se aproximam do que Gilles Clément definiu como Terceira Paisagem, uma «soma dos espaços negligenciados pelos homens»⁵⁷ e que também acerca do que Rosália Guerreiro chama interstícios urbanos «o espaço não edificado resultante da disposição e agregação dos edifícios»⁵⁸.

Quadro 3.1 – O Contínuo Natural nas Leis de Bases do Ambiente, com base nas leis 11 de 7 de abril de 1987 e na lei 19 de 14 de abril de 2014.

Aspeto	Lei n.º 11/87, de 7 de abril	Lei n.º 19/2014, de 14 de abril
Presença do conceito	O Contínuo Natural surge ligado à proteção dos recursos naturais, em articulação com o ordenamento do território (art. 6.º e seguintes), como algo a preservar face à expansão urbana.	O Contínuo Natural passa a ser entendido como estrutura ecológica fundamental, essencial para a sustentabilidade e a resiliência do território.
Dimensão urbanística	O Contínuo Natural aparece como um «limite» ou «reserva» frente à urbanização, associado a áreas agrícolas, florestais, zonas verdes e recursos hídricos.	De «limite» passa a rede de suporte ecológico, integrada nos PDM através da Estrutura Ecológica Municipal (EEM) e da Reserva Ecológica Nacional (REN).
Função ambiental	Foca-se na proteção contra a degradação e ocupação desordenada.	Foca-se multifuncionalmente na conservação da biodiversidade, corredores ecológicos, mitigação das alterações climáticas, qualidade de vida urbana.
Integração política	Inexistência de instrumentos sólidos de articulação entre Contínuo Natural e planeamento municipal.	A lei obriga a integrar o Contínuo Natural em todas as políticas públicas de ordenamento, urbanismo e ambiente, tornando-o um eixo estruturante do território.

Fonte: MINISTÉRIO PÚBLICO PORTUGAL – Lei de base do ambiente [Em linha]. Lisboa: Procuradoria-Geral Regional de Lisboa. [Consult. 25 Jul. 2025]. Disponível em https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=752&tabela=leis Realizado pela autora.

57 CLÉMENT, Gilles – **Manifeste du tiers paysage** [Em linha]. Paris: Sujet/Object, 2004. [Consult. 9 jul. 2025]. Disponível em <https://www.gillesclement.com/index.php> p. 1.

58 GUERREIRO, Rosália – Interstícios urbanos e o conceito de espaço exterior positivo. **Fórum Sociológico** [Em linha]. n.º 18 (2008), p. 1-12. [Consult. 23 jul. 2025]. Disponível em <https://journals.openedition.org/sociologico/218>. p. 2.

O tempo acrescentou novas camadas ao legado urbanístico dos anos 1960 que desenhou os Olivais, em que o espaço verde tinha uma função estruturante: terrenos sobrantes, espaços de transição junto a fábricas desativadas, taludes de vias rápidas ou interstícios entre quarteirões, escapam à lógica planeada. É neste território informal que se manifesta a Terceira Paisagem, uma paisagem residual, espontânea e fértil em biodiversidade, que emerge nas brechas do planeamento.

Nos Olivais, esta condição de fronteira entre os espaços verdes planeados e os vazios imprevistos, atualiza o debate sobre a cidade contemporânea, desafiando a gestão urbanística a reconhecer o valor ecológico e social do que antes era visto apenas como abandono.

Nesses fragmentos aparentemente marginais, manifesta-se uma biodiversidade espontânea que reforça o valor ecológico do bairro e acrescenta uma dimensão imprevista ao desenho urbano. Assim, os Olivais podem ser lidos como um território onde planeamento e espontaneidade ecológica se entrelaçam, ampliando o sentido de continuidade verde na cidade de Lisboa. Reconhecer a Terceira Paisagem como uma necessidade biológica é aceitar a transformação da forma como se interpreta o território, conferindo valor a espaços até então vistos como marginais ou negligenciados. Assim, a Terceira Paisagem abre caminho a múltiplas propostas e aponta para outra compreensão da relação entre paisagem e natureza, que no século XXI articula dimensões estéticas e ecológicas, ligando o campo do estético ao domínio do ético⁵⁹.

O plano urbanístico dos Olivais Sul compreende uma exposição detalhada sobre os objetivos e ambições dos espaços verdes para este território, com a distribuição das zonas de recreação a ser feita segundo escalões habitacionais, e baseada num esquema que visava responder às necessidades da população, relativamente ao usufruto de vida ao ar livre, de acordo com as várias idades. O objetivo era que existissem em todas as Células, jardins semelhantes ao tradicional jardim público lisboeta, que permitiria não só criar pontos de atração importantes, como manter as tradicionais particularidades paisagísticas da cidade de Lisboa⁶⁰. As mudanças no enquadramento legislativo ao longo de cerca de meio século são patentes no quadro da página seguinte.

Assim, os jardins e praças das unidades de vizinhança dos Olivais passaram de espaços de proximidade para elementos protegidos da estrutura ecológica, até se tornarem nós de uma rede ecológica urbana e metropolitana, ou seja, na década de 1960 os jardins e praças foram pensados como espaços de vizinhança e lazer, em 1987 passam a ser entendidos como parte de uma estrutura ecológica protegida e com a nova lei de Bases do Ambiente, depois de 2014, integram-se numa visão de rede ecológica urbana, ligando bairro e cidade, incentivando estilos de vida mais saudáveis e tornando os locais mais inclusivos, sustentáveis e humanizados⁶¹.

59 MARICATTO, Isabella; ROCA, Eduardo – Entre paisagens: Às Frestas da Cidade Contemporânea. **Projectare Revista de Arquitetura e Urbanismo** [Em linha]. vol. 1, nº 13 (2023), p. 168-179. [Consult. 15 Mar. 2025]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/370621470_ENTRE_PAISAGENS_AS_FRESTAS_DA_CIDADE_CONTEMPORANEA. p. 174.

60 FERREIRA, Maria João – **Evolução das Zonas Verdes do Bairro de Olivais Sul**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1984. Relatório Final de Curso. p. 58-59.

61 FERREIRA, Maria João – **Evolução das Zonas Verdes do Bairro de Olivais Sul**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1984. Relatório Final de Curso. p. 60.

Quadro 3.2 – Evolução do papel dos espaços verdes internos nos Olivais, com base no Plano dos Olivais e nas leis 11 de 7 de abril de 1987 e na lei 19 de 14 de abril de 2014. Realizado pela autora

Período	Conceito/ /Enquadramento	Função dos espaços verdes internos	Escala
Anos 1960 (Plano dos Olivais)	Urbanismo funcionalista/ /unidades de vizinhança	<ul style="list-style-type: none"> Jardins centrais e praças para lazer e convivência Separadores entre habitação e tráfego rodoviário Corredores pedonais arborizados para escolas, comércio, igrejas 	Local (bairro/ /unidade de vizinhança)
1987 (Lei de Bases do Ambiente)	Estrutura Ecológica Municipal (PDM 1994)	<ul style="list-style-type: none"> Espaços verdes reconhecidos como parte da estrutura ecológica da cidade Garantia de proteção contra a ocupação urbana Dupla valorização: ambiental e paisagística 	Municipal (cidade de Lisboa)
2014 em diante (nova Lei de Bases do Ambiente)	Infraestrutura ecológica urbana (PDM 2012/2021)	<ul style="list-style-type: none"> Integração nos corredores verdes metropolitanos (Vale do Silêncio, Bela Vista, Parque das Nações) Reforço da mobilidade suave (ciclável/pedonal) 	Urbano- -metropolitana (rede verde contínua)

MINISTÉRIO PÚBLICO PORTUGAL – Lei de base do ambiente [Em linha]. Lisboa: Procuradoria-Geral Regional de Lisboa. [Consult. 25 Jul. 2025]. Disponível em https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=752&tabela=leis

Destaque ainda para a presença de várias linhas de água que estruturam naturalmente a paisagem, marcando o relevo e influenciando o ecossistema local. Estas linhas de água, contribuem para a drenagem natural do solo e para a regulação hídrica do território.

A capacidade de retenção hídrica do terreno é significativa, sobretudo tendo em conta as suas cotas e características topográficas⁶². A presença de solos com boa infiltração e a vegetação existente permitem que este espaço atue como uma esponja natural, atenuando o risco de cheias em períodos de maior pluviosidade. Com intervenções adequadas, este potencial pode ser reforçado, contribuindo para o equilíbrio climático local e para a resiliência urbana face às alterações climáticas.

A presença dos corredores verdes nesta região, a existência de talwegues, e solos adequados, são oportunidades para conectar diferentes espaços naturais, promovendo a biodiversidade e um ambiente mais sustentável. A reconexão do corredor verde existente, também pode contribuir para uma melhor integração e ligação dos espaços verdes e dos parques presentes na zona oriental, como é o caso do Parque do Vale do Silêncio, o Parque do Vale do Fundão e o Cabeço das Rolas. Os terrenos marginais, também podem ser aproveitados para parques públicos, fazendo a ligação entre áreas urbanas e zonas verdes, permitindo uma maior sustentabilidade, senso de comunidade e convívio, não só dos residentes como dos habitantes da cidade de Lisboa.

62 PINHEIRO, Ricardo – **Plano estratégico para a requalificação dos Olivais-Sul utilizando as Nature-based Solutions**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2018. Dissertação de mestrado. p. 51.

O património industrial inativo, como é o caso da Fábrica Barros, que está incluído no conceito de Terceira Paisagem, apresenta um grande potencial de requalificação em equipamento público, moderno e multifuncional, dedicado a atividades culturais e artísticas, envolto em áreas verdes. A falta de espaços públicos de referência na Célula E, dificulta a construção de uma identidade local, assim a reabilitação e reutilização desta antiga unidade fabril, representa uma oportunidade de criar um polo de centralidade, não só para os Olivais Sul, mas para a cidade de Lisboa.

3.2. Diálogo entre a Paisagem Global e o Jardim da Metrópole em contexto de Unidade de Vizinhança

O conceito de Paisagem Global desenvolvido por Gonçalo Ribeiro Telles e inspirado no Jardim Planetário de Gilles Cément, baseia-se numa visão integrada de paisagem, que deriva da interação equilibrada entre o ser humano e a natureza. Este conceito não se refere à natureza no seu estado original, nem às cidades isoladas, mas à interação mantida ao longo dos anos, entre ecologia e cultura, como reflexo da evolução histórica humana e territorial.⁶³

A Paisagem Global surge como uma reação crítica à visão de rutura entre a cidade e o campo, provocada por modelos de ocupação e organização do território marcados pela fragmentação da paisagem. Ribeiro Telles não se propunha fazer o diagnóstico do estado do território, mas antes criar uma proposta de intervenção que atuasse em dois níveis, por um lado, pela capacidade de compreender os efeitos do atual modelo de ocupação do território urbano e rural, associado à crescente desfragmentação, por outro lado propondo uma alternativa ao planeamento do território que promovesse a reconstrução da ligação entre os sistemas urbanos e rurais⁶⁴. Não se consegue atingir um território integrado e estruturado se a cidade desprezar o campo ou se o desenvolvimento da cidade for feito à custa da natureza, se não houver um equilíbrio entre sistemas urbanos e ecológicos ocorrerá a morte da paisagem rural⁶⁵.

Segundo a perspetiva de Ribeiro Telles, para haver um território bem estruturado, é fundamental reconhecer a continuidade entre os sistemas natural e cultural. Esta ligação ecológica e cultural deve integrar vários elementos da paisagem, naturais, construídos, herdados do passado ou pertencentes ao presente, permitindo desta forma a ligação entre diferentes tipos de espaços (urbano, periurbano e rural) e diferentes tempos (passado e futuro). Assim para se estabelecer uma relação equilibrada entre cidade e campo, originando formas mais criativas, enriquecedoras e sustentáveis de habitar e viver, é essencial pensar o território como um todo, de forma

63 BATISTA, Desidério; MATOS, Rute – O jardim planetário: uma utopia para o século XXI?. Repositório Universidade de Évora [Em linha]. (2013), (s/p). [Consult. 30 mar. 2025]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10174/10075>. [p.8]

64 *Idem*, [p. 9.]

65 TELLES, Gonçalo Ribeiro – A Paisagem Global. In SERRÃO, Adriana (org.). **Filosofia da paisagem: Uma antologia** [Em linha]. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. p.476-486 [Consult. 8 abr. 2025]. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/704866903/Paisagem-global-um-conceito-para-o-futuro-Ribeiro-Telles>. p. 480.

integrada.⁶⁶ Nos Olivais, os espaços verdes, os vazios e as margens não são apenas locais isolados, mas peças de uma rede ecológica mais ampla, que revela o bairro como um microcosmo da relação entre cidade e planeta, onde o local reflete o global.

Na mesma linha de proposta de um sistema contínuo e integrado de espaços livres, que operam como uma infraestrutura fundamental à cidade, incluindo funções ecológicas, sociais e urbanas surge o Jardim da Metrópole, conceito de Enric Batlle, que tenta responder aos desafios da cidade contemporânea.

Batlle propõe a criação do estrato livre, que consiste na reconversão de terrenos vagos, sobrantes que se encontram desconectados e desfragmentados, mas que pertencem à malha urbana, integrando a natureza com infraestruturas. Isto permite novas formas de viver e habitar a cidade, onde os espaços podem ser requalificados de forma sustentável, passando a ter uma maior variedade de usos, e a uma paisagem com maior significado, promovendo desta forma a biodiversidade e a integração ecológica. Este conceito apoia uma intervenção sustentável, articuladas entre a natureza e a cidade, que vai permitir uma metrópole mais inclusiva e resiliente⁶⁷.

«O jardim da metrópole não é só a soma de todos os retalhos verdes da cidade ou a consequência de aplicar a nossa vontade ornamental sobre os âmbitos urbanos»⁶⁸, é um modelo de ordenação do território, onde diferentes tipos de espaços, como zonas agrícolas, naturais, de lazer, e proteção, estão interligados como uma infraestrutura verde, contínua e ecológica. O território é um sistema integrado, onde a cidade e a natureza se interligam em benefício mútuo. Estes espaços devem ser vistos como um recurso, uma oportunidade e não como um problema, acumulando funções que podem ser ambientais, sociais e de infraestrutura. Desta forma as áreas verdes, ficam mais bem preparadas para responder às crises ambientais, e os espaços urbanos marginais, são transformados em espaços públicos qualificados⁶⁹, como se pretende fazer com a requalificação da Fábrica Barros.

Com base na abordagem de Batlle, a água, a vegetação e o solo têm um papel fundamental no desenho urbano, tanto do ponto de vista ecológico como social. A gestão da água e a reconexão dos sistemas hídricos naturais, é uma ferramenta fundamental na criação de novos espaços verdes de qualidade. As infraestruturas verdes devem articular o território, e incluir algumas particularidades, como a mobilidade lenta (pedonal e ciclável), os corredores verdes e sistemas hídricos. Assim o conceito de Jardim da Metrópole é em simultâneo um parque verde, um sistema ecológico e uma resposta para a cidade fragmentada, é uma estrutura dinâmica, resiliente, que tem o objetivo de articular a natureza e a cidade de forma contínua permitindo a valorização do espaço, a regeneração ecológica e a inclusão social, e transformando os espaços

66 BATISTA, Desidério; MATOS, Rute – O jardim planetário: uma utopia para o século XXI?. Repositório Universidade de Évora [Em linha]. (2013), (s/p). [Consult. 30 mar. 2025]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10174/10075>. p. 9.

67 BATLLE, Enric – **El jardín de la metrópoli: Del paisaje romántico al espacio libre para una ciudad sostenible**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011. p. 2-3.

68 *Idem*, p. 14.

69 *Idem*, p. 3-4.

em elementos ativos⁷⁰, e que nos parece apropriado no contexto da Célula E dos Olivais. Tanto assim é que Batlle menciona jardins temáticos, como espaços destinados a usos específicos e localizados em terrenos em volta de uma fábrica, numa escola, numa zona de piqueniques, em áreas municipais de desporto, ou outras, num enquadramento que nos transporta para os Olivais. Estes parques temáticos são sistemas dinâmicos de paisagem sustentável e produtivas, que integram várias temáticas, como agricultura, drenagem, biodiversidade, mobilidade suave, sustentabilidade, educação ou lazer, combinando as funções ambientais, sociais, e urbanísticas, possibilitando desta forma, novas formas de ocupar e gerir o território⁷¹.

Em síntese, as visões de Gonçalo Ribeiro Telles e Enric Batlle, embora tenham origens diferentes, alinham-se na forma como encaram a relação entre a cidade e a natureza, ambos defendem sistemas contínuos e multifuncionais. Herdeiros de Gilles Clément, Ribeiro Telles propõe uma estrutura sustentada na tradição, estabelecendo o equilíbrio entre sistemas urbanos e rurais e que integra valores ecológicos, culturais e sociais e Batlle, apresenta uma proposta mais contemporânea e operativa, que pretende regenerar os vazios urbanos e promover uma cidade mais produtiva.

Estes conceitos são fundamentais para a constituição de uma visão abrangente, holística e integrada da paisagem, não só através do entendimento da relação dos espaços urbanos, periurbano e rurais, como na perspetiva de construir uma paisagem, apoiada na tradição e na inovação e capaz de se adaptar à evolução da sociedade e da natureza⁷².

Para enriquecer a discussão, resgatamos o conceito de unidade de vizinhança, lembrando que o Plano dos Olivais é um dos exemplos mais emblemáticos em Portugal da aplicação deste conceito.

O paralelo com a Célula E, estruturada sob o conceito de unidade de vizinhança, é visível reconhecendo-se a aplicação prática dos princípios estruturais propostos por Clarence Perry, a existência de uma escola básica localizada numa zona central, acompanhada de um mercado, um quartel dos bombeiros e um complexo desportivo. No total das seis Células, existem mais quatro escolas básicas: as Células B e C têm uma cada, a Célula D tem duas e existe uma escola secundária, na Célula C.

Segundo o conceito em análise, é importante integrar um centro comercial de maior dimensão, que sirva as várias Células. Este tipo de equipamento deve localizar-se de preferência nos limites entre Células, e idealmente junto aos cruzamentos das vias principais. Embora o plano original previsse a construção de um centro comercial de maiores dimensões na Célula G, este só viria a ser construído mais tarde, e com características bastante diferentes do que havia sido pensado.

70 *Idem*, p. 7 e 11.

71 *Idem*, p. 12-13.

72 BATISTA, Desidério; MATOS, Rute – **O jardim planetário: uma utopia para o século XXI?**. Repositório Universidade de Évora [Em linha]. (2013), (s/p). [Consult. 30 mar. 2025]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10174/10075>. p. 8.

Face à escala e densidade dos Olivais, em particular da zona sul, é evidente a vantagem na construção de um segundo centro, de dimensão superior, complementar ao existente na Célula G. O presente trabalho propõe a criação desse centro na zona da Fábrica Barros, como espaço multifuncional que reúne lazer, descanso, atividades culturais e serviços, integrando-se no tecido urbano como prolongamento dos princípios da unidade de vizinhança, com uma forte presença de espaço público e espaço verde, ao serviço não só dos Olivais como também da cidade de Lisboa.

Neste entrelaçar de escalas e visões, o jardim da metrópole torna-se um elo entre o íntimo e o universal e a unidade de vizinhança emerge como palco onde a paisagem global se reencontra com o quotidiano. É neste diálogo que a cidade aprende a respirar com o mundo.

3.3. Património Industrial e Conservação Crítica: responsabilidade social e ética

Desde os anos 90 do século XX que José Amado Mendes defende uma revisão do termo *património*, que mais se aproxime da realidade, muito além do expresso na legislação⁷³. Assim, de forma alargada, assumimos «de modo simples definir *património* como aquilo que herdamos dos nossos antepassados»⁷⁴, tentando que a preservação, reabilitação, reutilização e reconstrução se realizem tendo em conta os Princípios para Análise, Conservação e Restauro de Elementos Estruturais do Património Arquitetónico, contidos na carta do ICOMOS⁷⁵.

A conservação estratégica deve assentar numa seleção cuidadosa dos edifícios a reabilitar e na definição criteriosa das funções que neles se pretendem instalar, pois os novos usos podem revelar-se pouco compatíveis com a flexibilidade e a articulação exigidas⁷⁶. Em matéria de património cultural podemos ver um «triângulo perfeito entre passado (o que herdamos), presente (como o tratamos) e futuro (o que deixamos às gerações vindouras). Se por um lado, «herdar» pressupõe o direito a essa herança, por outro lado cria também o dever de proteger, valorizar e a integrar esse «legado» para que ele possa continuar a fluir naturalmente no futuro»⁷⁷.

73 MENDES, José Amado – A Arqueologia Industrial: uma nova vertente de conservação do património cultural. **Revista Portuguesa de História** [Em linha]. n.º 26 (1991), p. 111-124. [Consult. 24 Mar. 2025]. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/12792> p. 113.

74 DOMINGUES, Susana; MARQUES, Sandra – Circuitos pela tardia industrialização portuguesa: Lisboa entre dois mundos. In FILIPE, Graça; VALE, José; CASTAÑO, Inês (coord.). **Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospetiva**. Lisboa: IHC-NOVA FCSH, 2018, p. 371-384. p. 375.

75 O ICOMOS (International Council of Monuments and Sites) é uma organização não governamental, fundado em 1965 no seguimento da Carta de Veneza (1964), tem o objetivo de proteger e conservar o património cultural mundial. É composto por especialistas de várias áreas, ligados à conservação do património. Em 2003 foram publicados os «Princípios para a Análise, Conservação e Restauro de Elementos Estruturais do Património Arquitetónico», que dão orientações técnicas e éticas, para a intervenção em edifícios históricos (<https://www.icomos.org/>)

76 RAMOS, Ricardo – **Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2011. Dissertação de mestrado. p. 54.

77 DOMINGUES, Susana; MARQUES, Sandra – Circuitos pela tardia industrialização portuguesa: Lisboa entre dois mundos. In FILIPE, Graça; VALE, José; CASTAÑO, Inês (coord.). **Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospetiva**. Lisboa: IHC-NOVA FCSH, 2018, p. 375.

A teoria da conservação crítica consiste na tentativa de responder a questões contemporâneas no âmbito do património e defende que os elementos tangíveis e intangíveis do passado, são intervenientes dinâmicos e fundamentais que fornecem contribuições valiosas para a gestão e conservação do património no presente⁷⁸.

Assim sendo, vai mais além da preservação da história ou da reabilitação de um edifício, para se assumir como uma responsabilidade social e ética, ou seja, mesmo após a refuncionalização de um espaço, o património continua a ter um papel fundamental, sendo necessário fazer adaptações, no presente, que permitam dar visibilidade a histórias silenciadas e a experiências libertadoras⁷⁹.

A australiana Laurajane Smith adota o conceito de Conservação Crítica, defendendo a refuncionalização do património: «O património não se refere apenas ao passado – embora o seja – também não se refere apenas a coisas materiais – embora também o seja – o património é um processo de envolvimento, um ato de comunicação e um ato de criação de significado, no presente, e para o presente»⁸⁰.

O arquiteto alemão Tilman Latz afirma que «A Europa tem a oportunidade de redefinir o seu antigo património industrial, transformando espaços de produção antigos em locais



Figura 3.2 – Parque Dora em Turim, antiga área industrial. Projeto de Latz + Partner. Fonte: LANDEZINE. Parco Dora [Em linha]. Ljubljana: Landezine, 2025. [Consult. 15 ago. 2025]. Disponível em https://landezine.com/parco-dora-latz-partner-landscape_architecture

78 VICENTE, Marta – Conservação crítica e dinâmicas de intervenção no património corrente. **Seminários de cultura arquitetónica antologia de ensaios** [Em linha]. DINÂMIA'CET-ISCTE, (jan. 2023), p. 39-48. [Consult. 15 jul. 2025]. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/372336258>. p. 44-45.

79 ESCOBAR CASTRILLON, Natalia – **Reframing the Architectural Conservation Field: The Critical Conservation Works of David Chipperfield Architects, Amateur Architecture Studio (Lu Wengyu and Wang Shu), and Lina Bo**. Cambridge: Harvard University, 2020, Tese de doutoramento. p. 264.

80 SMITH, Laurajane – **Uses of heritage**. Londres: Taylor & Francis, 2006, p.1.



Figura 3.3 – Sinterbeckenplatz antigo complexo industrial, no Luxemburgo. Imagem digital do projeto de Latz + Partner. Fonte: LATZ + PARTNER, **Sinterbeckenplatz**, Esch Belval, LU [Em linha]. Kranzberg: Latz + Partner, 2023. [Consult. 15 ago. 2025]. Fonte: <https://www.latzundpartner.de/en/projekte/postindustrielle-landschaften/sinterbeckenplatz-esch-belval-lu/>

apresentados de forma moderna e valorizados por novos usos»⁸¹, e menciona «que os enormes investimentos feitos pelos nossos antepassados em estruturas espetaculares estão agora à nossa disposição para novos usos»⁸². Dá como exemplos a requalificação do Parque Dora em Turim, caracterizado pelo seu passado industrial, definido pelo rio Dora, ou a transformação da antiga fábrica de sinterização da siderurgia, a Sinterbeckenplatz, no Luxemburgo, num premiado espaço público com inúmeras valências, ou ainda a antiga fábrica de carvão e aço, atualmente transformadas em parque público em Duisburg Nord, na Alemanha.

A ideia de património enquanto ato de comunicação e produção de significado, ou seja, como experiência, está relacionado com a gestão e conservação dos valores, significados e associações culturais e sociais, vividas em diferentes momentos que se sucedem e se complementam, museificação, reutilização e conversão⁸³. Desta forma o processo de gestão e conservação do património é responsável pela identificação dos locais que devem ser considerados património, mas também pela gestão das experiências patrimoniais⁸⁴.

Determinados lugares, considerados património, não são intrinsecamente valiosos, mas têm um determinado significado que os torna valiosos. Veja-se o exemplo, entre muitos, do local

81 LATZ, Tilman – Identity, Strengths and Opportunities of Post-Industrial Spaces. In VIDAL, Frédéric; FIGUEIRA FARIA, Miguel (coords.), **Patrimónios Fabris e Requalificação Urbana**. Oeiras: Principia, 2023, p. 217.

82 *Idem*, p. 224.

83 SILVA, Vasco – **Revolução (Des)industrial: Museificar, Reutilizar e Converter**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009. Dissertação de mestrado, p. 32 e 34.

84 SMITH, Laurajane – **Uses of heritage**. Londres: Taylor & Francis, 2006. p. 2.



Figura 3.4 – Parque Paisagístico a Norte de Duisburg, antiga fábrica de aço e carvão. Projeto de Latz + Partner. Fonte: LATZ + PARTNER. **Landschaftspark Duisburg Nord, DE** [Em linha]. Kranzberg: Latz + Partner, 2023. [Consult. 15 ago. 2025]. Disponível em <https://www.latzundpartner.de/de/projekte/postindustriellelandschaften/landschaftspark-duisburg-nord-de/>

onde se realizou a batalha de Aljubarrota, onde nasceu o CIBA, Centro de Interpretação da Batalha da Aljubarrota. A localização é associada a processos culturais e sociais que, ao serem recordados e celebrados, constroem formas de participação e compromisso com o presente: o que torna um lugar valioso e com significado patrimonial, são os processos culturais contemporâneos e as atividades desenvolvidas no local, das quais o património se torna parte⁸⁵, e que permitem «dar novos lugares aos lugares»⁸⁶.

O património inclui performances de gestão, interpretação, conservação e visitação, que têm o objetivo não só de manter e recordar a história, mas também de construir um senso de lugar, de pertença e compreensão com o presente: «Os edifícios metamorfoseiam-se e a memória do espaço permanece»⁸⁷ como uma negociação entre as memórias do passado e as novas formas de expressar a identidade no presente, um processo contínuo, onde os vínculos com o passado devem ser continuamente recriados, considerando as atuais necessidades do indivíduo e da comunidade no presente⁸⁸.

85 Neste exemplo, para além das exposições, parte delas interativas, e espetáculos multimédia que recriam a batalha, existe ainda uma loja, cafeteria, parque de merendas e parque de engenhos medievais. Fonte: FUNDAÇÃO BATALHA DE ALJUBARROTA. **Centro de Interpretação** [Em linha]. Aljubarrota: Fundação Batalha de Aljubarrota, 2023. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://fundacao-aljubarrota.pt/centro-de-interpretacao/>

86 MATEUS, Luísa; LAÍNHO, Susana – Dar novos lugares aos lugares: Desenvolvimento e recuperação de património fora dos centros urbanos. **Pedra & Cal**, [Em linha]. n.º 74-75 (jan.-dez. 2023), p. 8-11. [Consult. 15 jul. 2025]. Disponível em http://www.gecorpa.pt/revista_edicao.aspx?idr=77 p.8.

87 QUEIRÓS, Carolina – **Metamorfose do espaço**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2017. Dissertação de mestrado p. 25.

88 SMITH, Laurajane – **Uses of heritage**. Londres: Taylor & Francis, 2006. p. 301-302.

«Nada é realmente património a menos que esteja a ser utilizado, pois o valor de qualquer objeto ou sítio advém do seu uso»⁸⁹. A reabilitação da Fábrica Barros insere-se na lógica da conservação crítica, uma vez que a valorização do património transcende a materialidade. A refuncionalização deste espaço pretende preservar a memória industrial do passado, mas também criar memórias, significados e vivências no presente, reforçando os laços com a comunidade e transformando o espaço num agente ativo de criação e participação cultural.

3.4. Da ferrugem à cultura: exemplos de transformação industrial e patrimonial

O projeto em questão pretende transformar a Fábrica Barros num centro polivalente de artes onde poderão se realizar exposições, teatros, espetáculos, performances, entre outras valências.

A inspiração provém de inúmeros exemplos, a começar no antigo matadouro que no início da década de 80 se transformou no icónico Parc de La Villette, em Paris, com áreas verdes e um conjunto de equipamentos culturais e espaços dedicados às artes, com relevo para a música.



Figura 3.5 – Vista aérea do Parc de La Villette em Paris, antigo matadouro. Projeto da autoria do Arquiteto Bernard Tschumi. Fonte: PARC DE LA VILLETTE. **La Villette** [Em linha]. Paris: Parc de la Villette, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://www.lavillette.com/en/manifestations/visites-decouvertes-du-parc-de-la-villette/>

Ainda em França, em Arles, um complexo industrial ferroviário criado no século XIX, que se transformou no LUMA Arles, Parc des Ateliers, um polivalente centro de artes, onde se destaca a torre projetada por Frank Gehry.

89 SMITH, Laurajane – **Uses of heritage**. Londres: Taylor & Francis, 2006. p.304.



Figura 3.6 – Fotografia aérea do Parc des Ateliers em Arles, antigo complexo industrial ferroviário, da autoria do arquiteto paisagista Bas Smets, com um edifício torre projetado por Frank Gehry. Fonte: LUMA. **La Tour** [Em linha]. Arles: Luma, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://www.luma.org/fr/arles.html>



Figura 3.7 – Kraftwerk em Berlim, antiga central elétrica. Fonte: KRAFTWERK BERLIN. **Kraftwerk Berlin** [Em linha]. Berlim: Kraftwerk Berlin, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://kraftwerkberlin.de/wp-content/uploads/2020/03/login-kraftwerkberlin-b8c5a87e8b.jpg>

Na Alemanha realçam-se dois casos: a Kraftwerk Berlin, a antiga central elétrica transformou-se em palco de eventos culturais, festivais de música e exposições de arte experimental; já a antiga mina de carvão Zeche Zollverein, em Essen, atualmente é um campus de design, museus e espaços culturais.



Figura 3.8 – Zeche Zollverein em Essen, antiga mina de carvão. Projeto de Rem Koolhaas, Norman Foster e SANAA. Fonte: ZECHE ZOLLVEREIN. **Zeche Zollverein** [Em linha]. Essen: Zeche Zollverein, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://www.zollverein.de/besuch-planen/was-ist-zollverein/>

Em Portugal encontramos igualmente exemplos de valor, como a fábrica têxtil ASA em Guimarães, reconvertida num centro cultural premiado, com espaços para exposições, eventos e inovação urbana.



Figura 3.9 – Centro cultural, antiga fábrica têxtil ASA. Reabilitação da autoria de Balonas & Menano Fonte: +URBANO. **Fábrica ASA** [Em linha]. Porto: +Urbano, 2020. [Consult. 10 ago. 2025]. Disponível em https://maisurbano.pt/saidawork.aspx?uuid_work=b97b30fd-6df5-7631-ac31-72d1918455e6&lang=1



Figura 3.10 – Oliva Creative Factory em São João da Madeira, antiga fábrica metalúrgica. Fonte: OLIVA CREATIVE FACTORY. **Oliva Creative Factory** [Em linha]. São João da Madeira: Oliva Creative Factory, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://www.olivacreativefactory.com/>

Em São João da Madeira, a antiga fábrica metalúrgica foi transformada num centro cultural de incubação criativa, a Oliva Creative Factory.

Na cidade de Lisboa, realçamos dois exemplos, a Lx Factory, antiga fábrica de tipografia e material de guerra, agora um polo criativo com valor multiplicado, conhecido e procurado mundialmente, com livrarias, galerias, restaurantes e espaços de coworking, ou o exemplo

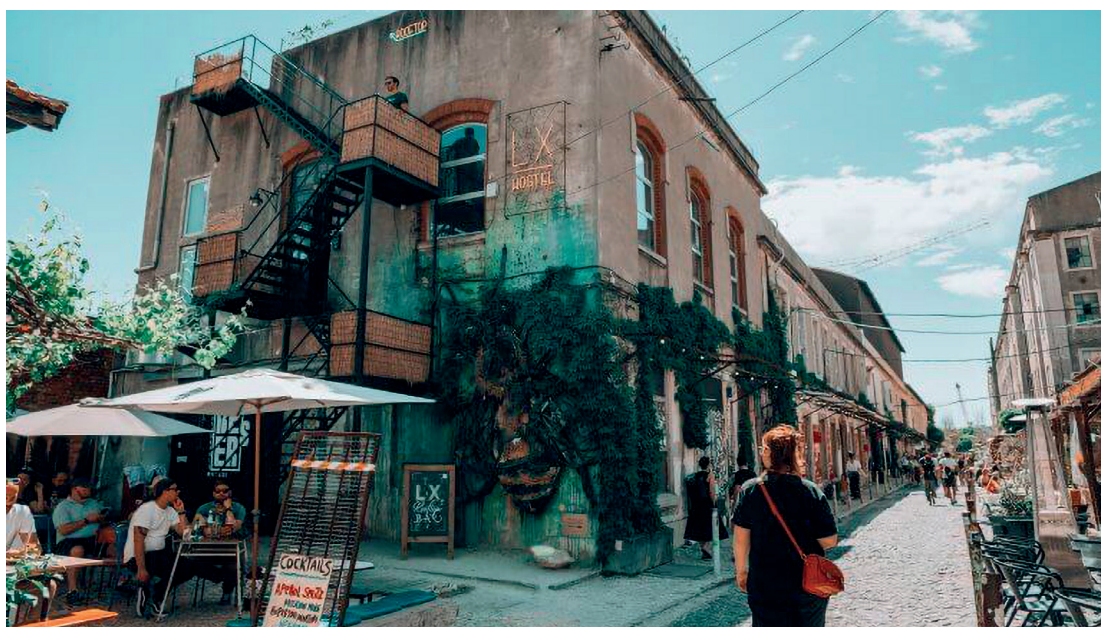


Figura 3.11 – Lx Factory em Lisboa, antiga fábrica de tipografia e material de guerra. Fonte: LX FACTORY. **Lx Factory** [Em linha]. Lisboa: Lx Factory, 2019. [Consult. 10 out. 2025]. Disponível em <https://lxfactory.com/o-lxfactory/>

emblemático da antiga Central Tejo, atual Museu da Eletricidade, que preserva a arquitetura industrial e promove exposições de ciência e arte.

Os casos mencionados são exemplos de recuperação e requalificação patrimonial de forma integrada, pois toda a envolvente dos edifícios e locais foram repensados, com acessos, espaços verdes, circuitos de mobilidade suave, entre outras valências.

Desta forma, a fabrica Barros tem a ambição de ser transformada num centro artístico inserido num parque verde, onde a população dos Olivais, mas não só, possa usufruir de uma renovada agenda cultural, que assim se enriquece, bem como de todos os benefícios ambientais, sociais, e psicológicos associados.



Figura 3.12 – Museu da Eletricidade em Lisboa, antiga Central Elétrica. Fonte: EDP FUNDAÇÃO. Fotografias do Campus [Em linha]. Lisboa: Edp Fundação. [consult. 10 de ago. 2025]. Disponível em <https://www.fundacaoedp.pt/pt/conteudo/press>

3.5. Fabrica Barros: laboratório espontâneo da Terceira Paisagem

Nos Olivais Sul os aglomerados industriais foram implantados ao longo de dois eixos estruturantes, as Avenidas Marechal Gomes da Costa e Infante D. Henrique, onde se instalaram importantes complexos fabris, como a Tabaqueira de Cabo Ruivo, SACOR, Petroquímica, Diamang, UTIC, Plessey Automática Portuguesa, ou o Consórcio Laneiro, entre outros⁹⁰, com estas avenidas a protagonizarem a função de circulação, cuja acessibilidade permitiu às fábricas afirmarem a sua presença no território e darem a conhecer as suas atividades junto da população.⁹¹

Atualmente o local da antiga Fábrica Barros introduz uma mancha industrial que interrompe a continuidade do tecido habitacional e dos jardins planeados. Com a desativação da unidade fabril, o terreno adjacente entrou num processo de indefinição programática, permanecendo durante décadas como espaço expectante.

Ao lado dos jardins de vizinhança e do corredor verde que conduz ao Vale do Silêncio, esta parcela industrial obsoleta transformou-se num laboratório espontâneo da Terceira Paisagem: surgiu matos e árvores dispersas, configurando uma ecologia própria, distinta da dos espaços verdes projetados. Assim, o que era inicialmente um vazio urbano tornou-se refúgio de biodiversidade e lugar alternativo de apropriação informal pelos moradores. A justaposição entre o

Quadro 3.3 – Análise da antiga Fábrica Barros na Célula E nos Olivais articulada com o conceito de Terceira Paisagem, de Gilles Clément. Realizado pela Autora.

1. Situação	Localização: Célula E dos Olivais, Lisboa. Inserção: tecido habitacional dos Olivais Sul, junto a unidades de vizinhança com jardins planeados e proximidade ao Vale do Silêncio. Histórico: ocupada pela Fábrica Barros (setor industrial ligeiro)
2. Processo	Após a desativação da fábrica, a parcela entrou em situação de vazio urbano, tendo o terreno permanecido décadas sem programa definido, funcionando como espaço residual e expectante. A ausência de manutenção favoreceu a colonização espontânea por vegetação.
3. Valor ecológico	Formação de uma paisagem espontânea, não prevista nos planos originais. Emergência de biodiversidade distinta dos jardins de vizinhança, mais controlados e desenhados. Função de refúgio ecológico e de resiliência ambiental no interior do bairro.
4. Valor social	Apropriação informal pelos moradores (usos lúdicos, passagem pedonal, ciclovias). Perceção ambivalente: simultaneamente vista como «terreno abandonado» e como «espaço livre disponível».
5. Implicações urbanísticas	Revela os limites da lógica planeada, ao evidenciar o potencial de espaços «fora de plano». Materializa-se no contexto dos Olivais, a Terceira Paisagem de Gilles Clément, zonas de transição e abandono com relevância ecológica.

90 FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge – **Caminho do Oriente: guia do património industrial**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999, p. 10.

91 FOLGADO, Deolinda – **A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de Lisboa. 1933-1968**. Lisboa: Universidade de Lisboa Faculdade de Letras, 2009. Tese de doutoramento. p 316

verde planeado e o verde emergente neste fragmento dos Olivais mostra como o bairro, se abre hoje a uma leitura que valoriza também a imprevisibilidade e a vitalidade do não-planeado, ou seja, mostra como um bairro pensado de forma moderna e planificada (anos 60) se cruza agora com paradigmas contemporâneos (ecologia urbana, reutilização de vazios) esquematizados na página anterior.

Desta forma é visível a necessidade de integrar com a gestão urbana com uma abordagem híbrida, que reconheça o valor do não-planeado e concilie a preservação espontânea com usos comunitários.

4. Estratégia – Célula E

O presente plano de estrutura, visa a requalificação urbana da zona industrial existente, entre a Avenida Infante D. Henrique e a Avenida de Pádua, combinando a reabilitação do património industrial e a revitalização de espaços públicos.

Pretende-se reconverter a Fábrica Barros num espaço público, renaturalizar o espaço envolvente, que está fragmentado e pouco qualificado, e por último, integrar o complexo desportivo Sport Lisboa e Olivais nesta paisagem, de forma a criar um parque estruturado, que estabeleça um contínuo, entre a natureza e a malha urbana.

Esta intervenção representa uma estratégia com grande impacto social, cultural e ambiental, não só por preservar o património industrial, mas também por revitalizar toda a área, promovendo a qualidade de vida, o convívio dos cidadãos e incentivando um desenvolvimento urbano.

A Fábrica Barros representa um marco na história industrial da região e a sua requalificação vai permitir reativar a importância deste espaço para a comunidade, aumentar a identidade com o local, e promover o turismo cultural, que traz vantagens económicas para a cidade.

O edifício, será transformado num espaço multifuncional, dedicado às artes e à cultura, de forma a fomentar a economia, impulsionar talentos locais, proporcionando à comunidade um local de participação ativa e encontro. O método utilizado para reabilitar a Fábrica Barros baseia-se numa estratégia de requalificação adaptativa, respeitando e preservando os elementos originais e a memória histórica do edifício. O espaço será adaptado a novos usos, de natureza cultural, ajustados às necessidades da comunidade no presente.

O edifício será multifuncional e flexível, com áreas para exposições, performances, workshops e eventos culturais, adaptáveis de forma a responder a várias requisições. A nova função



Figura 4.1 – Eixos de intervenção que derivam da requalificação da Fábrica Barros. Realizado pela autora

cultural do edifício, será potencializada através das conexões de várias áreas, interiores e exteriores ao edifício, incentivando a circulação entre os vários espaços, onde estes e o público possam desempenhar um papel de igual importância, estabelecendo um discurso aberto e um diálogo direto⁹².

Os terrenos desfragmentados e subaproveitados, adjacentes à Fábrica Barros, onde se situam dois aglomerados industriais, um deles abandonado, será transformado num parque verde urbano, permitindo restabelecer a ligação entre o território industrial e a malha urbana. Um pormenor a destacar será o reaproveitamento do traçado do canal Alviela, para promover um percurso de mobilidade suave.

A integração do complexo desportivo Sport Lisboa e Olivais, nesta paisagem vai permitir transformar este território numa paisagem coesa, estruturada, funcional, e articulada com o desenho urbano.

Este parque funcionará como uma infraestrutura verde, que interliga funções ecológicas, sociais e culturais, espaço verde sustentável, que promova a biodiversidade, reduza a poluição do ar, o ruído, e as ilhas urbanas de calor, proporcionando um maior conforto ambiental, bem-estar físico e emocional.

O parque urbano da Fábrica Barros, vai incluir áreas de arvoredo, zonas de recreação, percursos de mobilidade suave, espaços para a prática de atividades físicas, e zonas para atividades culturais ao ar livre, promovendo a interação social, e fortalecendo os laços da comunidade. Vai ser realizado um espelho de água, que além de proporcionar um valor estético e paisagístico, vai influenciar a regulação térmica e a biodiversidade.

Esta iniciativa alinha a preservação histórica, inovação cultural e sustentabilidade ambiental beneficiando não só os atuais residentes, mas também os habitantes da cidade de Lisboa, contribuindo para uma cidade mais equilibrada, criativa e acessível a todos.

4.1. Plano de Pormenor do Parque Urbano da Fábrica Barros

Este projeto localizado na Célula E dos Olivais Sul propõe a reabilitação da Fábrica Barros, transformando-a num centro artístico, inserido num parque verde urbano, e integrado na restante envolvente, especificamente com o complexo desportivo Sport Lisboa e Olivais.

O PDM na zona de intervenção tem três diferentes usos autorizados: área consolidada industrial; área de equipamentos e serviços públicos e área consolidada de edifícios de utilização coletiva mista. Caso este projeto fosse realizado o PDM teria de ser revisto para área verde de recreio.

A zona de intervenção é composta por uma área residencial, articulada com uma zona industrial, é uma área privilegiada uma vez que se situa no eixo de três grandes parques existentes na zona oriental de Lisboa, o parque do Vale do Silêncio, o parque Vale do Fundão e o

92 COUTINHO, Bárbara; TOSTÕES, Ana – A exposição como «obra de arte total»: o MUDE como caso de estudo. **Midas: museus e estudos interdisciplinares**, nº 4 (2014), p.1-18. [Consult. 30 Julho 2025]. Disponível em <https://journals.openedition.org/midas/694> p.9.



Figura 4.2 – PDM da zona dos Olivais – Realizado pela autora no Qgis.



Figura 4.3 – Mapa da zona oriental, destaque dos 3 parques existentes: Vale do Silêncio, Vale Fundão, Cabeço das Rolas. Realizado em CAD pela autora.

Parque Cabeço das Rolas. Assim, dispõem de uma localização favorável para criar uma ligação verde continua entre estes parques, através dos corredores verdes existentes.

A localização deste território fez resgatar o conceito de unidade de vizinhança utilizado nos Olivais Sul, e a sua ideia subjacente de centralidade e criação de centros de vida comunitária, onde os equipamentos, os espaços públicos e a vivência diária da população se organizam de forma integrada. Desta forma este projeto pretende converter a Fábrica Barros num centro de dimensões superiores para os Olivais Sul, a partir do qual se estabelece a ligação com os corredores verdes e com os parques existentes nesta área. Para esse efeito sugere-se a utilização do canal de Alviela (1873-1880), construído para abastecer água à cidade de Lisboa, que apesar de ser subterrâneo, tem um traçado bastante marcado. O plano propõe a recuperação do seu desenho, para estabelecer uma ligação ecológica e cultural entre os parques, de forma a valorizar não só a memória histórica da infraestrutura hidráulica de Lisboa, como também a ligar os espaços verdes, reforçando a continuidade ecológica e patrimonial da área. Este projeto vai centrar-se especificamente em parte do troço do canal de Alviela existente na Célula E.

Gostaríamos de reforçar alguns aspetos característicos do terreno, que ajudaram a definir e desenvolver o projeto, como o facto de o terreno ser localizado sobre uma cabeceira de bacia hidrográfica, com uma forte presença de linhas de água subterrâneas, e com predomínio de solos areníticos e calcareníticos que se caracterizam por uma boa drenagem e resistência a erosão, condições favoráveis à criação de zonas verdes. Estas características vão permitir uma boa capacidade de infiltração, permeabilidade e acumulação moderada de água no subsolo. O facto de o terreno apresentar uma topografia com declives acentuados, que oscila entre 46.20 metros de cota, na zona superior junto entrada principal do estádio, e os 28.6 metros, junto à Fábrica Barros (17.6 metros de declive), também vai promover e facilitar uma boa drenagem natural do terreno, e escoamento de água, embora também represente um desafio na execução do projeto. Assim este terreno reúne as condições necessárias, podendo-se afirmar que é uma zona ideal e vocacionada para acolher um parque verde urbano.

A zona de intervenção deste projeto é constituída pela Fábrica Barros, pelos terrenos de ligação e terrenos adjacentes a esta. A sul, estes terrenos encontram-se desconectados e marginalizados, a norte o lote continua em funcionamento, com dois complexos industriais.

O plano propõe a transferência faseada destas unidades industriais, para uma zona mais adequada e com melhores condições, como por exemplo, um parque empresarial, de modo a libertar o terreno para a cidade. Esta mudança permite mitigar as barreiras existentes, de forma que este enclave industrial se possa transformar num espaço aberto, integrado na malha urbana, para usufruto da população. O plano contempla também a intervenção no complexo desportivo Sport Lisboa e Olivais.

A reabilitação da Barros será guiada pelo respeito à arquitetura original, de forma a conservar as fachadas, a volumetria, e os elementos característicos, como a cobertura em shed, que fazem parte da memória coletiva. Também é importante conservar a dimensão imaterial do lugar,



Figura 4.4 – Mapa da célula E, com destaque da zona de intervenção do projeto.
Realizado em CAD pela autora.

de modo que reflita a cultura social do bairro, para que a população se identifique e se aproprie do lugar, como parte ativa do seu quotidiano.

Alguns edifícios serviram de referência e influenciaram a abordagem adotada na reabilitação da Fábrica Barros, como por exemplo o estudo da forma da Mesquita de Córdoba do século VII, com uma geometria retangular marcada pelo ritmo da cobertura, de onde surge uma catedral cristã, construída posteriormente após a conquista aos Mouros. Os arquitetos tomaram a arrojada decisão de não demolir o monumento, mas construir um templo no estilo renascentista com elementos góticos, que emerge da própria mesquita, e que acrescentou um significado especial ao monumento. Assim como o edifício do nosso projeto, este monumento também tem um pátio interior, que funciona como um espaço verde de repouso e reunião com vários acessos ao exterior.



Figura 4.5 – Mesquita-Catedral de Córdoba. Fonte: SMARTHISTORY. **A grande Mesquita de Córdoba** [Em linha]. Córdoba: Smarthistory. [Consult. 10 jan. 2025]. Disponível em <https://smarthistory.org/the-great-mosque-of-cordoba/>

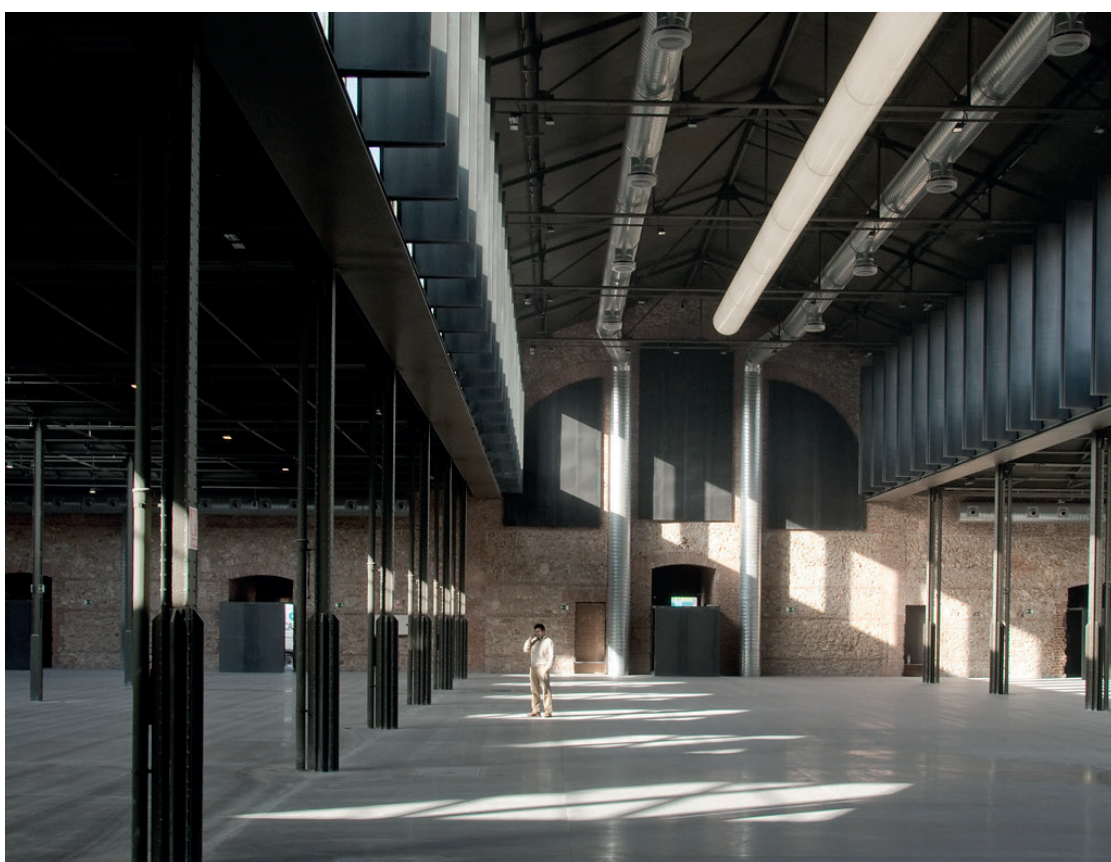




Figura 4.6 e 4.7 – Matadero em Madrid, antigo matadouro. Autoria do atelier ICA Arquitectura. Fotografias de Roland Halbe. Fonte: ARCHDAILY. **Nave 16 Matadero Madrid** [Em linha]. [S.l.]: ArchDaily, 2025. [Consult. 30 ago. 2025]. Disponível em <https://www.archdaily.cl/cl/02-105564/nave-16-matadero-madrid-ica-arquitectura>

Outra referência a mencionar é o Matadero, um antigo matadouro construído no início do século XX, em Madrid e atualmente transformado num Centro de Criação Contemporânea. No seu interior destaca-se o ritmo marcado dos pilares estruturais, que definem grandes vãos amplos e livres, com um pé direito alto, que possibilitam uma utilização versátil e adaptável dos espaços.

Como já mencionado a Fábrica Barros é constituída por um pátio central que articula três blocos distintos: o bloco a nascente, paralelo à Avenida Infante Dom Henrique, o bloco sul, orientado para o parque urbano, e o volume principal, de maior escala, implantado na zona central do conjunto e contíguo aos alçados Norte e Poente.

O pátio da fábrica tem uma área com cerca de 8400 m² que contempla diversos usos, podendo funcionar como um espaço de lazer e descanso com árvores de sombra, ou para realização de mercados, feiras temáticas, ou espetáculos, permitindo o usufruto de um pátio industrial reinventado, com uma atmosfera única.

O pavimento é em terra batida, com o percurso principal definido por blocos de betão moldados in situ, todos rigorosamente iguais entre si, e dispostos com uma métrica regular. Estes caminhos desenhados no solo assinalam as várias entradas na fábrica. Na fachada a Nascente, está localizada a entrada principal já existente no projeto original, com a singular cobertura côncava de betão, perpendicularmente a esta entrada foi projetado um acesso no alçado Poente que permite a entrada pelo parque, e onde se situa um espaço de cafeteria. Nas fachadas a Norte

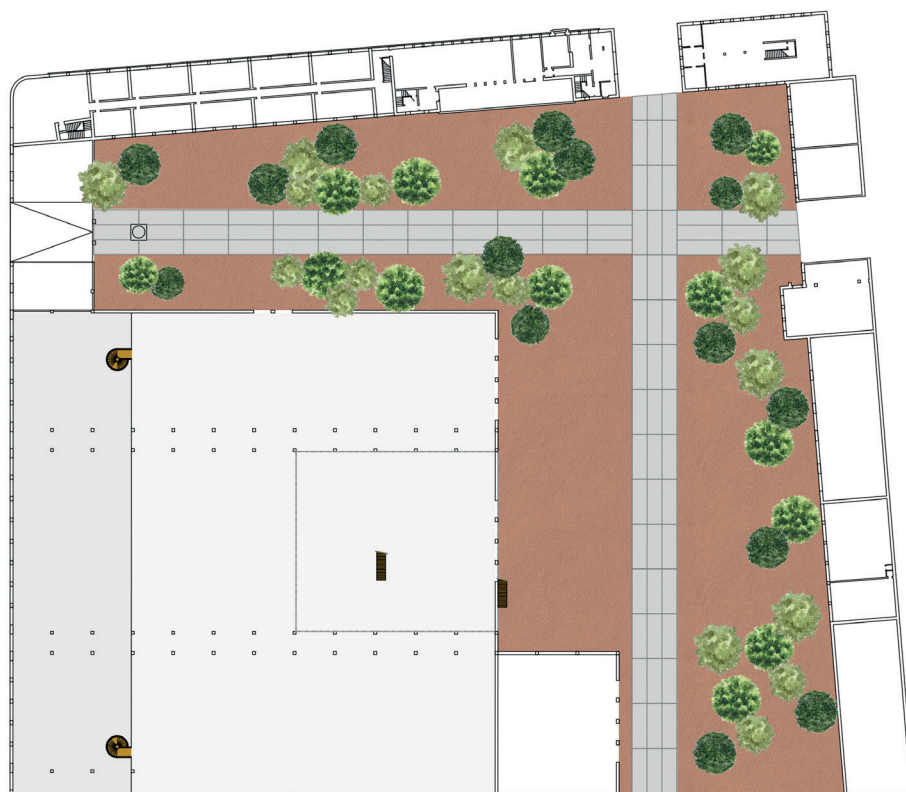


Figura 4.8 – Planta do piso térreo da Fábrica Barros. Realizado em CAD pela autora.

e a Sul foram planeadas também duas entradas perpendiculares e alinhadas, que permitem aceder à fábrica, quer pela avenida de Pádua (Norte), quer pelo parque (Sul).

O edifício central, onde se realizava a produção têxtil, é um espaço amplo com cerca de 7.000 m², organizado em três áreas, marcadas por um alinhamento de pilares duplos, que ajudam a definir esses três momentos. As zonas laterais da fábrica, são áreas amplas, que permitem flexibilidade na gestão e transformação do espaço, consoante as necessidades de uso. Junto ao alçado da Avenida de Pádua, existe uma área com 1.709 m², com duplo pé-direito de 7,5 metros de altura, especialmente adequada para exposições de grande escala ou peças de grandes dimensões. O acesso a este espaço é feito a partir do piso inferior, através de duas escadas helicoidais localizadas nas extremidades. Este edifício possui três zonas de entrada, (a Nascente, a Sul e a Poente) duas localizadas nos alçados interiores, que dão acesso ao pátio da fábrica, e outra no alçado Poente, com acesso direto ao parque.

A cobertura deste edifício é em shed, um tipo de estrutura característico da arquitetura industrial, que marca uma época da indústria fabril, e de onde emerge uma estrutura metálica tubular, tridimensional e independente, com a dimensão de 31m de largura por 35m de comprimento e 12 metros de altura. Nessa estrutura existirão sete contentores metálicos, distribuídos por dois pisos, com a dimensão de 7m de largura, por 14m de comprimento e 6m de altura. Estes espaços funcionam como módulos funcionais, onde serão realizadas exposições dinâmicas e atividades artísticas em geral.



Figura 4.9 – Planta do piso 1 da Fábrica Barros. Realizado em CAD pela autora.

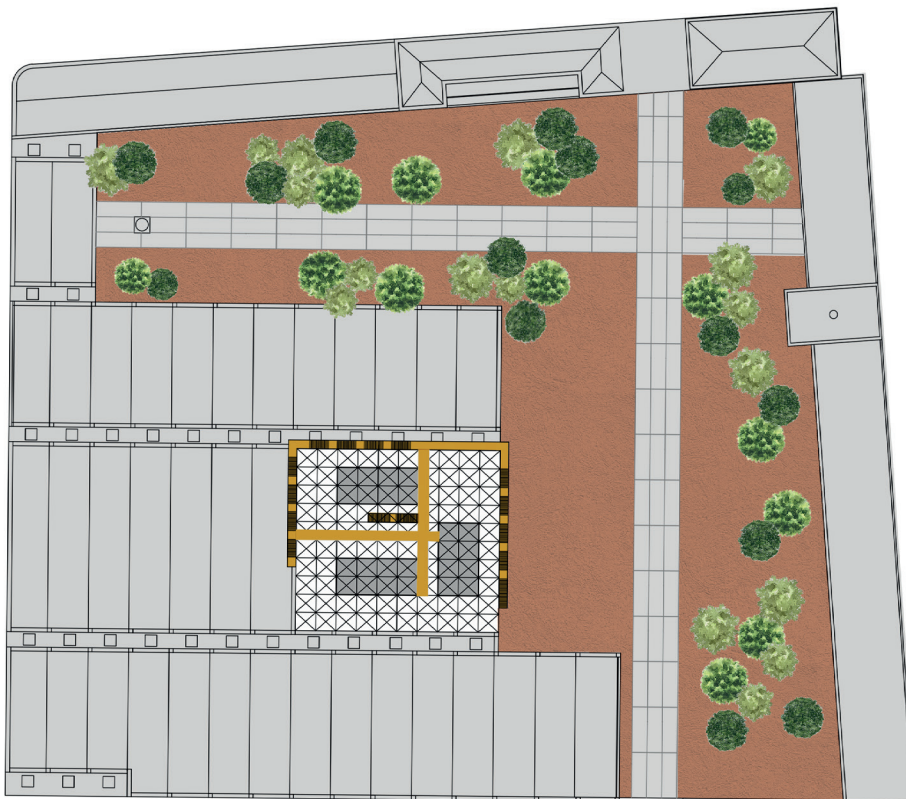


Figura 4.10 – Planta da Cobertura da Fábrica Barros. Realizado em CAD pela autora.

Do interior do edifício central é possível aceder aos dois pisos de blocos metálicos através de uma escada com dois vãos, sendo também possível circular entre estes espaços, através de passagens suspensas. Pelo exterior existe uma escada suspensa na estrutura metálica, que contorna três alçados (Sul, Nascente e Norte), e que possibilita também aceder aos contentores e às várias passagens existentes. Através das escadas e das passagens é possível passar por todos os contentores metálicos, tanto através dos acessos exteriores como pelos interiores.



Figura 4.11 – Perfil / Corte longitudinal Sul, da Fábrica Barros. Realizado no CAD pela autora.

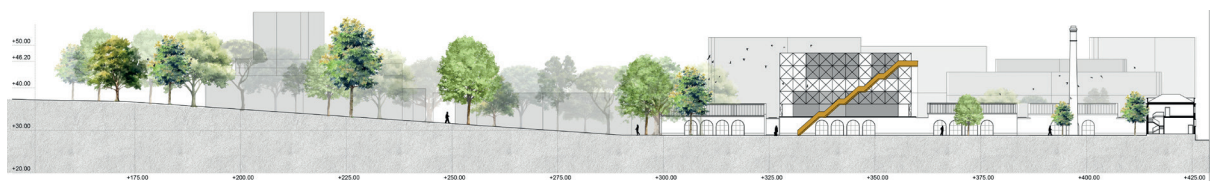


Figura 4.12 – Perfil / Alçado longitudinal Sul, da Fábrica Barros. Realizado no CAD pela autora.

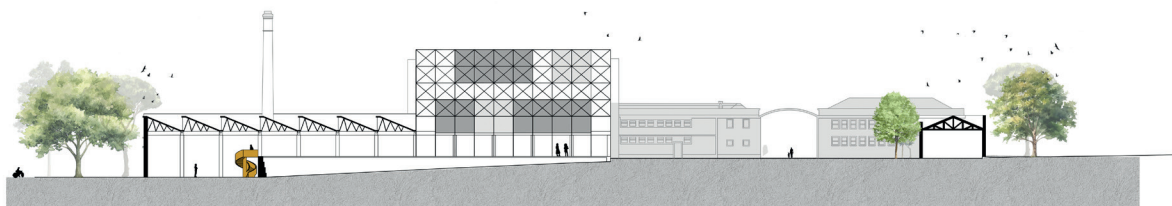


Figura 4.13 – Corte transversal ponte, da Fábrica Barros. Realizado no CAD pela autora.

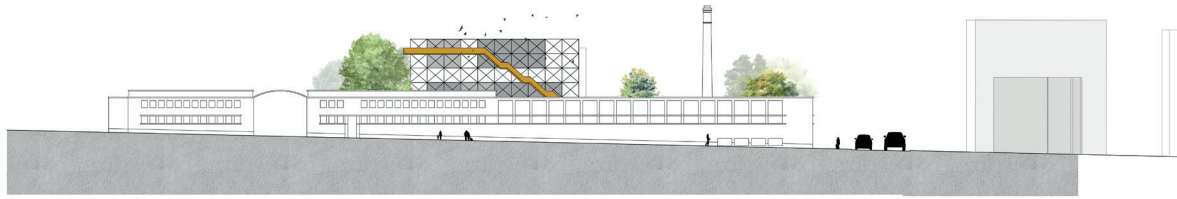


Figura 4.14 – Alçados exterior Nascente da Fábrica Barros, Avenida D. Infante Henrique. Realizado em CAD pela autora.

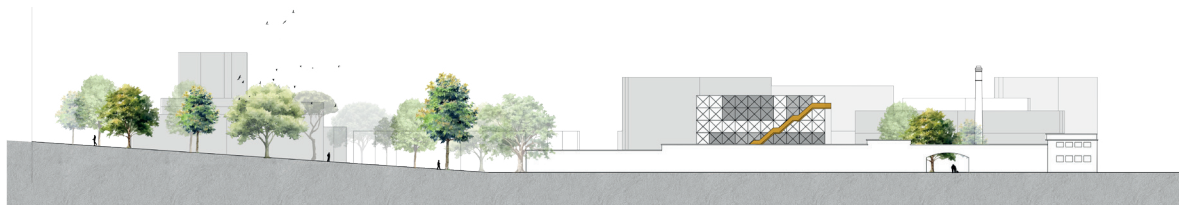


Figura 4.15 – Alçado exterior Sul da Fábrica Barros. Realizado em CAD pela autora.

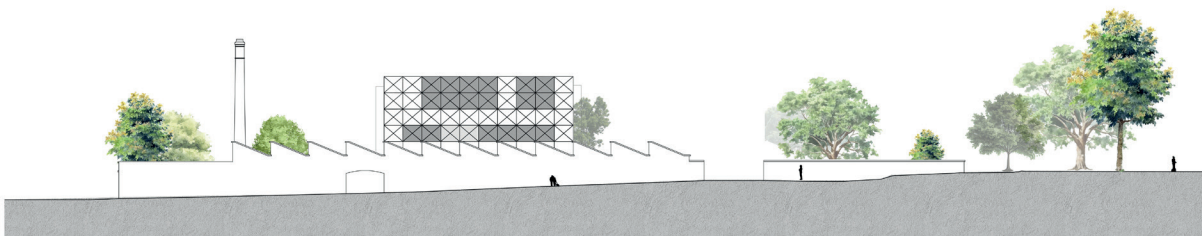


Figura 4.16 – Alçados exterior Poente da Fábrica Barros. Realizado em CAD pela autora.

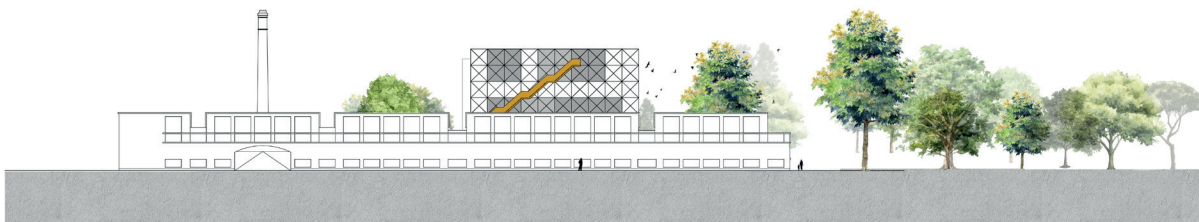


Figura 4.17 – Alçados exterior Norte da Fábrica Barros, Avenida de Pádua. Realizado em CAD pela autora.

Os edifícios a Nascente e a Sul que servem de alçados à fábrica, não sofreram alteração significativa, tendo sido somente aumentados alguns vãos nas fachadas viradas para o pátio, principalmente para reforçar a simetria das fachadas. Estes espaços serão utilizados para serviços administrativos, realização de workshops, formação, etc.

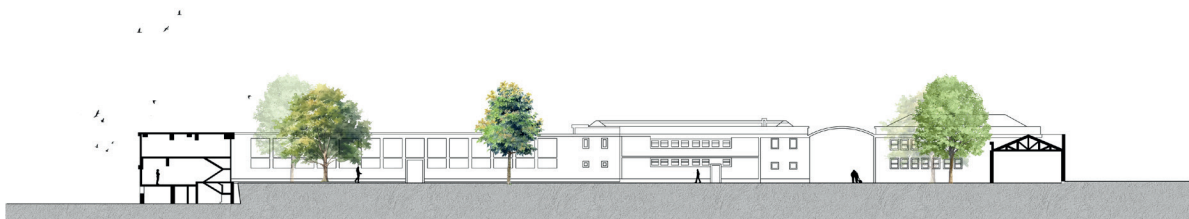


Figura 4.18 – Alçado interior Nascente da Fábrica Barros. Realizado em CAD pela autora.



Figura 4.19 – Alçado interior Sul da Fábrica Barros. Realizado em CAD pela autora.

Como já mencionado a proposta contempla a intervenção no complexo desportivo Sport Lisboa e Olivais, assegurando a sua integração no novo parque urbano.

O campo de futebol existente está a uma cota topográfica mais baixa em relação à zona habitacional adjacente, com uma diferença de cerca de 10 metros. Para vencer esta cota e simultaneamente criar uma ligação com a malha urbana a oeste, propõe-se a solução de criar um acesso composto por uma rampa circular panorâmica, que faz a ligação entre a zona urbana à cota superior, o interior do complexo desportivo e o centro do parque, permitindo vencer o desnível de forma suave e acessível. A rampa tem um desenho amplo (5 metros de largura) e uma inclinação suave (6% de inclinação), que permite uma circulação confortável dos peões e de pessoas com mobilidade reduzida.

Nos dias em que se realizam jogos ou eventos o acesso às bancadas, é feito pela entrada principal existente na rampa, na cota superior. Nos dias em que não existem atividades, o acesso à bancada e ao campo está limitado, sendo só possível aceder à rampa. Parte desta estrutura, especificamente a zona que envolve a bancada é coberta, e possível de visualizar do exterior. Esta construção terá um carácter multifuncional, oferece não só o acesso às bancadas, a ligação

entre cotas, e permite uma experiência de chegada gradual, e vista elevada sobre o parque, onde se pode apreciar o enquadramento verde. Pelo seu formato versátil, pode também acolher espetáculos ao ar livre, pequenos concertos, performances ou mesmo instalações artísticas temporárias, aproveitando a acústica e o formato informal da arena.

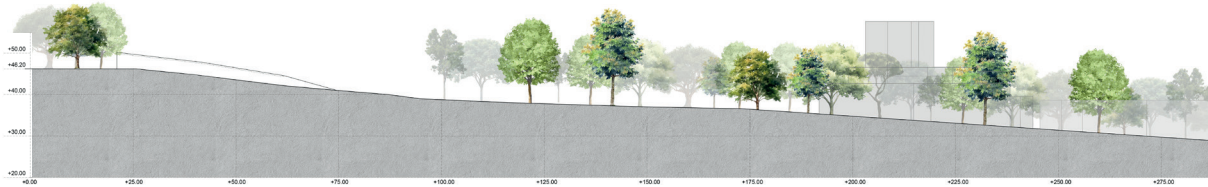


Figura 4.20 – Perfil longitudinal do terreno, com alçado do estádio. Realizado em Cad pela autora.

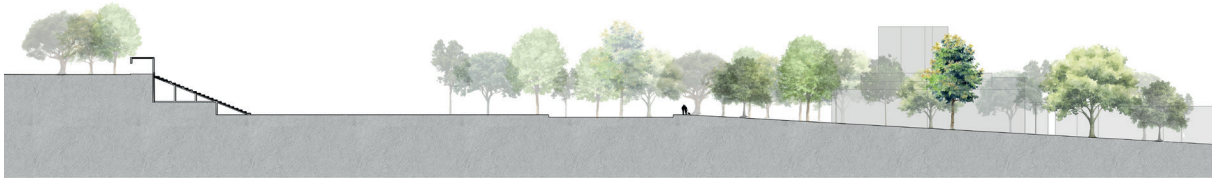


Figura 4.21 – Corte longitudinal do terreno, e do estádio. Realizado em Cad pela autora.

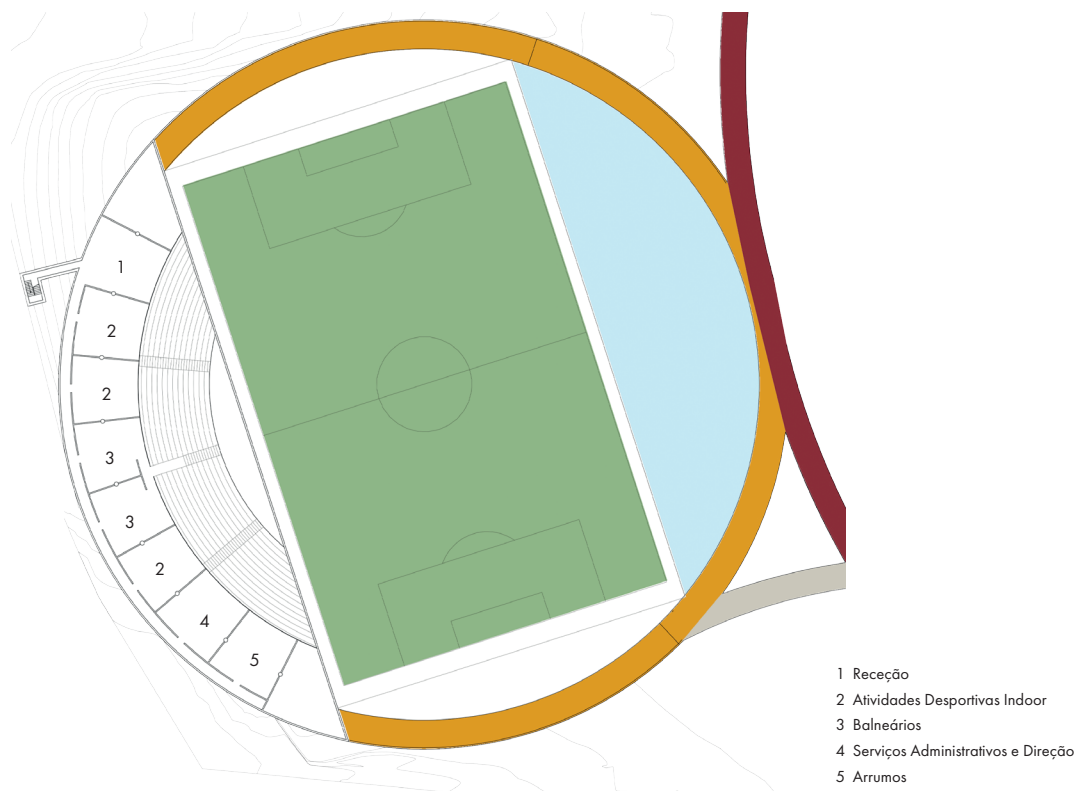


Figura 4.22 – Planta do piso -1 do estádio. Realizado em CAD pela autora.

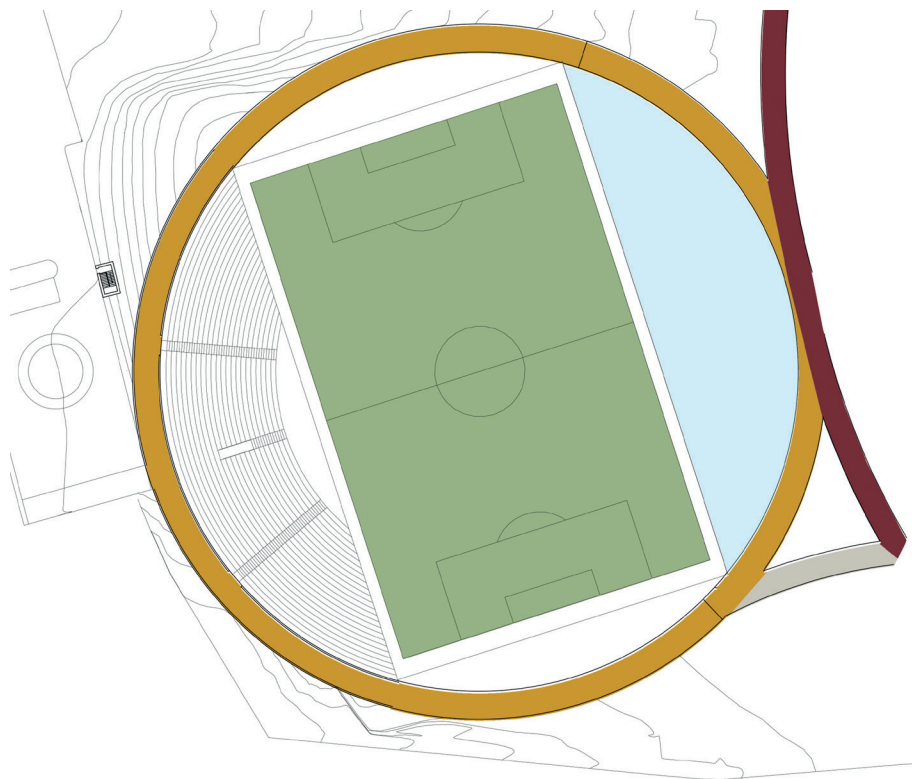


Figura 4.23 – Planta do piso térreo do estádio. Realizado em CAD pela autora.

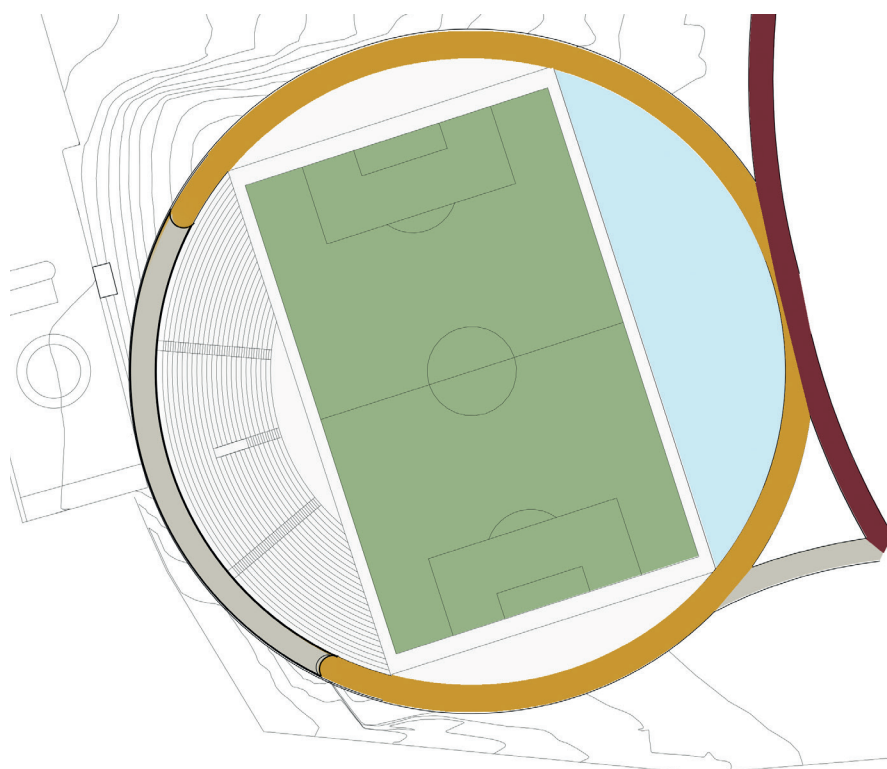


Figura 4.24 – Planta da Cobertura do estádio. Realizado em CAD pela autora.

Na zona a montante existe uma entrada para a área de apoio do complexo desportivo, com cerca de 1400 m², onde vai funcionar algumas atividades desportivas indoor, balneários masculinos e femininos, zona de armazém, e administração com área administrativa do clube.

Finalmente, destacamos a zona do semicírculo junto ao parque, onde será criado um espelho de água, que traz não só um valor estético ao projeto, ao oferecer reflexos cénicos da vegetação e da arquitetura envolvente, como também, trará um valor climático, uma vez que funciona como um regulador térmico natural ao ambiente urbano, ajudando a arrefecer a temperatura e criando um microclima mais ameno nos dias quentes. As margens desta lâmina de água, serão envolvidas com vegetação.

Desta forma, o complexo desportivo converte-se numa parte ativa do parque, convidando a população a utilizá-lo no seu dia a dia, e atribuindo um novo significado para além dos eventos desportivos, artísticos ou musicais.

Em suma, esta intervenção na Fábrica Barros articula o património industrial, com arquitetura efémera e contemporânea, permitindo o diálogo entre o legado histórico e a atualidade, articulando os usos culturais, dentro de um edifício com memória do passado.

O parque verde público, situado no exterior da fábrica, será uma extensão natural às suas atividades, conciliando áreas ajardinadas com zonas de sombras que convidam ao descanso. Este espaço acolherá também, atividades e eventos culturais ao ar livre, como feiras, concertos, sessões de cinema, exposições temporárias ou performances artísticas, promovendo a convivência da comunidade, e o uso do espaço público, enquanto revitaliza um terreno anteriormente desorganizado.

No parque articular zonas de permanência, lazer e circulação, a acompanhando o traçado do canal de Alviela, onde foi planeado um eixo de mobilidade suave composto por ciclovia e caminho pedonal, que permite caminhar e pedalar em segurança. Este eixo não só promove a mobilidade sustentável, como melhora a qualidade de vida, ao proporcionar um estilo de vida ativo e em contacto com a natureza. Este parque está alinhado com a génese do plano original dos Olivais, onde as zonas verdes tinham um valor imprescindível do ponto de vista higiénico sanitário, recreativo e psicológico da população.

No projeto inicial houve a preocupação de manter as principais características da paisagem, de forma a não provocar uma rutura com a paisagem existente. Também em relação a escolha das espécies arbóreas a plantar, houve a preocupação de escolher um conjunto variado de espécies que permitissem a floração em diferentes estações do ano, de forma a manter a paisagem sempre verde.⁹³

No projeto atual, e após a análise das espécies arbóreas utilizadas nos anos 60, foi selecionado um conjunto de árvores a integrar no parque, que não só respeitassem o plano original, mas também que tivessem uma boa adaptação às características do terreno; a adaptação ao solo

93 FERREIRA, Maria João – **Evolução das Zonas Verdes do Bairro de Olivais Sul**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1984. Relatório Final de Curso. p. 61

arenítico e calcarenítico, a baixa exigência hídrica, a reduzida necessidade de manutenção, bem como a valorização da identidade e da memória do lugar.

A água é um elemento particularmente marcante neste projeto, não apenas pela sua importância no apoio à rega da vegetação, mas também pela forma como está integrada no planeamento do parque. Está presente através de um espelho de água, de pequenas zonas de retenção de águas pluviais, que contribuem para a beleza e biodiversidade do espaço, e em áreas de repuxos que refrescam os visitantes e o ambiente nos períodos de maior calor. Mas levanta-se uma questão; como fazer uma gestão sustentável e ecológica da água na época de menor precipitação, sem recorrer à água canalizada do município de Lisboa?

Quadro 4.1 – Quadro com as espécies arbóreas plantadas nos anos 60 nos Olivais Sul e as espécies a replantar no atual parque. Fonte: FERREIRA, Maria João – **Evolução das zonas verdes do bairro de Olivais Sul**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 1984, p. 61

Espécies de árvores plantadas nos Olivais Sul entre 1966 e 1970	Espécies de árvores a replantar no Parque da Fábrica Barros na Célula E
Cipreste-Comum ou Cipreste-Mediterrânico (<i>Cupressus Sempervirens</i>) Espécie Perenifólia	Replantar
Alfarrobeira (<i>Ceratonia Siliqua</i>) Espécie Perenifólia	Replantar
Pinheiro Manso (<i>Pinus Pinea</i>) Espécie Perenifólia	Replantar
Choupo Italiano (<i>Populus Nigra Var Italica</i>) Espécie Caducifólia	Replantar
Árvore de Judas (<i>Cercis Siliquastum</i>) Espécie Caducifólia	Replantar
Ulmeiro-Montano (<i>Ulmus Gabra</i>) – Espécie Caducifólia	
Freixo de Folha Estreita (<i>Fraxinus Angustifolia</i>) Espécie Caducifólia	Replantar
Choupo-Negro Comum (<i>Populus Nigra</i>) Espécie Caducifólia	
Ulmeiro (<i>Ulmus Minor</i>) Espécie Caducifólia	
Oliveira Brava (<i>Olea europaea Oleaster</i>) Espécie Perenifólia	Replantar
Carvalho-Negro (<i>Quercus pyrenaica</i>) Espécie Caducifólia	
Sobreiro (<i>Quercus Suber</i>) Espécie Perenifólia	Replantar
Choupo-Cinzento (<i>Populus Canescens</i>) Espécie Caducifólia	

No projeto é proposto que as águas pluviais sejam recolhidas a partir da rua Cidade de Bissau, à cota 84 e encaminhadas através da infraestrutura das águas pluviais para um depósito subterrâneo construído na zona central do parque à cota 36. Este depósito vai funcionar como uma cisterna de retenção, acumulando um volume considerável de água em períodos chuvosos, que pode ser usado em épocas de menor precipitação.

Desta forma, o projeto contempla a captação de águas pluviais, não sobrecarregando a rede de abastecimento da cidade. As águas do espelho de água e das zonas de repuxo, são recolhidas e recicladas num sistema fechado de reaproveitamento de águas, de modo a manter o fluxo das necessidades de água, diminuindo assim o impacto das necessidades na rede de abastecimento. A capacidade de recolha e armazenamento da cisterna terá um limite, razão pela qual haverá um *by-pass*, na ligação da mesma à infraestrutura pluvial, de modo que, quando a capacidade máxima for atingida, o caudal pluvial continue a ser encaminhado para a rede, a jusante do sistema de recolha, e conseqüentemente descarregado no rio Tejo, como já previsto. Uma vez que existem lençóis de água subterrânea na zona, também podemos considerar a criação de um furo, de modo a utilizar a água subterrânea, quando os níveis no reservatório estiverem críticos.

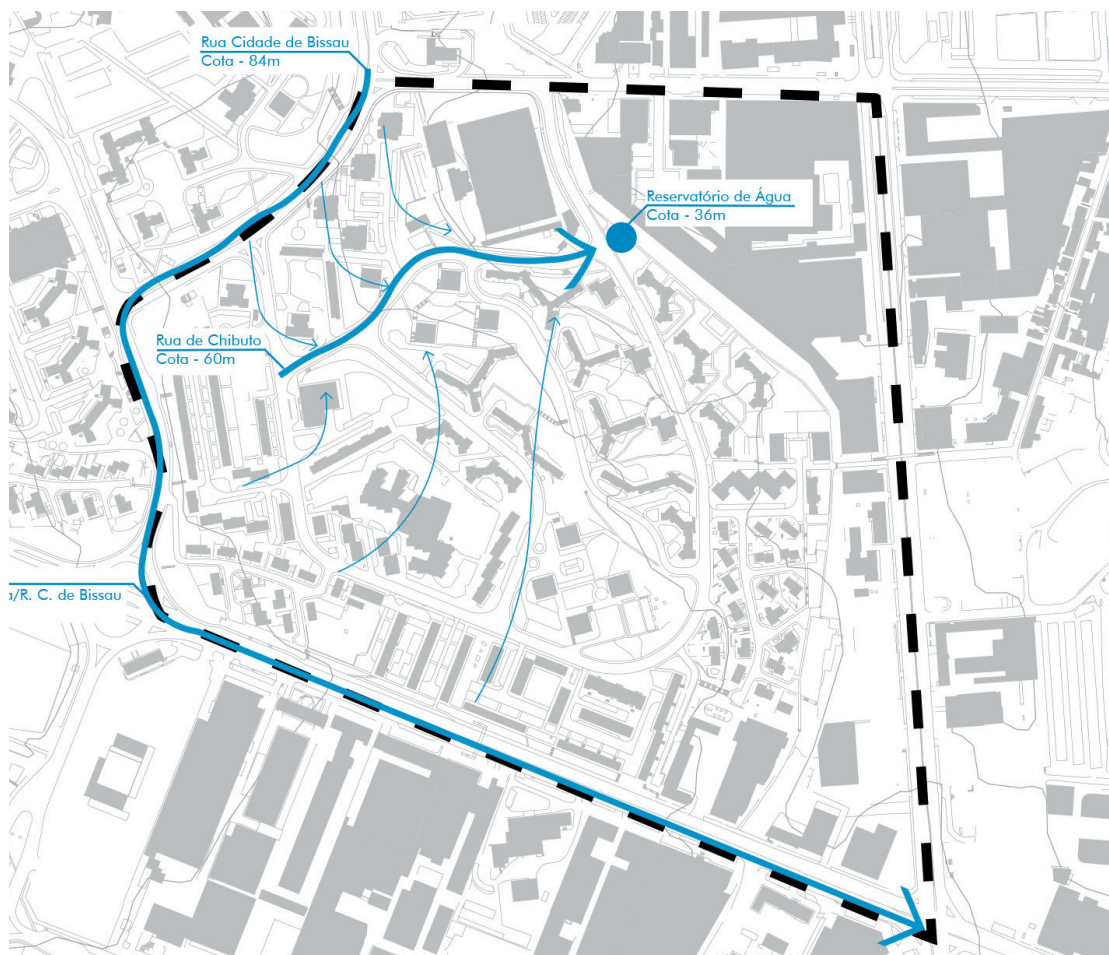


Figura 4.25 – Mapa representativo da drenagem da água da cota 84 até à cota 36, onde está localizado o depósito de água. Realizado pela autora

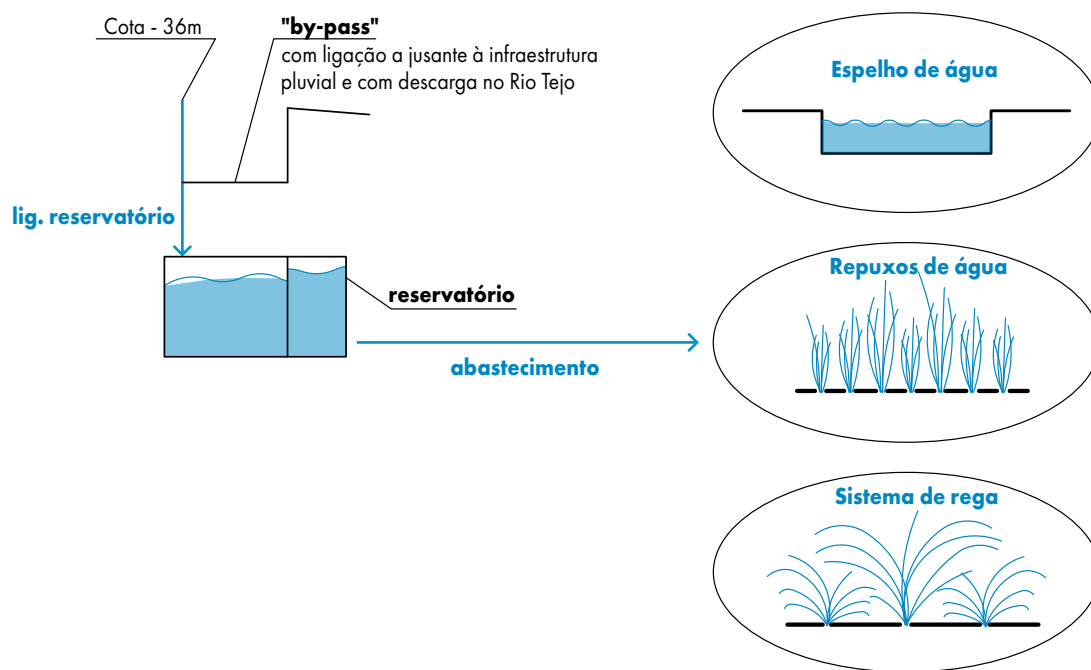


Figura 4.26 – Esquema representativo do uso da água armazenada no reservatório. Realizado pela autora.

Outro aspeto importante deste projeto, foi a adoção da forma circular para resolver algumas questões do desenho urbano. Grande parte dos percursos do parque foram desenhados com formas circulares interligadas, de 15, 20 e 25 metros de diâmetro, permitindo criar clareza espacial, demarcar zonas ao ar livres, resolver os percursos, facilitar a acessibilidade e a integrar cotas distintas.

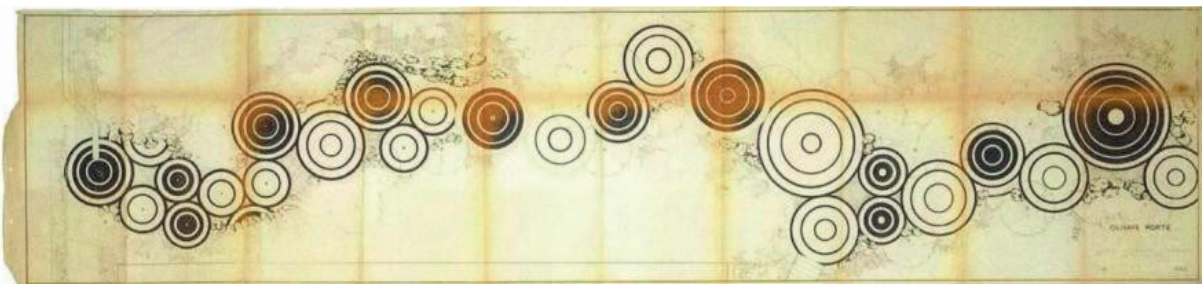


Figura 4.27 – Área de recreio pavimentada com o padrão característico dos Olivais, da autoria do Arquiteto Paisagista Álvaro Dentinho. Fotografia tirada no local pela Autora.



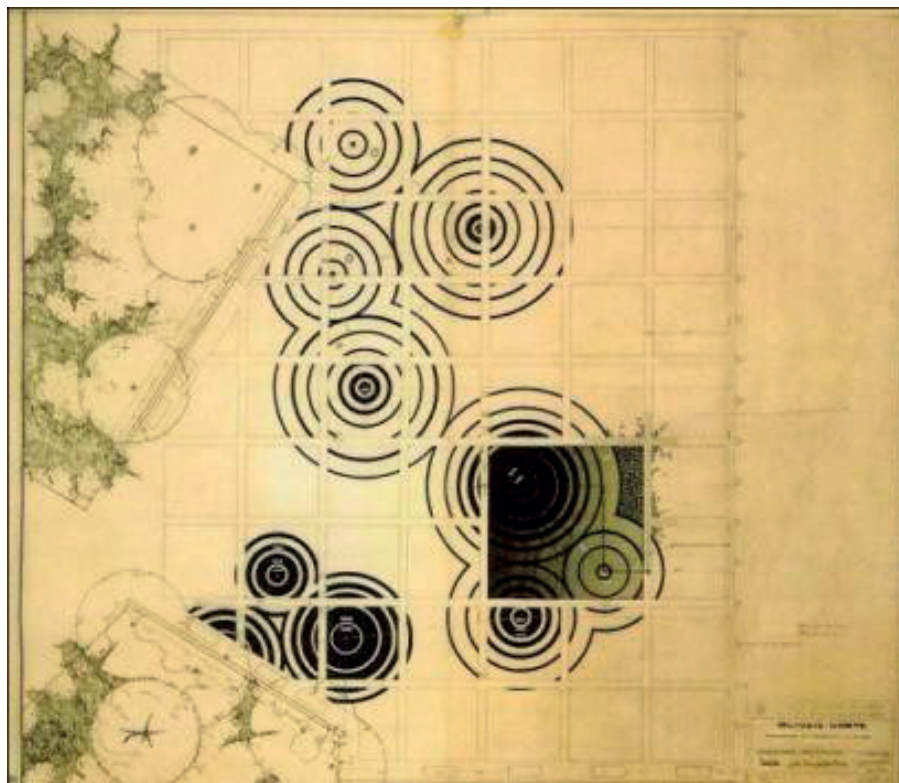
Figura 4.28 – Passeio em calçada portuguesa com padrão característico dos Olivais, da autoria do Arquiteto Paisagista Álvaro Dentinho. Fotografia tirada no local pela Autora.

A forma circular está amplamente presente nos Olivais, destacando-se como um elemento recorrente, no desenho dos espaços livres. Esta solução projectual foi utilizada pela equipa multidisciplinar do GTH, como estratégia para organizar percursos e zonas de descanso, destacando-se o papel fundamental do Arquiteto Álvaro Ponce Dentinho, paisagista responsável pelos arranjos exteriores dos Olivais, especialmente na zona Norte. Este arquiteto criou uma trama de círculos concêntricos, em contraste de preto e branco, que provocavam um grande efeito ótico, e que estão presentes nos caminhos pedonais, jardins, pracetas, parques de estacionamento, calçada portuguesa e espaços de convívio próximos dos edifícios⁹⁴.



Figuras 4.29 – Caminho pedonal na proximidade do centro cívico-comercial principal, nunca construído. Desenho não numerado da autoria do Arquiteto Paisagista Álvaro Dentinho. Fonte: MARQUES, Inês – **Arte e habitação em Lisboa 1945-1965: cruzamentos entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Espanha: Universidade de Barcelona, 2012. Tese de doutoramento. p. 261

94 MARQUES, Inês – **Arte e habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamentos entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Espanha: Universidade de Barcelona, 2012. Tese de doutoramento p.261 e 262



Figuras 4.30 – Zona de estar na proximidade do centro cívico-comercial principal. Desenho nº 13.390, da autoria do Arquiteto Paisagista Álvaro Dentinho. Fonte: MARQUES, Inês – **Arte e habitação em Lisboa 1945-1965: cruzamentos entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Espanha: Universidade de Barcelona, 2012. Tese de doutoramento. p. 260

Aos arquitetos e engenheiros juntaram-se dois artistas, o pintor António Alfredo e o escultor Jorge Vieira para projetar os espaços livres, tanto em áreas pavimentadas como espaços verdes⁹⁵.

O trabalho de António Alfredo nos Olivais Sul destaca-se pela qualidade estética e pela forma como valorizou o espaço público, de que é exemplo a Praça Cidade do Luso um local de encontro da população. Situada na Célula C, a composição de desenho urbano, mostra formas circulares e espiraladas que se manifestam no pavimento, através de uma combinação de vidro branco, preto e tijolo cutelo ⁹⁶.

Esta forma geométrica que facilmente identifica e caracteriza os Olivais, é agora resgatada no projeto do Parque Urbano da Fábrica Barros, onde a solução circular contribui para organizar os percursos, facilitar a acessibilidade e integrar as diferenças de cotas.

95 MARQUES, Inês – **Arte e habitação em Lisboa 1945-1965: Cruzamentos entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Espanha: Universidade de Barcelona, 2012. Tese de doutoramento. p.371

96 ANDRÉ, Paula – Mobiliário Urbano em Olivais Sul: do desenho às realizações. **Arte Teoria, Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa** [Em Linha]. nº 5 (2004), p83-110. [consult. 15 dez. 2024]. Disponível em <https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/fe96033e-883c-4cc3-b1ec-a39aa9db90e9> p. 86.

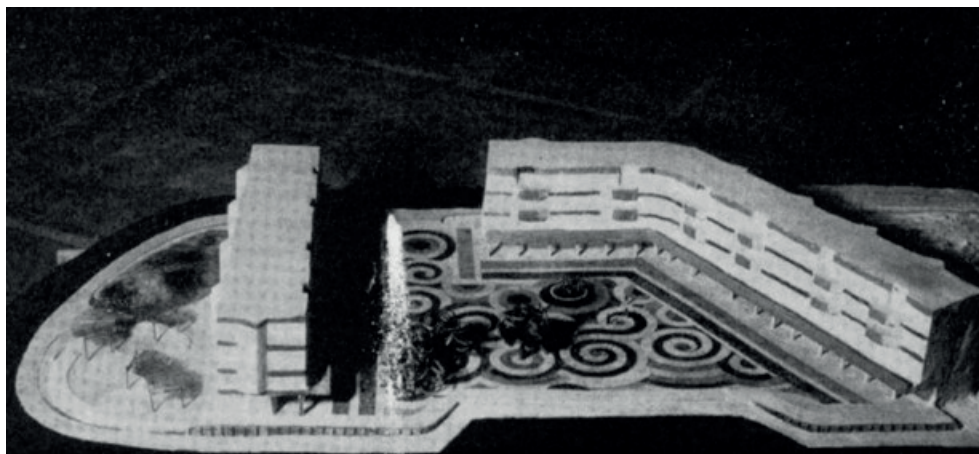


Figura 4.31 – Maquete da praça Cidade do Luso situada nos Olivais Norte, da autoria de António Alfredo.
Fonte: MARQUES, Inês – **Arte e habitação em Lisboa 1945-1965: cruzamentos entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Espanha: Universidade de Barcelona, 2012. Tese de doutoramento. 390.

Em suma, este projeto visa a requalificação de uma área dos Olivais atualmente desarticulada, num território integrado e coeso, onde a cidade e a natureza se entrelaçam, através de amplas zonas verdes, corredores ecológicos e equipamentos culturais. Esta intervenção vai trazer valor urbano, revitalizar o bairro, reforçar o sentimento de identidade, e acrescenta valor ambiental, ao proporcionar um ar mais limpo, redução de ilhas de calor, e um aumento do contato da população com áreas verdes. Tal como preconizou o urbanista americano William White, ao considerar a água, o vento, as árvores e a luz⁹⁷ elementos fundamentais em qualquer cidade, e que estão muito presentes nesta zona. Por último, também acrescenta valor social por proporcionar espaços de encontro, desporto e cultura acessíveis a todos.

97 WHYTE, William – **City: Rediscovering the Center**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988, p. 132-140.

Conclusão

O propósito estratégico de renaturalizar o terreno encaixa numa visão sustentável do planeamento urbano. Dada a sua morfologia e funções ecológicas latentes, este espaço possui vocação clara para se transformar numa infraestrutura verde, favorecendo a biodiversidade e reforçando os serviços de ecossistema na cidade, aliados a uma requalificação patrimonial, partindo do princípio que «deve aceitar-se trabalhar num plano de metamorfose do território, mas aceitando o que a paisagem de cada local já contém»⁹⁸.

O território possui elementos naturais relevantes, como a presença de linhas de água no subsolo, solos com boa drenagem, e uma abundância de espaços verdes. Os corredores ecológicos existentes conferem-lhe uma vocação clara para projetos de renaturalização e reconexão ambiental. A sua localização central em relação a outros três grandes parques urbanos da zona oriental (Parque das Nações, Vale do Silêncio, Bela Vista) reforça o papel dos Olivais como elo verde de ligação, essencial para a construção de uma rede ecológica contínua e funcional sublinhando «a necessidade de compatibilização do *Continuum Naturale*, principalmente em meio urbano, com as práticas culturais, desportivas e de lazer, indispensáveis à manutenção da vivência humana, bem como do seu desenvolvimento, assoma-se a indispensável concretização da integração do *Continuum Culturale*»⁹⁹

Gonçalo Ribeiro Telles também enfatizou a necessidade de articular o *Continuum Naturale*, e do *Continuum Culturale* e mencionou outros princípios fundamentais na constituição de um plano verde; o «*Genuis Loci*, lugares que para além do lugar físico, possuem valores simbólicos, históricos...»; e ainda «*polivalência de espaços: proteção, produção e recreio*»¹⁰⁰, princípios que se manifestam de forma evidente no território em estudo.

Desta forma, acreditamos que esta proposta poderá constituir uma nova espinha dorsal ecológica e recreativa da cidade.

98 FERNANDES, José Manuel – Grandes Espaço Ex-industriais: recuperação e renovação. Arquitetura Paisagística – Uma reflexão teórica e uma leitura crítica a partir de identity, strengths and opportunities of post-industrial sites, por Tilman Latz. In VIDAL, Frédéric; FIGUEIRA de FARIA Miguel (coords.), **Patrimónios Fabris e Requalificação Urbana**. 1ª ed. Lisboa: Principia, 2023. p. 237-i-vi. p. 237

99 ROCHA, Angélica – Por uma defesa da compreensão da paisagem. **A obra nasce: revista de arquitetura da Universidade Fernando Pessoa** [Em linha]. n.º 4 (Fev. 2007), p. 7-12. [Consult. 20 ago. 2025]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10284/730>. p. 10.

100 TELLES, Gonçalo Ribeiro – Plano Verde Estrutura Ecológica e Componentes Ambientais. **Lisboa Urbanismo, Boletim da Direcção Municipal de Planeamento e Gestão Urbanística/CML**. [Em linha]. ano 4. n.º 16 (2001), p. 9-13. [Consult. 05 Set. 2025]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.5/24859> p.9.

Referências Bibliográficas

- ALEMÃO, Samuel – **Marvila, Beato, Ajuda e Olivais podem ajudar a desviar turistas do centro de Lisboa** [Em linha]. Público (28 jul. 2025). [Consult. 30 Julho 2025]. Disponível em <https://www.publico.pt/2025/07/28/local/noticia/marvila-beato-ajuda-olivais-podem-ajudar-desviar-turistas-centro-lisboa-2141682>.
- ALMEIDA, Leopoldo – Olivais Norte: Nota Critica. **Arquitetura**. Serie 3, nº 81 (1967), p.12-28.
- ANDRÉ, Paula – Mobiliário Urbano em Olivais Sul: do desenho às realizações. **Arte Teoria, Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa** [Em Linha]. nº 5 (2004), p83-110, p. 86. [consult. 15 dez. 2024]. Disponível em <https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/fe96033e-883c-4cc3-b1ec-a39aa9db90e9>.
- ARCHDAILY. **Nave 16 Matadero Madrid** [Em linha]. [S.l.]: ArchDaily, 2025. [Consult. 30 ago. 2025]. Disponível em <https://www.archdaily.cl/cl/02-105564/nave-16-matadero-madrid-ica-arquitectura>.
- ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA – **Camara Municipal de Lisboa. Gabinete Técnico de Habitação, 1960-1990** [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. [s.d]. [Consult. 25 jul. 2025]. Disponível em <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=799&type=Autoridade>.
- BATISTA, Desidério; MATOS, Rute – O jardim planetário: uma utopia para o século XXI?. Repositório Universidade de Évora [Em linha]. (2013), (s/p). [Consult. 30 mar. 2025]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10174/10075>.
- BATLLE, Enric – **El jardín de la metrópoli: Del paisaje romantico al espacio libre para una ciudad sostenible**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011. ISBN: 978-84-252-2700-4 (PDF digital).
- CABRAL, Francisco Caldeira – **O «Continuum Naturale» e a conservação da natureza** [Em linha]. Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente, 1980, p. 35-54. [Consult. 25 Mar. 2025] Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.5/9238>.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA – **Evolução do planeamento urbano de Lisboa** [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal, [s.d.], [Consult. 24 Julho. 2025]. Disponível em <https://www.lisboa.pt/temas/urbanismo/planeamento-urbano/evolucao>.
- CÂMARA, Teresa Bettencourt – **Espaço público de Lisboa: plano, projeto e obra da primeira geração de arquitetos paisagistas (1950-1970)**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2021. ISBN 978-989-53143-6-2.
- CARVALHO, Francisco – Santa Maria dos Olivais: uma freguesia património de Lisboa. **Ubi-museum. Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior** [Em linha]. (jan. 2012), p. 75-88. [Consult. 15 mar. 2025]. Disponível em <https://www.ubimuseum.ubi.pt/n01/artigos.html>.
- CHAVES, Carolina – Olivais Norte e Olivais Sul: Desafios para uma conservação urbana integrada. **XII Seminário Internacional de Investigacion en Urbanismo** [em linha].

- Barcelona: Universitat Politecnica de Catalunya, (2020), (s.p.) [Consult. 15 mar. 2025]. Disponível em <https://upcommons.upc.edu/handle/2117/336603>.
- CLÉMENT, Gilles – **Manifeste du tiers paysage** [Em linha]. Paris: Sujet/Object, 2004. [Consult. 9 jul. 2025]. Disponível em <https://www.gillesclement.com/index.php>.
- CONSIGLIERI, Carlos [et. al.] – **Pelas Freguesias de Lisboa: São João, Beato, Marvila, Santa Maria dos Olivais**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993.
- COUTINHO, Bárbara; TOSTÕES, Ana – A exposição como «obra de arte total»: o MUDE como caso de estudo. **Midas: museus e estudos interdisciplinares**, nº 4 (2014), p.1-18. [Consult. 30 Julho 2025]. Disponível em <https://journals.openedition.org/midas/694>.
- DELGADO, Ralph – **A Antiga Freguesia dos Olivais**. Lisboa: Imprensa Municipal, 1969.
- DIÁRIO DA REPÚBLICA – Decreto-lei nº 42142, de 7 de Fevereiro (art.º 5) [Em linha]. **Diário do Governo** s.1, n. 32 (7 fev. 1959). [Consult. 30 Julho 2025]. Disponível em <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/42142-1959-590886>.
- DIAS, F. Silva, ALMEIDA, Leopoldo – Olivais Sul em Discussão. **Arquitectura – Arquitectura Planeamento Design Artes Plásticas**. s.3, nº 127-128 (abril-jul.1973), p. 57-64.
- DOCOMOMO_Iberico – **Fábrica Barros** [Em linha]. (s.l.): Docomomo_Ibérico [Consult. 24 jul. 2025] Disponível em <https://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/fabrica-barros/>.
- DOMINGUES, Susana; MARQUES, Sandra – Circuitos pela tardia industrialização portuguesa: Lisboa entre dois mundos. In FILIPE, Graça; VALE, José; CASTAÑO, Inês (coord.). **Patrimonialização e Sustentabilidade do Património: Reflexão e Prospetiva**. Lisboa: IHC-NOVA FCSH, 2018, p. 371-384.
- EDP FUNDAÇÃO. Fotografias do Campus [Em linha]. Lisboa: Edp Fundação. [consult. 10 de ago. 2025]. Disponível em <https://www.fundacaoedp.pt/pt/conteudo/press>.
- ESCOBAR CASTRILLON, Natalia – **Reframing the Architectural Conservation Field: The Critical Conservation Works of David Chipperfield Architects, Amateur Architecture Studio (Lu Wengyu and Wang Shu), and Lina Bo**. Cambridge: Harvard University, 2020, Tese de doutoramento.
- FERNANDES, José Manuel – Grandes Espaço Ex-industriais: recuperação e renovação. **Arquitectura Paisagística – Uma reflexão teórica e uma leitura critica a partir de identity, stengths and opportunities of post-industrial sites**, por Tilman Latz. In VIDAL, Frédéric; FIGUEIRA de FARIA Miguel (coords.), **Patrimónios Fabris e Requalificação Urbana**. 1ª ed. Lisboa: Principia, 2023. p. 237-i-vi.
- FERREIRA, Maria João – **Evolução das Zonas Verdes do Bairro de Olivais Sul**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 1984. Relatório Final de Curso.
- FOLGADO, Deolinda – **A nova ordem industrial. Da fábrica ao território de Lisboa. 1933-1968**. Lisboa: Universidade de Lisboa Faculdade de Letras, 2009. Tese de doutoramento.
- FOLGADO, Deolinda; CUSTODIO, Jorge – **Caminho do Oriente: guia do património industrial**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999. ISBN 927-24-1056-3.

- FUNDAÇÃO BATALHA DE ALJUBARROTA. **Centro de Interpretação** [Em linha]. Aljubarrota: Fundação Batalha de Aljubarrota, 2023. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://fundacao-aljubarrota.pt/centro-de-interpretacao/>
- GALVÃO, Carolina – **Olivais Norte e Sul: produto e testemunho de uma Lisboa em transformação (1954-1964)**. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2024. Tese de Doutoramento.
- GUERREIRO, Rosália – Interstícios urbanos e o conceito de espaço exterior positivo. **Fórum Sociológico** [Em linha]. nº 18 (2008), p. 1-12. [Consult. 23 jul. 2025]. Disponível em <https://journals.openedition.org/sociologico/218>.
- INÁCIO, Carlos; BARREIROS, Fernando – **O bairro da Encarnação e as antigas quintas dos Olivais**. Lisboa: Junta da Freguesia de Santa Maria dos Olivais, 2012.
- JUNTA DE FREGUESIA DOS OLIVAIS – **A urbanização dos Olivais-Norte** [Em linha]. Lisboa: Junta de Freguesia dos Olivais, 2024, s.p. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://olivais.pt/freguesia/historia/>.
- KRAFTWERK BERLIN. **Kraftwerk Berlin** [Em linha]. Berlim: Kraftwerk Berlin, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://kraftwerkberlin.de/wp-content/uploads/2020/03/login-kraftwerkberlin-b8c5a87e8b.jpg>
- LANDEZINE. **Parco Dora** [Em linha]. Ljubljana: Landezine, 2025. [Consult. 15 ago. 2025]. Disponível em https://landezine.com/parco-dora-latz-partner-landscape_architecture
- LATZ + PARTNER. **Landschaftspark Duisburg Nord, DE** [Em linha]. Kranzberg: Latz + Partner, 2023. [Consult. 15 ago. 2025]. Disponível em <https://www.latzundpartner.de/de/projekte/postindustriellelandschaften/landschaftspark-duisburg-nord-de/>.
- LATZ + PARTNER, **Sinterbeckenplatz**, Esch Belval, LU [Em linha]. Kranzberg: Latz + Partner, 2023. [Consult. 15 ago. 2025]. Disponível em <https://www.latzundpartner.de/en/projekte/postindustriellelandschaften/sinterbeckenplatz-esch-belval-lu/>.
- LATZ, Tilman – Identity, Strengths and Opportunities of Post-Industrial Spaces. In VIDAL, Frédéric; FIGUEIRA FARIA, Miguel (coords.), **Patrimónios Fabris e Requalificação Urbana**. Oeiras: Principia, 2023. p. 217-235.
- LUMA. **La Tour** [Em linha]. Arles: Luma, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://www.luma.org/fr/arles.html>
- LX FACTORY. **Lx Factory** [Em linha]. Lisboa: Lx Factory, 2019. [Consult. 10 out. 2025]. Disponível em <https://lxfactory.com/o-lxfactory/>.
- MARICATTO, Isabella; ROCA, Eduardo – Entre paisagens: Às Frestas da Cidade Contemporânea. **Projectare Revista de Arquitetura e Urbanismo** [Em linha]. vol. 1, nº 13 (2023), p. 168-179. [Consult. 15 Mar. 2025]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/370621470_ENTRE_PAISAGENS_AS_FRESTAS_DA_CIDADE_CONTEMPORANEA.
- MARQUES, Inês – **Arte e habitação em Lisboa 1945-1965: cruzamentos entre desenho urbano, arquitetura e arte pública**. Espanha: Universidade de Barcelona, 2012. Tese de doutoramento.

- MATEUS, Luísa; LAÍNHO, Susana – Dar novos lugares aos lugares: Desenvolvimento e recuperação de património fora dos centros urbanos. **Pedra & Cal** [Em linha]. nº 74-75 (jan.-dez. 2023), p. 8-11. [Consult. 15 jul. 2025]. Disponível em http://www.gecorpa.pt/revista_edicao.aspx?idr=77.
- MEENAKSHI, Singhal – Neighborhood unit and its conceptualization in the contemporary urban context. **India Journal** [Em linha], vol. 8, nº 3 (jul-sept. 2011), p. 81-87. [Consult. 10 jan. 2025]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/340887219_Neighborhood_Unit_and_its_Conceptualization_in_the_Contemporary_Urban_Context_in_the_ITPI_Journal_Vol_8_No_3_July-Sept_2011_pp_81-87.
- MENDES, José Amado – A Arqueologia Industrial: uma nova vertente de conservação do património cultural. **Revista Portuguesa de História** [Em linha]. nº 26 (1991), p. 111-124. [Consult. 24 Mar. 2025]. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/12792>.
- MENESES URBINA, David – Pasado, presente y futuro de las ciudades. **Revista de la Universidad de La Salle** [em linha]. Vol. 1, nº 57 (jan. 2012), p. 59-76. [Consult. 20 mar. 2025]. Disponível em <https://revistauls.lasalle.edu.co/issue/view/202>.
- MESQUITA, Jorge – Olivais-Sul. **Revista Municipal**, ano 24, nº. 97 (2º trim.1963), p.70-98.
- MINISTÉRIO PÚBLICO PORTUGAL – Lei de base do ambiente [Em linha]. Lisboa: Procuradoria-Geral Regional de Lisboa. [Consult. 25 Jul. 2025]. Disponível em https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=752&tabela=leis.
- NUNES, João – **À Escala Humana: planeamento urbano e arquitetura de habitação em Olivais Sul: Lisboa**. Lisboa: Camara Municipal de Lisboa, 2007. ISBN: 978-972-8543-08-2.
- OLIVA CREATIVE FACTORY. **Oliva Creative Factory** [Em linha]. São João da Madeira: Oliva Creative Factory, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://www.olivacreativefactory.com/>.
- Olivais – Norte. **Arquitetura revista de arte e construção**. serie 3, nº 81 (março 1964), p.5-11.
- OLIVEIRA, Tiago – A modernidade complexa dos bairros dos Olivais. **Cadernos do Arquivo Municipal** [Em linha]. s.2, n. 12 (jul.-dez. 2019), p.161-181. [Consult. 20 mar. 2025]. Disponível em <https://cadernosarquivo.cm-lisboa.pt/index.php/am/article/view/127/98>.
- OPEN HOUSE LISBOA. **Olivais Sul: Plano Urbano** [em linha]. Lisboa: Trienal de Arquitetura de Lisboa, [s.d.] [Consult. 24 ago. 2025]. Disponível em <https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/olivais-sul-plano-urbano/>.
- ORDEM DOS ARQUITECTOS SECÇÃO REGIONAL SUL, Encomenda – **Mercado dos Olivais – Célula B, Lisboa** [Em linha]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos. 2025. [Consult. 20 mar. 2025]. Disponível em <https://encomenda.oasrs.org/concursos/detalhe/vZBCJk/mercado-dos-olivais-celula-b-lisboa>.
- PARC DE LA VILLETTE. **La Villette** [Em linha]. Paris: Parc de la Villette, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://www.lavillette.com/en/manifestations/visites-decouvertes-du-parc-de-la-villette/>.

- PINHEIRO, Ricardo – **Plano estratégico para a requalificação dos Olivais-Sul utilizando as Nature-based Solutions**. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, 2018. Dissertação de mestrado.
- QUEIRÓS, Carolina – **Metamorfose do espaço**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2017. Dissertação de mestrado.
- RAMOS, Ricardo – **Reabilitação de Edifícios Industriais como Museu**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2011. Dissertação de mestrado.
- ROCHA, Angélica – Por uma defesa da compreensão da paisagem. **A obra nasce: revista de arquitetura da Universidade Fernando Pessoa** [Em linha]. nº 4 (Fev. 2007), p. 7-12. [Consult. 20 ago. 2025]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10284/730>.
- SERRÃO, Adriana – **Filosofia da paisagem: Uma antologia** [Em linha]. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. [Consult. 8 Abr. 2025]. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/704866903/Paisagem-global-um-conceito-para-o-futuro-Ribeiro-Telles>.
- SILVA, Mariana – **Retrofitting da Cidade Moderna: O espaço público nos Olivais Sul**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2021. Dissertação de mestrado em Ordenamento do Território e Urbanismo.
- SILVA, Vasco – **Revolução (Des)industrial: Museificar, Reutilizar e Converter**. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009. Dissertação de mestrado.
- SMARTHISTORY. **A grande Mesquita de Córdoba** [Em linha]. Córdoba: Smarthistory. [Consult. 10 jan. 2025]. Disponível em <https://smarthistory.org/the-great-mosque-of-cordoba/>.
- SMITH, Laurajane – **Uses of heritage**. Londres: Taylor & Francis, 2006.
- TELLES, Gonçalo Ribeiro – A Paisagem Global. In SERRÃO, Adriana (org.). **Filosofia da paisagem: Uma antologia** [Em linha]. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. p.476-486 [Consult. 8 abr. 2025]. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/704866903/Paisagem-global-um-conceito-para-o-futuro-Ribeiro-Telles>.
- TELLES, Gonçalo Ribeiro – Plano Verde Estrutura Ecológica e Componentes Ambientais. **Lisboa Urbanismo, Boletim da Direcção Municipal de Planeamento e Gestão Urbanística/CML**. [Em linha]. ano 4. nº 16 (2001), p. 9-13. [Consult. 05 Set. 2025]. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.5/24859>.
- THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR THE CONSERVATION OF THE INDUSTRIAL HERITAGE – **Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial** [Em Linha]. Nizhny Tagil: TICCIH. 2003. Tradução da responsabilidade da Associação Portuguesa para o Património Industrial. [Consul. 9 jul. 2025]. Disponível em <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>.
- +URBANO. **Fábrica ASA** [Em linha]. Porto: +Urbano, 2020. [Consult. 10 ago. 2025]. Disponível em https://maisurbano.pt/saidawork.aspx?uuid_work=b97b30fd-6df5-7631-ac-31-72d1918455e6&lang=1.

VICENTE, Marta – Conservação crítica e dinâmicas de intervenção no património corrente.

Seminários de cultura arquitetónica antologia de ensaios [Em linha]. DINÂMIA'CET-
-ISCTE, (jan. 2023), p. 39-48. [Consult. 15 jul. 2025]. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/372336258>.

WHYTE, William – **City: Rediscovering the Center**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988. ISBN 978-0-8122-2074-2.

ZECHE ZOLLVEREIN. **Zeche Zollverein** [Em linha]. Essen: Zeche Zollverein, [s.d.]. [Consult. 31 ago. 2025]. Disponível em <https://www.zollverein.de/besuch-planen/was-ist-zollverein/>.